

EDSON ROSA FRANCISCO DE SOUZA

**OS ADVÉRBIOS FOCALIZADORES NO PORTUGUÊS FALADO DO
BRASIL: UMA ABORDAGEM FUNCIONALISTA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de
Biociências, Letras e Ciências Exatas, IBILCE/UNESP,
Campus de São José do Rio Preto, para obtenção do título
de Mestre em Estudos Lingüísticos (Área de
Concentração: Análise Lingüística).

Orientadora: Prof^a Dr^a Marize Mattos Dall’Aglio Hattnher

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

2004

EDSON ROSA FRANCISCO DE SOUZA

**OS ADVÉRBIOS FOCALIZADORES NO PORTUGUÊS FALADO
DO BRASIL: UMA ABORDAGEM FUNCIONALISTA**

COMISSÃO JULGADORA

Titulares

Prof^ª Dr^ª Marize Mattos Dall’Aglío Hattner – Orientadora
UNESP – *Campus* de São José do Rio Preto

Prof^ª Dr^ª Erolde Goreti Pezatti
UNESP – *Campus* de São José do Rio Preto

Prof^ª Dr^ª Mariangela Rios de Oliveira
UFF – Universidade Federal Fluminense

Suplentes

Prof^ª Dr^ª Vânia Cristina Casseb Galvão
UFG – Universidade Federal de Goiás

Prof Dr Sebastião Carlos Leite Gonçalves
UNESP – *Campus* de São José do Rio Preto

Aos meus avós, pais, irmãos e sobrinhos,
que me acompanham em todos os momentos,
dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar sempre comigo

À FAPESP, pelo apoio financeiro a este trabalho

Ao Prof Dr Roberto Gomes Camacho, por compartilhar o seu conhecimento

Ao Prof Dr Lourenço Chacon, a quem ainda devo uma caixa de chocolate Kopenhagen

À Profª Drª Sanderléia Roberta Longhin- Thomazi, pelas ajudas de última hora

Ao Prof Dr Alvaro Luiz Hattner, pela revisão dos textos em Inglês

Ao Prof Dr Manoel Luiz Gonçalves Corrêa, por servir de exemplo

Ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos – IBILCE/UNESP

Ao Laboratório de Recursos Audiovisuais – IBILCE/UNESP

Aos funcionários da Biblioteca, pela orientação nas pesquisas bibliográficas

A todos os colegas do mestrado, em especial, a Lisângela, Taísa, Marcos, Fábio,

Lucivânia, Janeci, Regina, Tatiana, Silmara, Gisele, Valéria,

Liliane, Eduardo, Maria Luíza, Moema, Marcela,

Viviane, Priscila, Talita e Aliana.

A minha eterna gratidão.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

À Profª Drª Marize M. Dall’Aglio Hattner, pela amizade e pelo empenho na orientação, que muito contribuiu para que este momento se tornasse realidade;

À Profª Drª Erotilde Goreti Pezatti, por acreditar em mim e também por trilhar os meus caminhos na graduação, momento em que sempre se mostrou acessível;

Ao Prof Dr Sebastião Carlos Leite Gonçalves, pelo profissionalismo exemplar e pelas valiosas sugestões no exame de qualificação;

À Profª Drª Mariangela Rios de Oliveira, pelo empréstimo de alguns textos e pelas contribuições oferecidas ao trabalho por conta de sua participação como debatedora no III Seminário de Estudos Lingüísticos do Programa de Pós-graduação;

À Profª Drª Luciani Ester Tenani, pelas conversas frutíferas ao longo da minha vida acadêmica e pela assessoria teórica no tocante às questões prosódicas;

Aos Profs Drs Kees Hengeveld e Robert Van Valin Jr, com quem tive a oportunidade de discutir resultados preliminares do trabalho;

Aos meus pais, Antônio e Anésia, fontes de apoio e carinho, que, mesmo diante das diversidades, souberam administrar invejavelmente a educação dos filhos;

Aos meus pais *postiços*, Vanderlei e Denir, por suas palavras de incentivo e consolo, e também por me acolherem em seus corações como um verdadeiro filho;

Às minhas irmãs, Silvia e Nadir, pelas constantes palavras de conforto e compreensão; ao meu irmão, Aparecido, por respeitar as minhas decisões;

Aos meus sobrinhos, Patricia, Daniele, Denise, Daiane e Zurich, representantes da minha eterna infância, por entenderem quase sempre a minha ausência;

À companheira Claudia, pela sinceridade e convivência de todos os dias;

A todos serei eternamente grato.

Quando o Senhor vos tiver dado o pão da angústia e a água da aflição, aquele que te ensina não se esconderá mais e teus olhos verão aquele que te instrui. Tu acharás impuros os revestimentos de prata de teus ídolos e de ouro de tuas estátuas. Tu os rejeitarás como um objeto imundo e dir-lhes-ás: “Fora daqui”. Ele dar-te-á a chuva para a semente que tiveres semeado na terra, e o pão que proporcionará a terra será suculento e nutritivo. Teu gado pastará, nesse dia, em vastas pastagens (Isaías, 30, 20-23).

SOUZA, E. R. F. *Os advérbios focalizadores no português falado do Brasil: uma abordagem funcionalista*. 2004, 175p. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos – Área de concentração: Análise Lingüística). Unesp. Campus de São José do Rio Preto.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo descrever, de acordo com a perspectiva funcionalista, o comportamento dos advérbios focalizadores (*principalmente, exatamente, justamente, também, só*, etc.) e a sua co-ocorrência com outras estratégias de marcação de foco, tais como a ordem especial de constituintes, a construção clivada e a proeminência prosódica, no português falado do Brasil. Centrando o interesse nos efeitos comunicativos produzidos pelos advérbios focalizadores, são analisadas as propriedades sintático-semânticas, pragmáticas e prosódicas atreladas ao uso desses mecanismos no português. A análise dos dados demonstrou que os advérbios focalizadores (AdvFs) constituem a principal estratégia utilizada pelo falante para focalizar um constituinte da oração, sem que para isso seja necessário alterar sua ordem para acomodar a *Função Pragmática Foco*. Demonstrou-se, também, que o Foco no PB, em geral, recai sobre um único constituinte da oração (complemento verbal, predicator, adjunto adverbial, etc.). Quanto à co-ocorrência dos AdvFs com outras estratégias de focalização, verificou-se que o falante, na busca por clareza ao elaborar a expressão lingüística, utiliza-se de duas ou mais estratégias para focalizar um mesmo constituinte da oração. O universo de investigação é constituído por inquéritos do corpus mínimo do Projeto de Gramática do Português Falado (PGPF).

PALAVRAS-CHAVES: Advérbios focalizadores, Funções pragmáticas, Foco.

SOUZA, E. R. F. *The focus adverbs in Brazilian spoken Portuguese: a functional approach*. 2004, 175p. Dissertation (Master's degree in Linguistic Studies – Concentration Area: Linguistic Analysis). Unesp. Campus de São José do Rio Preto.

ABSTRACT

The aim of this research is to describe the behavior of *focus adverbs* (*principalmente, exatamente, justamente, também, só* etc.) and their co-occurrence with other focus strategies such as special word order, cleft construction or prosodic prominence in Brazilian spoken Portuguese. Taking into account the communicative effects produced by the focus adverbs, we analyzed the syntactic, semantic, pragmatic and prosodic properties related to the use of those mechanisms in Portuguese. Data analysis showed that focus adverbs constitute the main strategy used by the speaker to focalize a clause constituent, without being necessary to change its order to accommodate the Focus pragmatic function. It was also showed that the focus generally falls upon only one clause constituent (verbal complement, predicate, satellite). As to the co-occurrence of adverbs with others focus strategies, it was verified that the speaker, in an attempt to express him/herself clearly, uses two or more strategies to focus the same constituent of the clause. The data for this research comes from the corpus of the Grammar of Spoken Portuguese Project (Projeto de Gramática do Português Falado).

KEY-WORDS: Focus adverbs, pragmatic functions, focus.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS, QUADROS E GRÁFICOS.....	11
LISTA DE TABELAS.....	12
INTRODUÇÃO.....	13
1. PALAVRAS INICIAIS	13
2. JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DO TEMA	14
3. OBJETIVOS DO TRABALHO.....	18
4. HIPÓTESES DO TRABALHO.....	19
5. ORGANIZAÇÃO GERAL DO TRABALHO.....	21
 CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	22
1.1. TEORIA FUNCIONALISTA DE DIK	22
1.1.1. Modelo de Interação verbal.....	26
1.1.2. Estrutura hierárquica da oração.....	28
1.2. CARACTERIZAÇÃO DA FUNÇÃO PRAGMÁTICA FOCO.....	33
1.3. TIPOLOGIA DE FOCO NA GPR E NA GF: PONTOS DE CONTATO	38
 CAPÍTULO 2: ADVÉRBIOS FOCALIZADORES NA LITERATURA LINGÜÍSTICA	47
2.1. DEFINIÇÃO DE ADVÉRBIOS NA GRAMÁTICA FUNCIONAL	47
2.2. CLASSE DE ADVÉRBIOS: ALGUMAS PROPOSTAS DE ANÁLISE.....	52
2.3. SOBRE OS ADVÉRBIOS FOCALIZADORES.....	55
2.3.1. Noção de escopo	67
2.3.1. Estatuto prosódico	73
 CAPÍTULO 3: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	78
3.1. ESPECIFICAÇÃO DO <i>CORPUS</i> DE ANÁLISE.....	78
3.2. GRUPO DE FATORES.....	80
3.3. TRATAMENTO QUANTITATIVO DOS DADOS.....	90

3.4. PROGRAMA COMPUTACIONAL PRAAT.....	91
CAPÍTULO 4: CARACTERIZAÇÃO FUNCIONAL DOS ADVÉRBIOS FOCALIZADORES NO PORTUGUÊS FALADO DO BRASIL.....	93
4. ANÁLISE DOS DADOS	93
4.1. ASPECTOS SINTÁTICO-SEMÂNTICOS	93
4.1.1. Tipos de Advérbios Focalizadores	94
4.1.2. Ordenação dos constituintes da oração na presença de AdvFs.	99
4.1.3. Orientação do advérbio em relação ao seu escopo.....	105
4.1.4. Escopo dos Advérbios focalizadores.....	109
4.2. ASPECTOS PRAGMÁTICOS	120
4.2.1. Tipo de Foco expresso pelos advérbios.....	120
4.2.2. Estatuto informacional do elemento focalizado e a ordem SVO.....	126
4.2.4. Advérbios focalizadores <i>versus</i> Satélites adverbiais	131
4.3. ASPECTOS PROSÓDICOS.....	135
4.3.1. Presença de pausa à direita do elemento focalizado.....	135
 CAPÍTULO 5: CO-OCORRÊNCIA DE ESTRATÉGIAS DE FOCALIZAÇÃO	 141
5.1. EVIDÊNCIAS DA CO-OCORRÊNCIA DE ESTRATÉGIAS DE FOCALIZAÇÃO.....	141
5.2. Análise descritiva dos casos de co-ocorrência de estratégias de focalização	146
5.2.1. Foco marcado pela Ordem especial + Advérbio focalizador.....	149
5.2.2. Foco marcado pela Construção clivada + Advérbio focalizador.....	151
5.2.3. Foco marcado pela Proeminência prosódica + Advérbio focalizador.....	153
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 158
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	 163
 ANEXOS.....	 173

LISTA DE FIGURAS, QUADROS E GRÁFICOS

Capítulo 1

<i>Figura 1: Modelo de interação verbal</i>	27
<i>Figura 2: Etapas da descrição da oração (Dik, 1989. p. 46)</i>	28
<i>Figura 3: Estrutura subjacente da oração</i>	28
<i>Quadro 1: Estrutura hierárquica da oração conforme Dik (1989)</i>	32
<i>Quadro 2: Tipos de Foco e Finalidade comunicativa</i>	36
<i>Quadro 3: Tipologia de Foco (Adaptado de Van Valin & LaPolla, 1997)</i>	41
<i>Figura 4: Sobreposição de Tópico e Foco</i>	44

Capítulo 2

Figura 5: F0 de “exatamente se a gente for parar para fazer as coisas calmamente” ...	60
Figura 6: Foco e Escopo	71

Capítulo 4

Figura 7: Representação do Foco seletivo	123
Gráfico 1: Forma de manifestação do elemento focalizado	113
Gráfico 2: Relação entre Tipos de AdvFs e Tipos de Foco	125
<i>Quadro 4: Distinção entre estruturas marcadas e não-marcadas</i>	130
<i>Figura 8: F0 de “ele viu que os irmãos aprendiam francês e ele só que não falava”</i>	138
<i>Figura 9: F0 de “fora disso tem cada três meses também tem jantar dançante”</i>	139

LISTA DE TABELAS

Capítulo 4

<i>Tabela 1: Tipos de Advérbios Focalizadores.....</i>	94
<i>Tabela 2: Ordenação dos constituintes da oração na presença de AdvFs</i>	99
<i>Tabela 3: Orientação do advérbio em relação ao seu escopo</i>	105
<i>Tabela 4: Escopo dos Advérbios Focalizadores</i>	109
<i>Tabela 5: Tipo de Foco expresso pelos advérbios.....</i>	120
<i>Tabela 6: Estatuto Informacional dos elementos focalizados pelos AdvS..</i>	127
<i>Tabela 7: Relação entre estatuto informacional e ordenação dos constituintes</i>	129
<i>Tabela 8: Presença de pausa à direita do elemento focalizado.....</i>	136

Capítulo 5

<i>Tabela 9: Co-ocorrência de estratégias de focalização.....</i>	146
---	-----

INTRODUÇÃO

“A linguagem é, de tal modo, onipresente que a aceitamos e sabemos que SEM ela a sociedade, tal como a conhecemos, seria impossível” (R. Langacker).

1. PALAVRAS INICIAIS

Ancorado nos pressupostos teóricos da perspectiva funcionalista adotada por Dik (1989; 1997) e Hengeveld (1997), para a qual a linguagem é primariamente definida como um instrumento de interação verbal, o presente trabalho tem por objetivo descrever o comportamento de formas adverbiais (*exatamente, principalmente, justamente, somente, também, só, etc.*) utilizadas na marcação de Foco e sua co-ocorrência com outras estratégias de focalização, como a *ordem especial de constituintes*, as *construções de clivagem* e a *proeminência prosódica*, no português falado do Brasil (PB). Em termos específicos, o nosso objetivo é investigar os aspectos sintáticos, semânticos, pragmáticos e prosódicos atrelados ao uso desses mecanismos de focalização na atribuição de Foco a determinados constituintes da oração e, principalmente, o seu papel na codificação do estatuto informacional dos elementos focalizados (informação nova, dada e inferível), segundo os pressupostos teóricos de Prince (1981).

No contexto da Gramática Funcional, mais especificamente nos limites teóricos da Gramática Funcional de Dik (1989), o Foco é entendido como a informação mais importante ou saliente em uma dada situação comunicativa, parte considerada pelo falante como essencial à informação pragmática do ouvinte. Nesse sentido, a informação focal

constitui, nas palavras de Dik (*op. cit.*) e Braga (1999), o quadro de mudanças que o falante deseja efetuar na informação pragmática do ouvinte (adição ou substituição).

Por se tratar de um tema desafiador no PB, mostraremos aqui, inclusive como argumento para as nossas hipóteses lingüísticas, que o processo de focalização implementado pelas formas adverbiais (aqui referidas como advérbios focalizadores) é extremamente produtivo no português brasileiro, assim como em outras línguas, tais como o Inglês, o Espanhol e o Árabe. Estudos como o de Van Valin & Lapolla (1997) e Van Valin (1999) procuram mostrar, por exemplo, que as línguas podem ser classificadas não somente em termos de sua estrutura sintática, mas também em termos de sua estrutura de Foco. Miguel & Fernandez-Lagunilla (1999), por sua vez, procuram salientar que, além da ação focalizadora desempenhada por esses e vários outros elementos, os advérbios podem ainda ser investigados no tocante às questões relacionadas à restrição aspectual.

Assim, o nosso estudo se voltará não só para a descrição dos casos de advérbios focalizadores como um todo (doravante, AdvFs), como também para os casos em que esses mecanismos co-ocorrerem com a ordem especial, com as construções de clivagem e com a proeminência prosódica para focalizar um mesmo ‘constituente’ na estrutura oracional, fenômeno esse que ainda não foi amplamente explorado pelos estudos funcionalistas, cujas preocupações tendem a se concentrar em dois aspectos: (i) na caracterização dos tipos de Focos encontrados nas línguas, e (ii) no tratamento isolado das estratégias formais e não-formais de marcação de Foco.

2. JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DO TEMA

Uma das justificativas desse trabalho está relacionada às dificuldades com as quais nos deparamos, no início de sua execução, ao tentarmos encontrar na literatura lingüística uma bibliografia crítica sobre a classe dos advérbios e, principalmente, sobre o grupo dos AdvFs, que nos ajudasse a entender o seu funcionamento. Entre os estudos encontrados no Brasil, vale destacar o trabalho de Ilari *et alii* (1990) sobre a posição dos advérbios, cujas colocações e inquietações, ali compartilhadas com o leitor, fizeram-nos investigar mais aprofundadamente as questões levantadas pelos autores e, em especial, o comportamento singular das formas adverbiais responsáveis pela marcação da *Função Pragmática Foco*. Nesse estudo, os autores identificam a focalização como uma das muitas funções exercidas por essa classe de advérbios, considerada extremamente heterogênea por vários outros estudiosos (cf. Matos, 2000; Hengeveld, 1997; Mackenzie, 2001). Advérbios como *justamente* e *principalmente*, que “chamam a atenção para o papel semântico de uma expressão próxima” (Ilari *et alii*, 1990, p.76) ou “aplicam a algum constituinte um carimbo de ‘conferido’, sugerindo que o locutor está de posse dos resultados de alguma verificação” (*id. ibid.*), são agrupados ao lado de advérbios que indicam inclusão ou exclusão, como *também* e *só*, por “darem destaque a um constituinte”.

Mais tarde, em um estudo centrado exclusivamente no uso dos AdvFs no português, Ilari (1992) procura trazer uma definição um pouco mais refinada acerca do estatuto focalizador dos advérbios, vista a seguir:

diremos que uma expressão adverbial realiza uma operação de focalização no sentido que estamos procurando caracterizar quando: (i) aplicada a um segmento da oração... (ii) explicita que esse segmento fornece informações mais exatas que a média do texto, em decorrência de uma operação prévia de verificação... (iii) que por sua vez implica um roteiro próprio, por exemplo, a comparação implícita com algum modelo ou parâmetro recuperável no co(n)texto. (Ilari, 1992, p.196)

Essa formulação, ainda que imprecisa, já aponta para a necessidade de explicações pragmático-discursivas para as diferentes ‘posições’ e funções que os elementos adverbiais assumem na estrutura oracional. No caso específico dos AdvFs, que têm atuação diretamente relacionada ao fluxo de informação, os postulados teóricos de Prince (1981) acerca da organização e tipologia do estatuto informacional da oração parecem ser cruciais para tentar entender a ação focalizadora dessa classe, que é pouco estudada na teoria funcionalista (cf. Hengeveld, 1997).

Atenta às distinções sintáticas existentes entre os elementos da classe adverbial, a Gramática Funcional (doravante, GF) procura distingui-los em função do predicado verbal. Em outros termos, para a GF, quando não atuam como complemento do verbo, os constituintes adverbiais são, segundo Dik *et alii* (1990) e Hengeveld (1989), geralmente referidos como *satélites*,¹ ou seja, como elementos não-argumentais que fornecem informações adicionais a uma dada camada específica da oração. No entanto, o que se vê na GF é que a caracterização referente ao papel dos AdvFs nas línguas naturais ainda não se mostra muito clara, o que a leva a adotar um termo mais neutro - “marcadores especiais” - para se referir àqueles elementos que atuam na marcação de Foco, exatamente por entender que o seu papel é muito mais gramatical do que propriamente lexical. Embora Dik (1989) não fale explicitamente de quais elementos atuariam como *marcadores especiais* de Foco,² argumentamos que os AdvFs são os principais representantes dessa ‘categoria’, uma vez que boa parte dos estudos publicados acerca do assunto os elege como os responsáveis por essa tarefa.

¹ Sobre a definição de *satélites*, conferir o capítulo 2, na seção 2.1 “Definição de advérbios na Gramática Funcional” (cf. Dik *et alii*, 1990; Hengeveld, 1997).

² Em suas exemplificações, as construções de clivagem e a ordem especial são as duas estratégias de Foco mais comentadas. Os marcadores especiais (tais como *AdvFs*) são pouco citados.

Percebe-se, assim, que as dificuldades e as inconstâncias que envolvem essa classe de palavras (em especial a dos focalizadores) são várias, portanto, fortes o suficiente para nos levar a estudá-la mais acirradamente.

Além disso, no que diz respeito às estratégias de focalização, poucos são os trabalhos que tentam analisar a relação dos AdvFs com a manutenção da ordem canônica dos constituintes da oração, na medida em que esses mecanismos podem atuar sobre qualquer elemento, sem que para isso seja necessário alterar a ordem da oração para marcar o Foco. Para investigar essa relação optamos por estabelecer um diálogo entre a Gramática Funcional de Dik (1989) e a *Role and Reference Grammar* (Gramática de Papel e Referência) de Van Valin & Lapolla (1997), para os quais a estrutura de Foco é sempre analisada em relação à estrutura sintática. Considerando a importância da proeminência prosódica no Inglês, que é, segundo os autores, uma língua de estrutura sintática rígida e estrutura de foco flexível, nossa expectativa é a de que os AdvFs exerçam no PB a mesma função que a proeminência prosódica exerce no Inglês, que é a de focalizar qualquer constituinte sem alterar a ordem da oração. Acreditamos que o diálogo entre essas duas teorias funcionalistas permitirá que se analise não somente a importância dos AdvFs na estrutura oracional do PB, como também a possibilidade de o Foco incidir sobre mais de um constituinte, fato que é desconsiderado pela teoria Dik (1989), para quem a informação relativamente mais importante se restringe ao nível da predicação, com o escopo incidindo apenas sobre um constituinte da oração.

Situada nesse mesmo contexto, a dificuldade de se encontrar na literatura um estudo que verse sobre o processo de co-ocorrência de estratégias de focalização também é uma outra justificativa para a realização deste trabalho. De certa forma, o fato de se encontrarem poucos estudos sobre o assunto é até compreensível em meio ao funcionalismo moderado de Dik, pois falar em co-ocorrência de estratégias de focalização

significa admitir que uma ordem especial de constituintes atua juntamente com o advérbio focalizador para marcar o Foco da oração. Nesse caso, nossa tarefa será verificar por quê esse fenômeno costuma correr, uma vez que a ordem especial, bastante recorrente entre as línguas do mundo, por si só já bastaria para expressar a função pragmática *Foco*.

Tentando investigar essas e outras questões arroladas ao longo do trabalho, acreditamos que somente uma abordagem funcionalista, que permita um estudo integrado das propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas das expressões lingüísticas, é que poderá oferecer um tratamento adequado ao tema.

3. OBJETIVOS DO TRABALHO

Centrando o interesse nos efeitos comunicativos das expressões lingüísticas de línguas naturais, o objetivo geral dessa pesquisa, conforme já apontado na seção anterior, é o de investigar a funcionalidade dos AdvFs e a sua co-ocorrência com outras estratégias de focalização (ordem especial de constituintes, construções clivadas e a proeminência prosódica), no português falado do Brasil, de acordo com os pressupostos teóricos de Dik (1989; 1997), Hengeveld (1997), Van Valin & Lapolla (1997) e Van Valin (1999). Assim, procuraremos verificar qual a importância desses mecanismos de focalização no processo de interação verbal e na ordenação dos constituintes da oração.

Buscando entender o funcionamento dos AdvFs mais detalhadamente, a pesquisa que aqui se propõe tem os seguintes objetivos específicos:

- a) descrever formal e funcionalmente os AdvFs e as suas possibilidades de co-ocorrência no português falado, à luz da amplitude de seu *escopo* e de sua *finalidade comunicativa*;³
- b) investigar as razões pragmáticas que favorecem o uso das estratégias de focalização em contextos comunicativos e, principalmente, o seu papel na codificação do estatuto informacional (informação nova, dada e inferível) dos elementos focalizados, segundo a classificação proposta por Prince (1981);
- c) verificar se os AdvFs podem ser arrolados como uma estratégia utilizada pelo falante para manter a ordem não-marcada dos constituintes da oração no que diz respeito à marcação de Foco, a saber: P1 S V O X;
- d) analisar quais as razões comunicativas que levam o falante a focalizar, por meio do advérbio um constituinte já alocado na posição inicial da oração (P1), sendo esta última considerada uma outra estratégia especial para a marcação de Foco;
- e) verificar de que maneira as concepções de Van Valin (1999) acerca da estrutura de foco e de rigidez sintática podem colaborar para explicar a co-ocorrência de estratégias de focalização, as diferentes posições ocupadas pelos advérbios e os diferentes efeitos de sentidos obtidos em sua utilização.

4. HIPÓTESES DO TRABALHO

Concordando com a idéia de que as expressões lingüísticas só podem ser analisadas adequadamente se forem consideradas operando em circunstâncias efetivas de interação verbal, somos levados a aceitar, assim como Connolly (1998) e Pezatti (1998), que as informações contextual e situacional disponíveis aos interlocutores no momento da interação são as responsáveis pela codeterminação de suas propriedades lingüísticas. Nesse contexto, o aparato teórico básico dessa pesquisa está centrado na importância das *Funções Pragmáticas* no universo comunicativo dos interlocutores, já que a pressuposição básica para o tipo de exploração a ser empreendido aqui é o entendimento de que, em virtude do

³ Segundo Dik (1989), o *escopo* é a parte da estrutura subjacente da oração que é focalizada, ao passo que a *finalidade comunicativa* corresponde às razões pragmáticas que levam a atribuição de Foco à essa ou àquela parte da estrutura subjacente da oração.

vasto universo das propriedades funcionais da linguagem, o falante, movido por intenções comunicativas, organiza suas expressões lingüísticas de acordo com a avaliação que elabora da informação pragmática do ouvinte, numa dada situação de interação verbal (cf. Chafe, 1976; Hopper & Thompson, 1980; Dik, 1989).

Com relação às noções de rigidez ou flexibilidade sintática das línguas, Van Valin (1999) assinala que estas estão associadas à ordem de seus constituintes na oração, ou seja, à possibilidade de as línguas poderem alterar ou não sua ordem de palavras, para atender a propósitos pragmáticos. Assim, uma de nossas primeiras hipóteses surge em função não só das colocações de Van Valin (*idem*) sobre as noções de rigidez *versus* flexibilidade sintática e focal, como também das observações de Brentan (2001) sobre esse mesmo aspecto no PB. Entre outros resultados, Brentan mostrou que o português, diferentemente do Inglês, apresenta uma estrutura sintática mais flexível. Nesse sentido, acreditamos que a co-ocorrência de estratégias de focalização (ordem especial, construção clivada, proeminência prosódica) poderá ser, em princípio, explicada pelo fato de o português apresentar uma estrutura sintática menos rígida que a do Inglês.

Sobre os AdvFs e o fenômeno de co-ocorrência de estratégias de focalização, esperamos confirmar as seguintes hipóteses:

- (i) Ao olharmos para o comportamento dos AdvFs no PB, a nossa expectativa é a de que, mesmo havendo casos de co-ocorrência, esses instrumentos de Foco sejam definidos como uma das principais estratégias utilizadas pelo falante para focalizar um constituinte sem ter de alterar a ordem não- marcada dos termos da oração.
- (ii) Acreditamos que nem todos os tipos de Foco podem ser expressos pelos AdvFs, uma vez que parece haver uma tendência para a especialização de certas estratégias na expressão de determinados tipos de Foco. O Foco completo, por exemplo, tende a ser marcado pela ordem especial de constituintes.
- (iii) Com relação à tipologia de Foco de Van Valin & Lapolla (1997), a nossa expectativa é a de que o PB esteja mais estreitamente relacionado ao que os autores chamam de

Foco estreito, já que é o único tipo de Foco que atua apenas sobre um constituinte da predicação, característica essencial na classificação de Foco de Dik (1989).

- (iv) Em se tratando da atuação conjunta dos AdvFs com a ordem especial, as construções clivadas e a proeminência prosódica, a nossa hipótese é a de que essa dupla marcação seja considerada funcionalmente complementar (nos casos em que os AdvFs co-ocorrerem com a ordem especial e com as construções clivadas) e de reforço (nos casos em que os advérbios co-ocorrerem com a proeminência prosódica).

5. ORGANIZAÇÃO GERAL DO TRABALHO

O presente trabalho está dividido em cinco capítulos. No primeiro, intitulado *Fundamentação teórica*, apresentamos os conceitos operacionais da Gramática Funcional essenciais à realização dos objetivos do trabalho.

No segundo capítulo, *Advérbios focalizadores na Literatura Lingüística*, trazemos uma revisão bibliográfica do tema, juntamente com a discussão das noções de escopo e do estatuto prosódico dos AdvFs.

No terceiro capítulo, *Procedimentos metodológicos*, apresentamos o material e os instrumentos de análise, isto é, o *corpus* que serviu de amostra para o levantamento dos dados, os parâmetros de análise e as ferramentas computacionais, os Programas VARBRUL e PRAAT, sendo este último utilizado para análise dos elementos prosódicos atrelados à manifestação de Foco.

Em conformidade com as hipóteses do trabalho, mostramos, no quarto capítulo, *Caracterização funcional dos Advérbios focalizadores no português falado do Brasil*, os resultados da análise. Nesta etapa, foram privilegiados os aspectos sintático-semânticos, pragmáticos e prosódicos, com base em evidências de natureza quantitativa que permitiram equacionar as nossas intuições lingüísticas sobre o tema.

No quinto capítulo, denominado *Co-ocorrência de estratégias de focalização*, apresentamos um breve apanhado das três principais estratégias de Foco propostas por Dik (1989) e a análise descritiva desse processo.

Por fim, fecham este trabalho as *Considerações finais* em que fazemos um balanço das hipóteses e questões discutidas ao longo do texto, com o intuito de estabelecer algumas regularidades acerca do funcionamento dos AdvFs no português falado do Brasil.

CAPÍTULO 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Um trabalho que vise à caracterização do comportamento dos AdvFs no PB e a sua co-ocorrência com outras estratégias de focalização não poderá fugir de um modelo teórico que considere os aspectos sintáticos e semânticos das expressões lingüísticas integrados ao componente pragmático, assim como faz a teoria funcionalista da linguagem. Dessa forma, apresentaremos neste capítulo os conceitos operacionais da Gramática Funcional de Dik que servirão de embasamento para o desenvolvimento das questões lingüísticas apresentadas ao longo do trabalho.

1.1. TEORIA FUNCIONALISTA DE DIK

Segundo o ponto de vista funcional, uma língua natural deve ser considerada, primeiramente, “como um instrumento de interação social por meio do qual seres humanos podem se comunicar uns com os outros e, assim, influenciar mutuamente as atividades mentais e práticas” (Dik, 1980, p.1). Nesse sentido, o funcionalismo considera que “a situação comunicativa motiva, restringe, explica ou determina a estrutura gramatical” (Nichols, 1984, p.97).

Para Dik (1989), a abordagem funcionalista tem por interesse verificar as seguintes questões: Como opera um usuário de língua natural (ULN)? Como as pessoas se comunicam entre si por meio do uso de expressões lingüísticas? Como é possível fazer-se entender e influenciar o estoque de informação dos outros a partir de meios lingüísticos?

Em meio a essas questões, a simples tentativa de construção de Modelo de ULN já é o suficiente para entender que o ULN é mais que um “animal lingüístico”. Nesse contexto, há muitas outras funções humanas superiores envolvidas no uso comunicativo de uma língua do que uma mera função lingüística. Como visto, as capacidades descritas abaixo exercem papéis essenciais na comunicação lingüística, e, por isso, são incorporadas ao Modelo de ULN proposto por Dik (1989):

- (i) **capacidade lingüística:** o ULN é capaz de produzir e interpretar corretamente expressões lingüísticas de grande complexidade e variedade estrutural num grande número de situações comunicativas;
- (ii) **capacidade epistêmica:** o ULN é capaz de construir, manter e explorar uma base de conhecimento organizado; ele pode derivar conhecimento a partir de expressões lingüísticas, arquivá-lo de forma apropriada e utilizá-lo na interpretação de expressões lingüísticas posteriores;
- (iii) **capacidade lógica:** provido de certos conhecimentos, o ULN é capaz de derivar outros tipos de conhecimento por meio de regras de raciocínio, monitoradas tanto por princípios de lógica dedutiva quanto por princípios de lógica probabilística;
- (iv) **capacidade perceptual:** o ULN é capaz de perceber seu contexto, derivar conhecimento a partir de suas percepções e usar esse conhecimento tanto na produção quanto na interpretação de expressões lingüísticas;
- (v) **capacidade social:** o ULN sabe não somente o que dizer mas também como dizê-lo a um interlocutor particular numa dada situação comunicativa a fim de atingir metas comunicativas particulares.

No âmbito desse modelo, que se define no contexto comunicativo, a interação verbal é definida como uma atividade estruturada (governada por normas e convenções) e cooperativa (necessita de pelo menos dois participantes para que seja realizada). No processo de interação verbal, os participantes servem-se de certos instrumentos que, de

modo geral, são denominados *expressões lingüísticas* (também entidades estruturadas, isto é, governadas por regras e princípios que determinam sua formação).

Assim, do ponto de vista funcional, a lingüística tem que lidar com dois tipos de sistemas de regra, ambos ratificados por convenção social:

- (1) as regras que governam a constituição das expressões lingüísticas (regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas);
- (2) as regras que governam os padrões de interação verbal em que essas expressões lingüísticas são usadas (regras pragmáticas).

De acordo com Dik, o sistema de regras (1) é instrumental em relação aos objetivos e propósitos do sistema (2): a exigência básica do paradigma funcional é que expressões lingüísticas devem ser descritas e explicadas em termos do arcabouço geral fornecido pelo sistema pragmático da interação verbal. Aqui, a interação verbal em si deve ser vista como integrada às funções cognitivas superiores do ULN.

Dois princípios de explicação funcional devem ser aplicados:

- 1) uma teoria da linguagem não deve se contentar em mostrar as regras e os princípios subjacentes à construção das expressões lingüísticas por si sós, mas explicá-los em termos de sua funcionalidade em relação aos modos como as expressões são usadas;
- 2) embora uma teoria das expressões lingüísticas não seja por si só o mesmo que uma teoria da interação verbal, exige-se que ela seja incorporada no bojo de uma teoria pragmática da interação verbal mais abrangente. Em último caso, a teoria da gramática deve ser um sub-componente integrado da teoria do ULN.

Mediante a classificação do funcionalismo dada por Nichols (1984) em *funcionalismo conservador*, *funcionalismo extremo* e um *funcionalismo moderado*, Van

Valin (1990, *apud* Neves, 1994) colocou entre as moderadas as propostas de Simon Dik⁴ e a de Michael Halliday. Para o autor, moderadas são as abordagens que, reconhecendo a inadequação de um formalismo e de um estruturalismo estritos, propõem alternativas funcionalistas para a análise. Segundo Neves (2001), essa corrente procura enfatizar a importância da semântica e da pragmática para a análise da estrutura lingüística, porém, admitindo que a noção de estrutura é central para o entendimento das línguas naturais. Vale lembrar, no entanto, que essa concepção de estrutura lingüística é diferente daquela proposta pelos formalistas.⁵

Em outros termos, para Neves (1997), no modelo teórico de Dik (1980; 1989), os componentes sintáticos e semânticos encontram-se integrados a uma teoria pragmática, que, por sua vez, envolve a intervenção:

- dos papéis envolvidos nos estados de coisas designados pelas predicções (funções semânticas);
- da perspectiva selecionada para apresentação dos estados de coisas na expressão lingüística (funções sintáticas);
- do estatuto informacional dos constituintes dentro do contexto comunicativo em que eles ocorrem (funções pragmáticas).

Trata-se de uma teoria que procura, segundo Gebruers (1984, *apud* Neves, 1997), oferecer “um quadro para a descrição científica da organização lingüística em termos das necessidades pragmáticas da interação verbal, na medida em que isso é possível” (p. 349).

⁴ Dizem Bolkestein *et alii* (1985, *apud* Neves, 1994) que foi Dik (1978) que pela primeira vez colocou a Gramática Funcional na teoria geral da sistematicidade da linguagem, tendo sido, desde então, trabalhada e refinada por colaboradores, tanto na Holanda como em outros países.

⁵ Discutindo algumas diferenças e similaridades entre os modelos formalista e funcionalista, Mackenzie (1992) destaca que a gramática funcional ocupa uma posição intermediária em relação às abordagens que dão conta apenas da sistematicidade da estrutura da língua ou apenas da instrumentalidade do seu uso. Segundo o autor, ela tem como hipótese fundamental a existência de uma relação não-arbitrária entre a instrumentalidade do uso da língua (o funcional) e a sistematicidade da estrutura lingüística (a gramática).

Nesse sentido, do ponto de vista funcionalista, na interação verbal, a relação entre a intenção do falante e a interpretação do ouvinte tem a expressão lingüística apenas como mediadora da interação. Considerando sua função, Dik (1989) diz que a expressão lingüística está atrelada à intenção do falante, à sua informação pragmática e à antecipação que ele faz da interpretação do ouvinte.

1.1.1. Modelo de Interação Verbal

Reconhecida a função instrumental da linguagem, Dik (1989) propõe um modelo de interação verbal com o objetivo de equacionar a consideração funcionalista do papel da expressão lingüística dentro da comunicação. Em função do comportamento dos AdvFs no PB e de sua importância na manifestação da função Foco, acreditamos que esse modelo de interação pode ser bastante útil, já que, no processo de focalização, ele tende a recuperar tanto as ações do falante quanto as do ouvinte como um todo.

Nesse esquema proposto por Dik (1989), o Falante (F) e o Ouvinte (O) possuem uma grande quantidade de informação pragmática (P). Assim, ao dizer algo para O, a intenção de F é efetuar alguma modificação em P(O). Para tanto, F deve ter algum tipo de intenção comunicativa, um tipo de plano mental concernente à modificação que deseja causar em P(O). O problema de F é formular sua intenção de modo que tenha uma chance razoável de levar à modificação desejada em P(O). Nesse sentido, F deve então antecipar a interpretação que provavelmente O deve atribuir a sua expressão lingüística, dado o atual estado de P(O). Essa antecipação requer que F tenha um quadro razoável das partes relevantes de P(O), em outras palavras, uma avaliação de P(O) é parte de P(F). O, por outro lado, interpreta a expressão lingüística de F à luz de sua P(O) e de sua avaliação de

P(F), tentando, assim, chegar à reconstrução da intenção comunicativa de F. Se O não chegar à interpretação comparável à intenção comunicativa de F, poderá haver, então, um desentendimento entre os interlocutores.

Vejamos a representação do modelo na figura 1 abaixo:

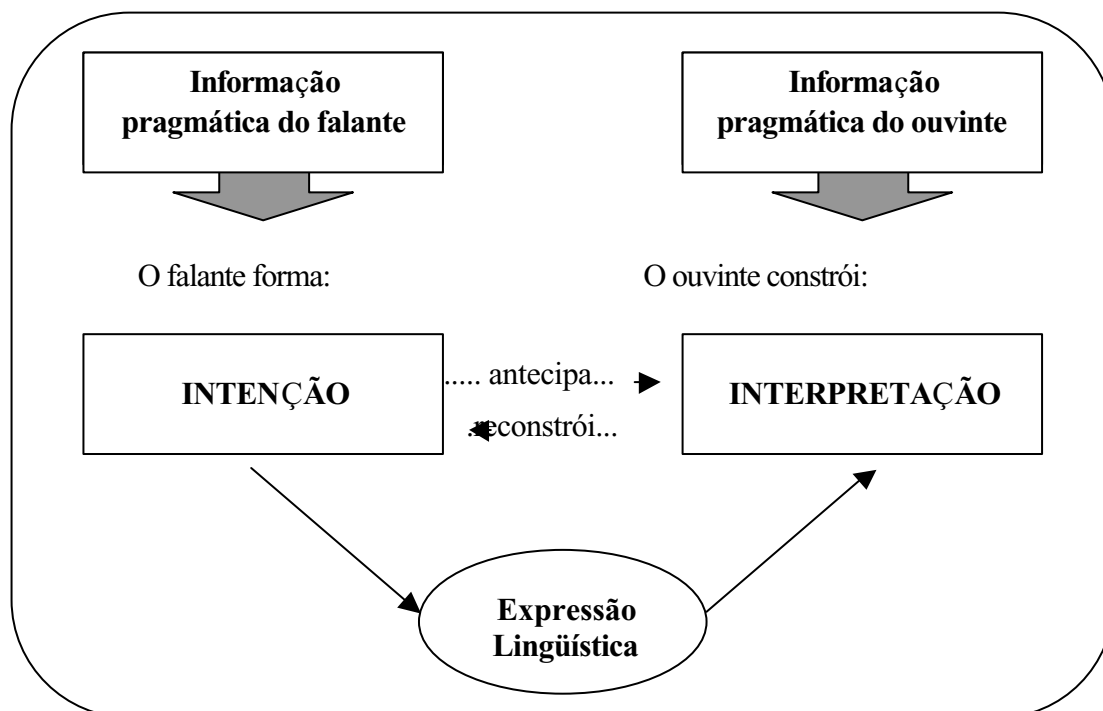


Figura 1: Modelo de interação verbal (Dik, 1989, p. 8)

É importante frisar que a relação entre a intenção de F e a interpretação de O é apenas mediada, e não estabelecida, pela expressão lingüística. Do ponto de vista de O, isso significa que a sua interpretação em parte se baseará na informação contida na expressão lingüística como tal. É interessante notar, ainda, que a informação que O já detém também é muito importante para a interpretação da expressão lingüística e, principalmente, dos mecanismos de Foco. Assim, pode-se dizer que essa expressão lingüística é uma função da intenção de F, de sua informação pragmática e de sua antecipação da interpretação de O, enquanto a interpretação de O é uma função da

expressão lingüística, da informação pragmática de O e de sua conjectura sobre qual é a intenção comunicativa de F.

1.1.2. Estrutura hierárquica da oração

No modelo proposto por Dik (1989), a descrição de uma expressão lingüística começa com a construção de uma predicação subjacente que, logo em seguida, é projetada na forma de expressão por meio de regras que determinam a forma e a ordem em que os constituintes da predicação subjacente são superficializados, como se vê na figura abaixo:

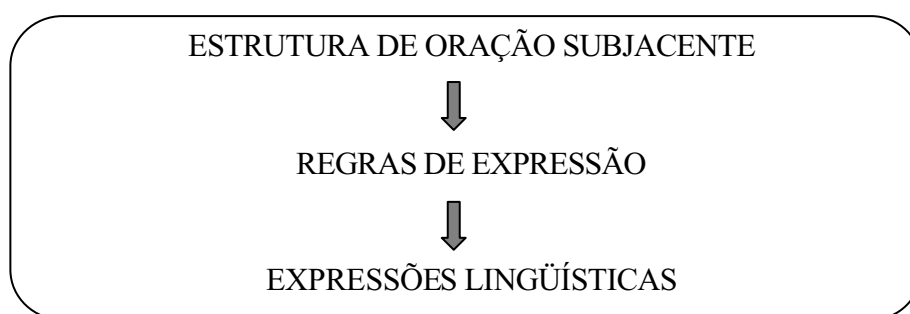


Figura 2: Etapas da descrição da oração (Dik, 1989. p. 46)

Como a estrutura abstrata da oração é complexa, ela deve ser distinguida em níveis ou camadas de organização formal e semântica (estrutura hierárquica):

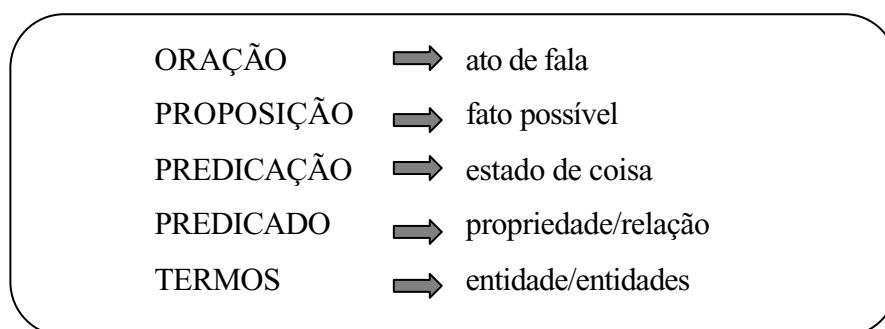


Figura 3: Estrutura subjacente da oração

A construção de uma estrutura subjacente requer, primeiramente, um *predicado* que deve ser aplicado a um número apropriado de *termos*. Nesse contexto, *predicados* designam propriedades ou relações, enquanto termos são usados para se referir a entidades, sejam elas entidades de primeira ordem ou não. Vejamos o exemplo seguinte:

(3) **dar**(João)(o livro)(ao livreiro)

Em (3), o predicado *dar* designa uma relação de três lugares entre três entidades nos papéis de “doador”, “alguma coisa que é dada” e “recebedor”, e assim são necessariamente aplicados a três termos, ilustrados por “João”, “o livro” e “o livreiro”. Quando um predicado é aplicado a um conjunto apropriado de termos, o resultado é uma *predicação*,⁶ que, por sua vez, designa um *estado de coisas* (EsCo).

Nos moldes da GF, o EsCo indica “alguma coisa que acontece no mundo real” ou que pode ser criado no “mundo mental” do F (falante) e do O (ouvinte). Um EsCo, portanto, é alguma coisa que ocorre em algum mundo, é localizado no tempo e no espaço, pode ter uma certa duração e pode ser visto, ouvido ou percebido de alguma forma. Sua representação é dada em (4):

(4) $e_i = \text{pass}[[\text{dar}(\text{João})(\text{o livro})(\text{ao livreiro})](\text{na livraria})]$

Um elemento como *Passado* (Pass) representa o meio gramatical utilizado para localizar o EsCo em um intervalo de tempo que precede o momento da fala (t_0). Esse

⁶ É por reconhecer a diferença no estatuto argumental dos constituintes da predicação, que Dik *et alii* (1990) introduzem em seu modelo três níveis de representação, o da predicação nuclear (*nuclear predication*), em que se inserem os argumentos, e os da predicação central (*core predication*) e predicação estendida (*extended predication*), em que se inserem os satélites.

elemento é chamado de *operador de predicação* (π_2). Já o constituinte “na livraria” representa um meio lexical utilizado pelo falante para localizar, no espaço, o EsCo designado pela predicação. É referido como *satélite* (s_2), sobretudo por trazer uma informação adicional à camada da predicação.

Considere, agora, a seguinte forma de expressão lingüística:

(5) *Pedro viu que João deu o livro ao livreiro na livraria*

Em (5), pode-se notar que a predicação “João deu o livro ao livreiro” constitui o EsCo visto por Pedro, assim representado em (6):

(6) $\text{Pass}[\text{ver}(\text{Pedro})(e_i)]$
 $e_i = \text{Pass}[[\text{dar}(\text{João})(\text{o livro})(\text{ao livreiro})](\text{na livraria})]$

Nessa estrutura, e_i representa o EsCo que Pedro viu. Note que toda predicação apresentada em (4) agora aparece como especificação deste EsCo, isto é, como segundo argumento de *ver*, sendo (Pedro) o primeiro argumento. A predicação inteira que designa o EsCo “Pedro vendo que João deu o livro ao livreiro na livraria” está localizada no intervalo de tempo que precede t_o pelo operador de predicação *Pass*. Vemos aqui, antes de tudo, que predicações podem ser encaixadas na posição de argumento de predicados mais altos.

Considere-se agora uma expressão lingüística como:

(7) *Pedro pensou que João deu o livro ao livreiro na livraria.*

Embora a oração subordinada em (7) tenha a mesma forma da de (5), seu estatuto semântico é diferente, pois as coisas em que se pode acreditar não são EsCo: elas são proposições, conteúdos proposicionais ou fatos possíveis. Assim, a predicação, que designa

um EsCo, pode ser construída dentro de uma estrutura de ordem mais alta do que a predicação, que designa um conteúdo proposicional, um fato possível. Se representarmos o fato possível por X_i , teremos a seguinte representação:

$$(8) \quad \text{Pass}[\text{acreditar}(\text{Pedro})(X_i)] \\ X_i = \text{Pass}[[\text{dar}(\text{João})(\text{o livro})(\text{ao livreiro})](\text{na livraria})]$$

Nesse sentido, pode-se dizer que *acreditar* toma uma proposição e não uma predicação como segundo argumento: X_i representa uma *proposição encaixada*.

Embora o EsCo possa ser descrito em função do operador de tempo e do satélite de lugar, Dik (1989) assinala que essa análise não dá conta do *estatuto* de ato de fala ou força ilocucionária da oração. Em (7), a sentença é muito mais uma declarativa do que interrogativa ou imperativa. Vale lembrar que a força ilocucionária tende a ser aplicada a proposições, já que EsCos não podem ser declarados, interrogados ou ordenados. Assim, aplicada a *força ilocucionária*, chegaremos à seguinte forma:

$$(9) \quad \text{DECL}(X) \\ \text{Pass}[\text{acreditar}(\text{Pedro})(X_i)] \\ X_i = \text{Pass}[[\text{dar}(\text{João})(\text{o livro})(\text{ao livreiro})](\text{na livraria})]$$

Do mesmo modo que a predicação pode ser construída dentro de uma proposição, a proposição, por sua vez, pode ser construída dentro de um esquema ilocucionário, resultando na estrutura subjacente da oração plena, que designa um ato de fala (no nosso caso, um ato declarativo) com respeito à proposição, que contém uma predicação, a qual é construída por um predicado mais um conjunto apropriado de termos.

O quadro 1, a seguir, resume a estrutura hierárquica da oração em camadas,⁷ com seus diferentes níveis de organização e suas respectivas variáveis:

Unidade estrutural	Tipo de entidade	Ordem	Variável
Oração	ato de fala	4	E_i, E_j
Proposição	fato possível	3	X_i, X_j
Predicação	estado de coisas	2	e_i, e_j
Predicado	propriedade/relação	1	x_i, x_j
Termo	Entidade	0	f_i, f_j

Quadro 1: Estrutura hierárquica da oração conforme Dik (1989)

Como visto, na GF, a oração é representada como uma estrutura em camadas, organizada hierarquicamente, com a presença de operadores e satélites (cf. Dik, 1989; Dik *et alii*, 1990). Em outras palavras, com base no quadro acima, pode-se dizer que o nível mais baixo é formado pelo predicado e seus argumentos (geralmente entidades de primeira ordem, simbolizadas pela variável x). Essa predicação nuclear, que opcionalmente pode ser expandida por satélites de predicado (σ_1), constitui a ‘predicação central’, que designa um estado de coisa (EsCo) potencial. Por sua vez, essa predicação central pode ser também expandida por satélites de predicação (σ_2), e assim formar a predicação estendida (variável e), uma entidade de segunda ordem referente a um EsCo situado no espaço e no tempo concretos ou conceituais. Essa estrutura é o *input* para a formação da proposição, isto é, de um fato possível (variável X), uma entidade de terceira ordem, que pode ser avaliada em termos de seu valor de verdade e , opcionalmente, ser expandida por satélites de nível mais alto (σ_3), tais como os atitudinais e os que especificam o valor de verdade. Por fim, se um

⁷ Em relação à estrutura hierárquica da oração, vale lembrar que cada entidade tem seus próprios tipos de operadores, meios não-lexicais, para especificar informação adicional sobre o tipo de entidade envolvida.

falante produz uma expressão, ele tem de selecionar uma força ilocucionária básica para essa proposição, formando assim uma entidade de ‘quarta ordem’ simbolizada por E.

Neves (2000) assinala que os advérbios responsáveis pela marcação de Foco tendem a aparecer basicamente nas camadas do predicado e da predicação, entendendo que dificilmente esses elementos seriam utilizados para focalizar um fato possível. Assim, para o presente trabalho, considerar o modelo em camadas da oração é importante não somente para investigar a atuação dos AdvFs como também para mostrar que nem todos os usos desses elementos adverbiais são, de fato, atribuídos à marcação de Foco. Em outras palavras, espera-se que elementos como *realmente*, *exatamente*, *justamente*, *mesmo*, etc. possam atuar, em determinados contextos, como satélites de proposição, ao expressar uma avaliação do conteúdo da oração.

1.2. CARACTERIZAÇÃO DA FUNÇÃO FOCO NA GF DE DIK

Brown & Yule (1983) destacam que a lingüística funcional costuma distinguir as funções pragmáticas de acordo com seu escopo estrutural. Desse modo, qualquer texto de uma língua natural pode, segundo Dik (1989, p. 264), ser exaustivamente “dividido em orações e constituintes extra-oracionais”.

Conforme Dik (1989), as funções pragmáticas intra-oracionais (Tópico e Foco) dizem respeito ao *status* informacional dos constituintes de uma oração em relação à amplitude comunicativa e à situação em que são empregados. Aqui, situação comunicativa pode ser entendida compreendendo as alterações que o falante deseja efetuar na informação pragmática do ouvinte no momento da interação verbal.

Como dito anteriormente, o Foco, segundo Dik, é entendido como a informação mais importante ou saliente em uma dada situação comunicativa, e considerada pelo falante como essencial para ser integrada à informação pragmática do ouvinte. Nesse sentido, a informação focal constitui o quadro de mudanças que o falante deseja efetuar na informação pragmática do ouvinte (adição ou substituição).

Para Dik (1997), os constituintes que carregam a função pragmática de Foco podem ser expressos das seguintes maneiras:

- 1) podem ter proeminência prosódica especial (acento enfático);
- 2) podem ser colocados em posições especiais na ordem linear da sentença;
- 3) podem ser marcados por partículas especiais que distinguem o constituinte focal do restante da sentença;
- 4) podem ocorrer em tipos especiais de construção (clivadas e pseudoclivadas).

Dessa forma, Dik (1989) destaca que, para se chegar às expressões lingüísticas superficiais, são necessárias regras de colocação que atribuem posições aos constituintes de uma dada estrutura subjacente. Essas regras, segundo o autor, obedecem a determinados princípios restritores das possíveis seqüências dos constituintes. Assim, a teoria de ordenação de Dik postula que cada língua apresenta um ou mais padrões funcionais, segundo o esquema geral em (10):

(10) P2, P1 (V) S (V) O (V), P3⁸

⁸ Para Pezatti e Camacho (1997), o padrão geral de ordenação para o português do Brasil é esquematizado por: **P2, P1 (S) V (S) O X, P3**, em que o X é usado para indicar a posição dos satélites adverbiais.

A partir das regras de colocação, os constituintes da predicação subjacente são inseridos em suas respectivas posições nesse esquema e nenhum movimento subsequente é permitido, uma vez que um constituinte tenha obtido sua posição na estrutura. P2 e P3 são as posições especiais, podendo ser ocupadas, respectivamente, por constituintes com a função de Tema (*Theme*) e Antitema⁹ (*Tail*). Entre as vírgulas, que indicam pausas entoacionais, encontram-se os possíveis padrões que compõem a oração propriamente dita (predicação completa), em que os parênteses indicam a posição variável do constituinte V (verbo). Nesse contexto, conforme poderemos notar no capítulo 4, as ordens alternativas do esquema aqui representado podem expressar distinções de caráter funcional.

A operação das regras de colocação, segundo Dik (*op. cit.*), ocorre de tal maneira que, em primeiro lugar, são alocados os constituintes que podem ocupar a posição P1, tais como *palavras-Qu*, *pronomes relativos* e *conectores subordinativos*. Se nenhum constituinte desse tipo estiver presente, então, podem ser colocados em P1 constituintes com as funções pragmáticas de *Foco* (informação de maior saliência), *Tópico* (sobre o que se fala) ou *Organizador de Cenário*¹⁰ (situa o EsCo em relação às coordenadas de tempo, espaço e circunstância), proposta por Hannay (1991) e Bolkestein (1998), e investigada por Cucolo (2002) em seu trabalho sobre o português falado do Brasil. Dessa maneira, na ocorrência (11) está indicado um satélite σ_2 de *Lugar*, que exerce a função pragmática de *Organizador de Cenário*, responsável por situar o EsCo no espaço:

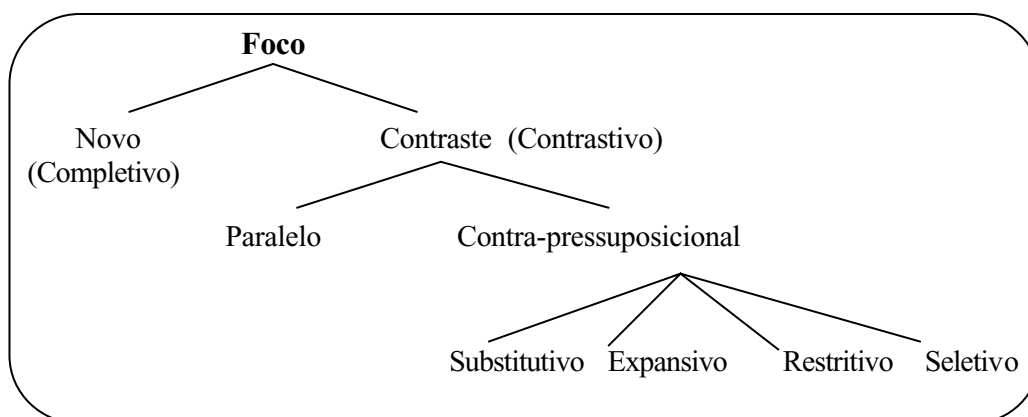
⁹ A tradução do termo *Tail* por *Antitema* foi sugerida por Pezatti (1992).

¹⁰ Os satélites com a função de Organizador de Cenário podem não estar na focalidade de uma sentença, embora eles possam ser focais. Eles também não constituem o elemento particular acerca do qual Foco principal carrega a informação mais saliente (embora eles possam muito bem ser tópicos, ou estar relacionados a elementos mencionados no discurso precedente como subtópicos). Em uma oração que contém tais expressões de *Stager*, o Foco principal, geralmente, carrega a informação com respeito a algum outro elemento topical na oração (frequentemente, mas não obrigatoriamente, um argumento do predicado) (Bolkestein, 1999, p. 199).

- (11) Inf *esse jantar dançante... é assim vamos (lá)...eles ah...(...) então depois **naquele jantar** eles sorteiam outros casais...uns:: quatro casais...para Organizarem outro...jantar* (DID/POA/45:23)

Dik (1989) afirma que há dois parâmetros para subcategorização dos constituintes focais: o *Escopo* da função Foco, que destaca qual parte da estrutura oracional é focalizada, e a *finalidade comunicativa* da focalização, que envolve as razões pragmáticas que fundamentam a escolha do Foco em relação à parte mais relevante da oração.

A atribuição de Foco a um constituinte é, segundo Dik, motivada ou pelo *status* novo de um referente ou pela necessidade de se estabelecer um contraste com alguma outra entidade, presente ou pressuposta na situação de interlocução, como mostra o quadro 2:



Quadro 2: Tipos de Foco e Finalidade comunicativa

Conforme podemos verificar acima, a finalidade comunicativa da função Foco pode ser uma informação nova ou contrastiva. Dessa maneira, quando o Foco é uma informação nova, ele não envolve nenhum tipo de contraste e é designado *Compleitivo* (representado pelas perguntas-Qu). Diferentemente do completivo, o Foco *Contrastivo* envolve sempre algum contraste entre o constituinte foco e as partes alternativas de informação, sendo essas apresentadas (presentes) ou pressupostas no discurso.

- **Foco Paralelo:** quando o constituinte está envolvido em construções paralelas, exemplificado em (12):

(12) *John e Bill vieram me ver. JOHN estava LEGAL, mas BILL estava um pouco CHATO.*

- **Foco Contra-pressuposicional:** ocorre quando há uma pressuposição do falante em relação ao conhecimento pragmático do ouvinte, sendo esse tipo de foco manifestado de várias maneiras, de acordo com a seguinte classificação.

- a) *Foco Substitutivo:* o falante pressupõe que o ouvinte possui uma porção incorreta da informação que deve ser substituída (não X, mas Y). Exemplo:

(13) O: *John comprou café.*
F: *Não, ele não comprou CAFÉ, ele comprou ARROZ.*

- b) *Foco Expansivo:* o falante pressupõe que o ouvinte possui uma informação que não está devidamente completa, por isso, ele procura expandi-la (também Y). Exemplo:

(14) O: *John comprou café.*
F: *João não comprou somente café, ele também comprou ARROZ.*

- c) *Foco Seletivo:* o falante pressupõe que o ouvinte acredita que a informação X ou Y está correta, mas não sabe qual delas (X ou Y – X!). Exemplo:

(15) O: *Você gostaria de café ou chá?*
F: *CAFÉ, por favor.*

d) *Foco Restritivo*: o falante presume que o ouvinte possui uma porção de informação correta e outra incorreta, que logo é corrigida pelo falante ao restringir um conjunto de itens que ele considera como sendo o mais adequado (Somente X). Exemplo:

- (16) O: *John comprou café e arroz.*
 F: *Não, ele não comprou ARROZ, ele só comprou CAFÉ.*

Por entendermos que as discussões teóricas apresentadas em Van Valin & Lapolla (1997) e Van Valin (1999) podem contribuir para a descrição do comportamento dos AdvFs, apresentaremos na seção seguinte os pontos de contato entre a Gramática de Papel e Referência (GPR) de Van Valin e a GF de Dik.

1.3. TIPOLOGIA DE FOCO NA GPR E NA GF: PONTOS DE CONTATO

Para a GPR (Van Valin, 1993; Van Valin & Lapolla 1997; Yang, 1998), a língua é vista como um sistema comunicativo de ação social, cujas funções comunicativas das estruturas gramaticais são analisadas de acordo com esse princípio, e assim sendo, a noção de *papel* é central na teoria e na descrição gramatical, sob esta perspectiva. A língua é um sistema e a gramática é um sistema no sentido da tradição estruturalista; o que distingue a concepção de língua da GPR é a convicção de que a estrutura gramatical só pode ser entendida e explicada com base em suas funções semânticas e comunicativas, concepção que muito se aproxima daquela encontrada na GF de Dik. Em termos do paradigma abstrato e das relações de ordem sintagmática que definem um sistema estrutural, a GPR

não só está preocupada com as relações de co-ocorrência e combinação em condições estritamente formais como também com a co-ocorrência do semântico e pragmático e suas relações combinatórias.

Segundo Van Valin & Lapolla (1997), toda oração é enunciada ou escrita dentro de um determinado contexto comunicativo. Semelhante ao modelo de interação verbal de Dik, Van Valin & Lapolla destacam que para o ouvinte poder interpretar corretamente a intenção comunicativa do falante, ele deve interpretar a oração no mesmo contexto de produção, de modo a ser capaz de incluir pressuposições de diferentes tipos. Como para o ouvinte a identificação do contexto nem sempre é possível, pode ser que algo seja mal interpretado. Para diminuir a chance de interpretações equivocadas, o falante, ao produzir uma oração, esculpe formalmente a sentença para permitir que o ouvinte seja capaz de recuperar o contexto e interpretar a expressão adequadamente, com o mínimo esforço de processamento. E um dos principais aspectos envolvidos nesse processo é a distribuição de informação, que Van Valin (1999) chama de *estrutura de informação*.

Apresentada atualmente como parte integrante da GPR, a teoria de Lambrecht (1986; 1987) referente à *Estrutura de Foco*¹¹ só foi devidamente absorvida em Foley & VanValin (1993). A estrutura de foco é entendida aqui como o sistema gramatical que serve para indicar o escopo da afirmação em uma expressão ou enunciado em contraste com a pressuposição pragmática. Uma inovação na GPR é a distinção entre o *domínio de foco potencial* (*potential focus domain*), isto é, o domínio sintático da oração onde o Foco pode cair, e o *domínio de foco real* (*actual focus domain*), isto é, a parte da oração que é de fato focalizada. Segundo Van Valin, as línguas variam em termos de como o domínio de

¹¹ Com relação às noções de rigidez ou flexibilidade da estrutura de Foco, Van Valin (1999) destaca que a língua que apresenta uma *estrutura de foco flexível* é aquela cujo domínio potencial de foco pode ser qualquer constituinte da oração; já aquela cujo domínio potencial se limita a uma parte da oração, apresenta uma *estrutura de foco rígido*.

foco potencial é restringido, seja em orações simples ou em orações complexas; e essa variação é reflexo de diferenças gramaticais importantes para as línguas.

Com uma definição bastante similar a de autores como Prince (1981), Van Valin & Lapolla (1997) assinalam que é a relação com uma informação velha que torna nova uma informação no processo comunicativo, pois é a informação velha que traz todas as pressuposições evocadas para formar o contexto necessário para a compreensão do enunciado. Para esses autores, o Foco é a parte da asserção que não está dentro da pressuposição pragmática do ouvinte ou que é irrecuperável no contexto. O que Dik (1989) entende por escopo do Foco, Van Valin & Lapolla entendem como domínio do Foco.

Embora mencione algumas línguas que apresentam casos especiais de atribuição de Foco, com regras bastante refinadas, Dik (1989) não desenvolve um sistema tipológico com base nas diferentes possibilidades de atribuição Focal, o que aparece mais bem trabalhado na GPR de Van Valin & Lapolla (1997). Conforme já destacado, em sua teoria sobre a estrutura de Foco, esses autores fazem uso de uma classificação proposta por Lambrecht (1994) para desenvolver os estudos tipológicos a partir das diferentes estratégias gramaticais de atribuição de Foco, cujos critérios de classificação se assentam na distinção entre *Foco estreito* (Narrow focus) e *Foco amplo* (Broad focus).

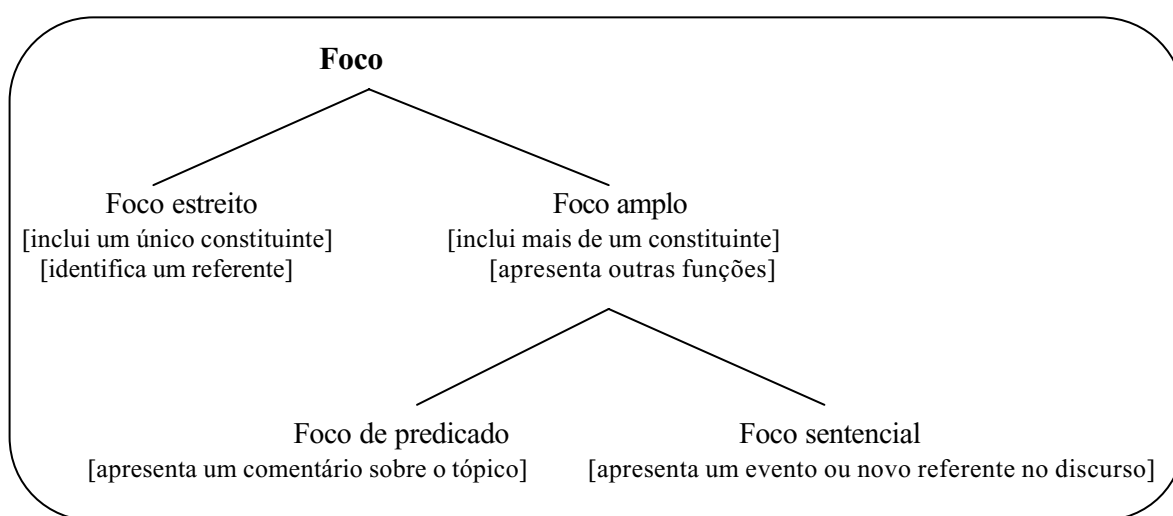
De acordo com Valin & Lapolla, a tipologia de Foco é assim entendida:

Foco estreito se dá quando um único constituinte, tal como um sintagma nominal, é focalizado; já o *Foco amplo* se dá quando o escopo inclui mais de um constituinte. Ele pode incluir todos os constituintes de uma oração com exceção do Tópico, como nas construções de ‘Tópico-comentário’, que Lambrecht chama de *Foco de predicado*, ou pode incluir toda a sentença, o que o autor chama de *Foco sentencial*. (cf. Van Valin & Lapolla, 1997).¹²

¹² “*Narrow focus* is when a single constituent, such as an NP, is focused. *Broad focus* is when the focus includes more than one constituent. It may include all but the topic, as in the common ‘topic-comment’ construction, which Lambrecht calls *predicate focus*, or it may include the entire sentence, which Lambrecht calls *sentence focus*” (p. 206).

Os autores mostram ainda que “esses tipos de Foco estão relacionados a três funções comunicativas distintas” (cf. *id. ibid.*, p. 206), isto é, podem identificar um referente [Foco estreito], fazer um comentário sobre um tópico [Foco de predicado] e informar um evento ou apresentar um novo referente no discurso [Foco sentencial].

Organizando esses tipos de Foco em um quadro semelhante ao de Dik, tem-se:



Quadro 3: Tipologia de Foco (Adaptado de Van Valin & LaPolla, 1997)

Assim como Lambrecht, Van Valin (1999; 2003) ilustra esses tipos de Foco utilizando exemplos do Inglês, Italiano, Francês, Japonês e do Português. Para o autor, o Foco de predicado é o tipo de estrutura universalmente não-marcado. A pressuposição pragmática nesse tipo de Foco inclui o conhecimento de um certo tópico, em que a asserção expressa um comentário sobre ele. Em outras palavras, Foco de predicado é uma estrutura em que o comentário (ou predicado) constitui o Foco. Por exemplo, em uma dada situação comunicativa, alguém pode saber que alguma coisa aconteceu ao carro de uma outra pessoa. Quando ele ou ela perguntar para a outra pessoa pelo carro, a segunda pessoa

provavelmente considerará, em sua resposta, o carro como pressuposto e o que aconteceu a ele como informação nova (importante), isto é, como Foco.

- (17) Q: *What happened to your car?*
O que aconteceu ao teu carro?
- | | |
|---|-----------|
| A: a. <i>(My car/It) broke DOWN.</i> | Inglês |
| b. <i>(Meu carro) QUEBROU.</i> | Português |
| c. <i>(La mia macchina) si è ROTTA.</i> | Italiano |
| d. <i>(Ma voiture) elle est en PANNE.</i> | Francês |
| e. <i>(Kuruma wa) KOSHOOshita.</i> | Japonês |

No exemplo acima, a pergunta diz respeito ao carro de A (ouvinte), o que, por sua vez, constitui a informação pressuposta no seu conhecimento de mundo. Tirando aquilo que é pressuposto, a resposta do ouvinte conta o que aconteceu ao carro (que quebrou). Essa informação (QUEBROU) é o que caracteriza o Foco de predicado, isto é, o que é novo. Já os sintagmas nominais, destacados entre parênteses, atuam como Tópico.

Diferentemente do Foco de predicado, em que parte da informação é tida como pressuposta, Van Valin (*op.cit.*) assinala que o Foco sentencial se caracteriza por apresentar a sentença inteira como domínio de Foco. Seguindo o contexto da pergunta anterior, esse tipo de Foco pode ser extraído com uma pergunta do tipo “O que aconteceu?”, para a qual a resposta do interlocutor não possibilita nenhum tipo de pressuposição, ou seja, toda a resposta é dada como informação nova. Observemos:

- (18) Q: *What happened?*
O que aconteceu?
- | | |
|---|-----------|
| A: a. <i>My CAR broke down.</i> | Inglês |
| b. <i>Meu CARRO quebrou.</i> | Português |
| c. <i>Mi si è rotta la MACCHINA.</i> | Italiano |
| d. <i>J'ai ma VOITURE qui est en PANNE.</i> | Francês |
| e. <i>KURUMA ga KOSHOOshita.</i> | Japonês |

Segundo Van Valin, nos casos em (18), não há nenhum Tópico pressuposto (assim como acontece nas ocorrências dadas em 17). Para Dik (1989), mesmo em situações como essas, poderíamos obter as seguintes informações: algo aconteceu, só não se sabe o quê e com quem/o que isso aconteceu. Em outras palavras, para Dik, essas ocorrências não seriam consideradas Foco sentencial, haja vista que apenas uma parte da informação não está no conhecimento do interlocutor. Embora apresente esses tipos de estrutura como casos de Foco sentencial, Van Valin destaca que as construções apresentacionais (e/ou existenciais) são as que mais se prestam à manifestação desse tipo de Foco, conforme exemplificado em (19):

- (19) a. *Once upon a time there was an old man and a dog.*
 Era uma vez havia um homem velho e um cachorro.
 b. *There arose a violent storm.*
 (Lá) Surgiu uma tempestade violenta.

Segundo Van Valin, essas construções apresentacionais servem para introduzir novos participantes no discurso.¹³ Nas ocorrências em (19), o sujeito (sintagma nominal) ocorre na posição pós-verbal, normalmente reservada para objetos que são os constituintes de Foco não-marcado em uma construção de Foco de predicado.

Como apontado na seção 1.2, o Foco constitui, nos termos de Dik (1989), uma função pragmática intra-oracional, o que significa dizer que essa função é sempre atribuída a algum elemento da predicação (e nunca à sentença como um todo). Dessa forma, o que Van Valin & Lapolla (1997) e Van Valin (1999) propõem como Foco sentencial e Foco de predicado de maneira alguma poderiam ser arrolados como ocorrências de Foco na

¹³ As posições de adjunção, fora da predicação, e, portanto fora do domínio potencial de Foco, são definidas por Van Valin & Lapolla (1997) como posições tipicamente empregadas na inserção de tópicos, como em *As for Mary, I spoke to her yesterday*. Contrastivamente, o que Van Valin & Lapolla definem como posição de Tópico, Dik entende como posição reservada para Constituintes Extra-oracionais (como a de Tema).

concepção teórica de Dik, uma vez que esses tipos de Foco ultrapassam o limite da predicação. Para Dik, as construções existenciais e/ou apresentacionais são utilizadas para introdução de Tópico-Novo (TN),¹⁴ assim como se observa em (20):

(20) *Em outros tempos havia **um elefante chamado Jumbo** (Dik, 1989, p.267).*

Ainda que seja inaceitável na GF, o Foco sentencial não é totalmente estranho à teoria, já que, de acordo com Dik, o TN introduzido por essas construções combina tanto propriedades da dimensão de Topicalidade quanto da de Focalidade. Assim, em (20), o termo “um elefante chamado Jumbo” é tópico, porque introduz uma entidade no discurso, e focal, porque introduz sempre uma entidade nova. Essa postura, sem dúvida, distancia-se da velha dicotomia Tópico (informação dada)/Foco (informação nova) presente nos estudos lingüísticos, haja vista que a proposta de Dik prevê uma sobreposição parcial entre elementos topicais e focais, conforme se verifica abaixo:

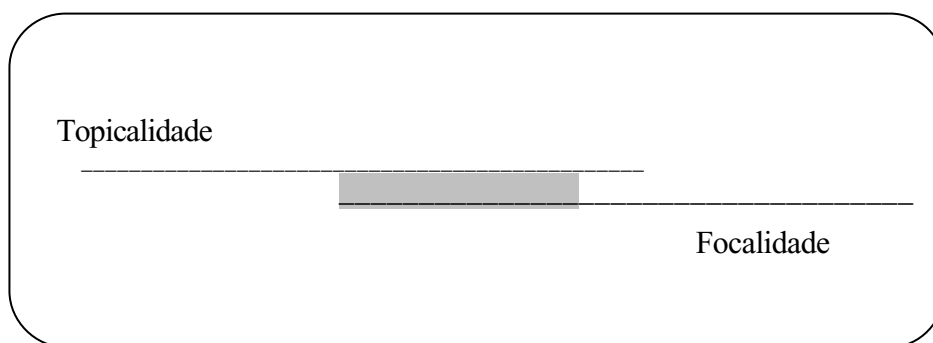


Figura 4: Sobreposição de Tópico e Foco

É por essa razão que o TN tem recebido críticas de vários autores, tais como Hannay (1991) e Siewierska (1991), para quem o TN infringe o domínio da função Foco,

¹⁴ É claro que as construções existenciais/existenciais locativas não são as únicas estratégias apontadas por Dik (1989) para introdução de Tópico Novo. Segundo o autor, o TN também pode aparecer na posição de primeiro argumento, na posição de segundo argumento, como forma de aparecimento em cena, etc.

que tem sido tradicionalmente associada à informação nova. Ou seja, se é sobre o que se fala, então referentes novos são inaceitáveis como Tópico. Segundo Hannay, a introdução de uma nova entidade discursiva é a finalidade da mensagem e não o seu começo, fato que descaracterizaria a definição corrente de TN. Contudo, para Dik (1989), uma entidade só será TN se, de alguma maneira, permanecer no discurso como um Tópico Dado. Assim, por conta dessas distinções, a nossa expectativa é a de que o português brasileiro apresente, na terminologia de Van Valin & Lapolla (1997), apenas casos de Foco estreito, o que estaria em total sintonia com a teoria de Foco de Dik, que se aplica à predicação.

De acordo com Van Valin (1999; 2003), o Foco estreito, também conhecido como Foco de argumento, é aquele cujo domínio focal inclui apenas um único constituinte, tal como um sujeito, um objeto, um oblíquo, e até mesmo um verbo.¹⁵ As ocorrências em (21) exemplificam casos de Foco estreito:

- (21) Q: *I heard your motorcycle broke down.*
 Eu ouvi dizer que a tua motocicleta quebrou.
 A: a. *My CAR broke down.*
 Meu CARRO quebrou.
 a'. *It's my CAR that broke down.*
 b. *Si è rotta la mia MACHINA.*
 É o meu CARRO que quebrou.
 b'. *È la mia MACCHINA che si è rotta.*

Nos casos acima, o sujeito “CARRO”, focalizado ora pela proeminência prosódica ora pela construção clivada, constitui o que Van Valin (*op. cit.*) chama de Foco estreito. Nessas ocorrências, percebe-se nitidamente que a sua função é a de identificar um referente no contexto, no caso o sujeito CARRO.

¹⁵ De acordo com Van Valin (1999; 2003), a inserção do verbo na categoria de Foco estreito é consentida somente naqueles casos em que não pertencer à estrutura de Tópico-comentário.

Além dessa classificação, Van Valin & Lapolla (1997) destacam ainda que há uma distinção importante entre Foco estreito marcado e não-marcado. Segundo os autores, todas as línguas têm uma posição de Foco não-marcado na oração. Em Inglês, essa posição corresponde ao último constituinte da predicação nuclear (posposta ao verbo), ao passo que, em línguas verbo-final, ela é representada pela posição anteposta ao verbo. Considerem-se as diferentes opções de Foco em (22):

- (22) a. *Dana sent the book to LESLIE yesterday.*
 Dana enviou o livro para LESLIE ontem.
 b. *Dana sent the book to Leslie YESTERDAY.*
 Dana enviou o livro para Leslie ONTEM.
 c. *Dana sent THE BOOK to Leslie yesterday.*
 Dana enviou O LIVRO para Leslie ontem.
 d. *Dana SENT the book to Leslie yesterday.*
 Dana ENVIOU o livro para Leslie ontem.
 e. *DANA sent the book to Leslie yesterday.*
 DANA enviou o livro para Leslie ontem.

A ênfase focal em “LESLIE” em (22a) é um caso de Foco estreito não-marcado, ao passo que a ênfase que se coloca sobre qualquer outro constituinte da oração resulta em Foco estreito marcado. O Foco estreito mais nitidamente marcado é o que se coloca sobre o sujeito “DANA”, em (22e).

Ao discutir questões de Foco, Van Valin (1999) destaca que o russo, o polonês, o latim e o português são línguas que apresentam uma estrutura sintática menos rígida e, por isso, a ordenação especial de constituintes aparece como uma das estratégias mais utilizadas para a marcação de Foco, o que as difere do Inglês e do Toba Batak, língua do oeste da Indonésia, cujo Foco, em geral, é marcado pela proeminência prosódica¹⁶, em razão de sua ordenação sintática ser mais rígida. Segundo o autor, o que justifica a

¹⁶ Em estudo sobre o uso das estratégias de focalização, Brentan (2001) verificou que a proeminência prosódica, de fato, é a estratégia mais utilizada no Inglês para a marcação de Foco.

freqüência relativamente maior de proeminência prosódica no Inglês é o fato de essa estratégia não implicar nenhum tipo de reestruturação sintática para acomodar o Foco.

CAPÍTULO 2

ADVÉRBIOS FOCALIZADORES NA LITERATURA LINGÜÍSTICA

O nosso objetivo, neste capítulo, é oferecer um panorama geral dos elementos adverbiais, em especial sobre o grupo dos AdvFs, na Literatura Lingüística. A necessidade de se realizar uma tarefa como essa surge em função dos interesses mais específicos do nosso trabalho, que consistem em investigar os aspectos sintáticos, semânticos, pragmáticos e prosódicos atrelados ao uso desses mecanismos adverbiais na atribuição de Foco a determinados constituintes da oração, além, é claro, do seu papel no processo de co-ocorrência com outras estratégias de focalização no PB.

2.1. DEFINIÇÃO DE ADVÉRBIOS NA GRAMÁTICA FUNCIONAL

Em geral, na Gramática Tradicional do português, os constituintes adverbiais são vistos como uma categoria que usufrui de uma relativa ‘mobilidade’ na estrutura sentencial. Entretanto, contrariando essa definição, os advérbios são caracterizados também como uma categoria modificadora do verbo, tendo este como seu escopo, o que implicaria na sua posição fronteira a este termo.

Embora muitos gramáticos mantenham um discurso semelhante no que diz respeito ao papel dos elementos adverbiais¹⁷ no português (o de que o advérbio é um vocábulo modificador do *verbo*, do *adjetivo* ou de outro *advérbio*), ainda assim é possível encontrarmos alguns catedráticos que reconhecem a heterogeneidade dessa classe de palavras, conforme se observa nos seguintes comentários:

A função própria do advérbio é modificar verbo, adjetivo e advérbio, mas, excepcionalmente, encontramos alguns casos em que, evidentemente, modificam substantivos. Ex: *Somente o Ângelo não compareceu à festa* (Silveira Bueno, 1956, p. 1974).

Advérbio é a palavra que exprime uma circunstância. Junta-se a substantivos, a verbos, a advérbios, a adjetivos e a orações, modificando-os. Ex: *Quase médico, já consulta* (Cereja & Magalhães, 1998, p. 157).

Cientes de que a classificação oferecida pelas gramáticas tradicionais aos advérbios não atende a todas as funções desempenhadas por essa classe, Ilari *et alii* (1990) apontam que, dentro da análise que a tradição gramatical tem dedicado aos advérbios, convivem duas expectativas até certo ponto inconciliáveis: de um lado espera-se que os advérbios ocorram nas orações que adotam a chamada “ordem direta”, depois dos termos integrantes do predicado; de outro, representa-se o advérbio usufruindo, no interior da sentença, de uma relativa mobilidade em termos de alocação dos constituintes. Caminhando na mesma direção, Bomfim (1988) assinala que as classificações tradicionalistas atribuídas a esses elementos são insuficientes, já que elegem, como critério central de análise, apenas o componente sintático.

¹⁷ Diferentemente de Cunha & Cintra (1985) e Bechara (2001), que usam o termo “Palavras denotativas” para se referir àquelas palavras que expressam *inclusão*, *exclusão*, *designação*, *realce*, *retificação* e *situação*, Cuesta & Mendes da Luz (1971) e Silveira Bueno (1956) optam por inseri-las dentro de uma mesma classe, ou seja, a dos advérbios, justamente por desconsiderarem as diferenças apontadas por outros gramáticos.

No entanto, para a GF, perspectiva teórica adotada neste trabalho, os elementos adverbiais geralmente são definidos como satélites, isto é, constituintes lexicais opcionais que veiculam informação adicional a uma dada camada do modelo hierárquico da oração.

Em um artigo dedicado especialmente aos advérbios, Hengeveld (1997) insere uma quinta categoria de satélite ao modelo hierárquico da oração publicado em Dik *et alii* (1990), representada pelo *satélite oracional* (*Utterance satellite*). Dentro dessa hierarquia, o autor distingue, portanto, cinco categorias de satélites,¹⁸ exemplificadas abaixo:

1. *satélites de predicado* (s_1): meio lexical que especifica o estado-de-coisas designado pela predicação nuclear;
2. *satélites de predicação* (s_2): localiza o estado-de-coisas da predicação em um mundo real ou imaginário;
3. *satélites de proposição* (s_3): especifica a atitude do falante acerca do conteúdo da proposição;
4. *satélites ilocucionários* (s_4): meio lexical que modifica ou especifica o valor ilocucionário de um ato de fala;
5. *satélites oracionais* (s_5): localiza o enunciado do falante dentro do contexto discursivo, restringido o conjunto de perlocuções potenciais do enunciado.

Na GF, como visto, os constituintes adverbiais são geralmente caracterizados como **satélites**, pelo fato de serem opcionais à estrutura argumental do verbo. Desse modo, o exemplo (23), extraído de Hengeveld (1997), aponta a relação de escopo entre os advérbios e a possível ordenação em que eles podem aparecer na oração. No entanto, isso não quer dizer que essa ordem não possa ser alterada.

¹⁸ Assim como Dik *et alii* (1990), Faber & Mairal Usón (1999) procuram destacar que as três primeiras categorias de satélites são subdivididas em:

- (i) s_1 : estabelece propriedades adicionais dos EsCos
Ex: modo, velocidade, beneficiário, instrumento, etc.
- (ii) s_2 : situa os EsCos
Ex: tempo, lugar, frequência, circunstância, duração, etc.
- (iii) s_3 : valida o conteúdo proposicional
Ex: modalidade epistêmica, atitudinal e evidencial.

- (23) *Finally* (s_5), your mother *honestly* (s_4) *probably* (s_3) has been *slandering terribly* (s_1) *again* (s_2)
Finalmente (σ_5), sua mãe *honestamente* (σ_4) *provavelmente* (σ_3) foi *caluniada terrivelmente* (σ_1) *novamente* (σ_2).

Em (23), a ordem dos três advérbios, precedendo o predicado principal (*finalmente*, *honestamente* e *provavelmente*), reflete as relações de escopo entre eles, conforme se pode notar na representação subjacente. O mesmo acontece com os dois outros advérbios, que seguem o predicado principal: o advérbio de modo (*terrivelmente*) é ‘acorrentado’ ao predicado principal e seguido pelo advérbio de frequência (*novamente*).

Com relação ao esquema apresentado em (23), Hengeveld (1997) destaca que, embora essa tendência de ordenação dos advérbios seja considerada forte, há dois outros pontos que precisam ser mencionados a esse respeito:

- a) Advérbios com um componente dêitico, tais como o advérbio espacial *aqui* e o advérbio temporal *ontem* parecem se comportar mais livremente que outros advérbios, quando se consideram as posições que eles podem ocupar na oração;
- b) Dentro de cada subclasse de advérbios pode haver restrições mais específicas de ordenação. Desse modo, Siewierska (1992) nota que há algumas restrições sobre a ordenação dos advérbios atitudinais e epistêmicos, ambos pertencendo à terceira classe de advérbio ($?_3$), conforme os exemplos abaixo:
 - (i) *Fortunately, he had evidently had his own opinion of the matter*
Felizmente, ele teve evidentemente a sua própria opinião sobre o assunto.
 - (ii) **Evidently, he had fortunately had his own opinion of the matter.*
Evidentemente, ele teve felizmente a sua própria opinião sobre o assunto.

Em termos gerais, as diferenças de escopo que se estabelecem entre os satélites ilocucionários e oracionais e o satélite proposicional podem ser mais bem percebidas no esquema (24) que representa a estrutura subjacente da oração:

$$(24) (E_1: [(F_1: \text{ILL}(F_1): \sigma_4(F_1)) (F) (O) (X_1: [\text{————}] (X_1): \sigma_3(X_1))] (E_1): \sigma_5(E_1))$$

$$\begin{array}{c} \text{—————} \\ | \qquad \qquad \qquad | \qquad \qquad \qquad | \\ (e_1: [(f_1: \text{pred}_\beta(f_1): \sigma_1(f_1)) (x_1) \dots (x_n)] (e_1): \sigma_2(e_1)) \end{array}$$

Observemos que tanto o satélite ilocucionário (σ_4) bem como o satélite oracional (σ_5) tem sob seu escopo o ato ilocucionário (E_1), enquanto o satélite proposicional (σ_3) atua apenas sobre a proposição (X_1).

A definição dos advérbios como modificadores de núcleos não-nominais distingue-os dos adjetivos, que modificam núcleos nominais. Segundo Hengeveld (*op. cit.*), os núcleos não-nominais podem ser de vários tipos, que vão desde elementos lexicais, tais como núcleos adjetivais em (25), até sentenças inteiras, como em (26):

(25) *an extremely intelligent boy*
um garoto extremamente inteligente

(26) *Frankly, I don't like you.*
Francamente, eu não gosto de você.

Nesse artigo, Hengeveld assinala que os advérbios, representados por *even*, *only* e *mainly*, seriam mais bem caracterizados se fossem entendidos como partículas de Foco (ou advérbios de foco), já que os mesmos podem focalizar um ou mais constituinte(s) da oração, conforme se poderá notar mais adiante.

No tocante às noções de predicação, Dik (1997) reconhece três categorias de predicado na GF: nomes (N), verbos (V) e adjetivos (Adj). Segundo o autor, elas são

distinguidas em função de suas propriedades funcionais, que são operacionalizadas com base nas respectivas posições de cada categoria na representação subjacente das mesmas. Hengeveld (1992a), por sua vez, destaca que há quatro categorias de predicado, tendo adicionado o *advérbio* à lista de Dik: Verbo > Nome > Adjetivo > Advérbio. Apesar de o advérbio ter sido caracterizado por Hengeveld como uma categoria independente, ainda assim este item lexical tem recebido pouca atenção na GF.

Segundo Mackenzie (2001), a noção de advérbio defendida por Hengeveld não engloba explicitamente a categoria por completo, mas sim se limita ao advérbio de modo (*manner adverb*), uma vez que ele modifica o predicado principal (Hengeveld, 1992). Ainda segundo Mackenzie (*op. cit.*), essa definição engendra imediatamente um problema conceptual, uma vez que o “advérbio de modo” não identifica um subconjunto de formas no Inglês, mas antes invoca um uso particular de certos advérbios; é como se fosse, no entanto, um elemento utilizado para reconhecer no léxico uma categoria de “nomes sujeitos” ou “adjetivos como terceiro-restritor”. Para Mackenzie, os elementos que de fato constituem *advérbios* são aqueles representados pelas formas “aqui”, “ontem” e “hoje”, uma vez que esses itens não são oriundos de outras formas, como acontece com os advérbios terminados em *-mente*, que são derivados das formas adjetivais. Nesse contexto, são várias as propostas da literatura funcionalista, a começar pela a de Vet (1986), que buscam analisar os advérbios como *elementos restritores*.

2.2. CLASSE DE ADVÉRBIOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

No trabalho referente à ordem dos advérbios no português, Ilari *et alii* (1990) optaram por não aderir a nenhum modelo gramatical de análise, justamente pelas

deficiências demonstradas por *alguns modelos tradicionais* ao abordarem o assunto e, também, pela pouca atenção que esses modelos dão à classe dos advérbios, elegendo, em geral, apenas o componente sintático como critério central de análise. É por esse motivo que o trabalho foi desenvolvido a partir de uma explicitação analítica de base intuitiva.

CrITÉRIOS tradicionais de análise, tais como o *morfológico* (palavra invariável), *sintático* (palavra relacionada sintaticamente ao verbo, ao adjetivo e a outro advérbio) e o *nocional* (palavra que indica circunstância e modificação) são, segundo Ilari *et alii* (*op. cit.*), Castilho & Moraes de Castilho (1992) e Castilho (1994), insuficientes para a classificação dos elementos adverbiais. É o que se pode verificar nesse trecho:

as gramáticas enquadram atualmente entre os advérbios uma quantidade enorme de palavras de que seria mais correto dizer que, apenas em algumas ocorrências particulares e em alguns ambientes sintáticos, atendem aos critérios tradicionais para a classificação como advérbios (Ilari *et alii*, 1990, p. 69).

Mediante as lacunas encontradas nos modelos tradicionalistas, os autores propõem outros critérios para compor uma classificação mais adequada para a classe dos Advs. Nessa proposta, os advérbios são analisados com base nos eixos *semântico* e *sintático*.

No eixo sintático,¹⁹ os advérbios são classificados em: advérbios de *constituente*,²⁰ quando estão relacionados apenas a um constituinte da sentença (ex. O Brasil diz-se

¹⁹ Ilari *et al* (1990), não adepto dos modelos de investigação gramatical, aponta cinco critérios sintáticos para distinguir classes de advérbios:

- 1) [Critério do co-texto mínimo]: Ex. *Ela tem um temperamento **muito** ordeiro* (modificador)
- 2) [As restrições seletivas como critério – lexical ou aspectual]: Ex. ***Depois disso**, a minha família ainda teve problemas de saúde.* (o modo verbal só poderia ser o passado).
- 3) [A presença de um dativo ético como critério – o advérbio que admite complementação por meio de um dativo]: Ex. ***Felizmente para nós** que somos brasileiros, a vida é bem melhor.* (preposição *para*)
- 4) [Coordenação como critério – o advérbio pode estar coordenado a outros advérbios?]: Ex. *Eu dou aula **só e exclusivamente** na PUC.* (dois advérbios com valores similares estão coordenados).
- 5) [A possível ocorrência de expressões polares como critério]: Ex. *Eu **não** vou lá **de jeito nenhum**.* (depois do advérbio de Neg, pode-se encontrar expressões adjetivas ou adverbiais).

basicamente subdesenvolvido); de *sentença*, quando se referem à sentença como um todo (ex. *Realmente*, João comeu o bolo); de *discurso*, classe que ultrapassa os limites da sentença (ex. Somos de famílias grandes, e *então* acho que dado esse fator nos acostumamos a muita gente).

Já no eixo semântico,²¹ os advérbios são classificados em *predicativos*: qualitativos (ex. comer *bem*), intensificadores (ex. *mais* depressa), modalizadores (ex. *Certamente*, o João chegará), aspectualizadores (ex. *Normalmente*, o menino vai à escola); ou *não-predicativos*: de afirmação e negação (ex. Pedro *não* saiu), focalizadores (ex. Esse país *só* pode crescer globalmente) e circunstanciais (ex. *Aí* depois tem natação segunda).

Quanto à posição ocupada pelos advérbios, os autores concluíram, pela observação de alguns paradigmas, que a ordem desses elementos adverbiais é definida em termos funcionais e que a eles correspondem propriedades não só sintáticas como também semânticas. Nesse estudo, os autores trataram das posições preferenciais dos advérbios, de ‘deslocamentos’ motivados por necessidades funcionais, além de buscarem explicações ligadas a razões de informatividade ou de interesse discursivo.

Os autores finalizam o estudo dizendo o seguinte sobre a posição dos advérbios:

²⁰ Conforme podemos notar, a classificação dos advérbios dada por Ilari *et alii* (1990) é diferente em relação à terminologia adotada, porém, muito semelhante em termos semânticos à classificação de Dik *et al.* (1990) e Hengeveld (1989). O que os autores chamam de advérbios de sentença corresponde, em termos, aos satélites adverbiais de nível 3 (atuantes na proposição) de Dik *et alii* (*op. cit.*) e Hengeveld (*op. cit.*).

²¹ Ilari *et alii* (1990) apontam cinco critérios para distinguir classes de advérbios. Esses critérios fazem uso da noção “estar no escopo de”. O primeiro desses critérios distingue advérbios que podem ou não se incluir no escopo da negação. Essa possibilidade fica excluída para advérbios como *possivelmente*, *geralmente*, *inclusive* e para algumas interpretações de *no fundo*, *difícilmente* e *normalmente*. Assim, ao fazerem isso, mostram que a negação é, ao menos em alguns empregos mais típicos, uma operação que se faz sobre o conteúdo proposicional:

- 1) [Ser passível de negação como um critério]: Ex. *Ele não agiu normalmente* (= ele agiu anormalmente).
- 2) [Estabelecer um escopo com elemento focal como critério]: Ex. *Não sei exatamente se eles têm noção de tempo* (= para ser exata, não sei se eles têm noção de tempo).
- 3) [Ser passível de inclusão ou exclusão como critério]: Ex. *O caso está encerrado inclusive oficialmente*. (= encerrado de várias maneiras e inclusive oficialmente).
- 4) [Expressar inclusão e exclusão como critério]: Ex. *Só João saiu* (= a saída de qualquer outra pessoa em paralelo com João é explicitamente excluída).

Para cada paradigma há geralmente uma posição preferível, sendo outras posições disponíveis por “deslocamento” (mais raro é o caso em que uma única posição é possível); o deslocamento dessa posição preferencial para as outras posições obedece principalmente à necessidade de precisar o escopo do advérbio, mas pode eventualmente explicar-se por razões de *informatividade* ou de *interesse discursivo* (...); a posição depende, em cada caso, da função que o advérbio exerce ao mesmo tempo que contribui para identificar essa função (Ilari *et alii*, *idem*, p. 135) [itálico nosso]

2.3. SOBRE OS ADVÉRBIOS FOCALIZADORES

Embora a ação focalizadora desempenhada pelos advérbios tenha sido abordada em Ilari *et alii* (1990), pode-se dizer que é somente mais tarde, em um trabalho dedicado exclusivamente ao uso dos AdvFs no PB, que esse assunto aparece substancialmente debatido (cf. Ilari, 1992). Nessa proposta, Ilari distingue cinco tipos de focalizadores, explicitados abaixo:

- **verificação de número:** há aparentemente duas estratégias; uma consiste em apresentar o número como um resultado exato (*exatamente*); a outra consiste em apontar o número como resultado de uma operação específica (é o caso de *no total*, que faz supor uma contagem):²²

(27) L2 *e daí o entusiasmo para nove filhos*
 L1 *exatamente nove ou dez* (D2/SP/360:31)

- **verificação de proporção:** constitui um tipo de construção focalizadora que trata de propriedades e relações (expressas por adjetivos, verbos, etc.), associando-lhes uma idéia de proporcionalidade:

²² Em função dos objetivos do trabalho, não iremos analisar como focalizadores ocorrências como *no total*, *no máximo*, *pelo menos*, etc. Salientamos também que os exemplos utilizados aqui são de Ilari (1992).

(28) Inf *eu acredito que já tenham tido entre cinco e oito aulas de teoria geral do estado... portanto...já devem estar mais ou menos por dentro até da linguagem* (EF/RE/337:261)

- **verificação de coincidência com um protótipo:** são usos que podem indicar que uma propriedade ou relação se realiza de maneira “prototípica” ou “exemplar”:

(29) Doc *E como passavam o dia?*
 L1 *Olha...eu era tão pequena que não me lembro disto...O que é que a gente fazia? A gente andava pra...por aqui, por ali...mas o que a gente fazia mesmo não posso dizer..*(DID/POA/45:320)

- **verificação de identidade ou congruência:** fala-se nesse tipo de verificação quando há coincidência não com um protótipo implícito a ser evocado ou reconstituído, mas com indivíduos, lugares e momentos explicitados no próprio texto:

(30) Inf *Os limites da região [mamária] são os mesmos limites da glândula...se é uma região ocupada por ela...os limites são exatamente os mesmos limites da glândula mamária propriamente dita* (EF/SSA/49:182)

- **verificação de factualidade:** aqui sugere-se que é possível fundamentar a afirmação na observação imediata dos fatos ou em premissas facilmente compartilhadas e evocam-se, polifonicamente, opiniões divergentes:

(31) Inf *essas glândulas se hipertrofiam ...às vezes a extração periga até deixar sair um líquido semelhante a um colostro provando que realmente não são glândulas sebáceas...* (EF/SSA/49:129)

Como visto, a classificação e a terminologia utilizadas por Ilari para se referir à ação desempenhada pelos AdvFs são um pouco diferentes da definição de Foco fornecida por Dik (1989). No entanto, o que nos interessa aqui não são os rótulos

utilizados por Ilari, mas sim a idéia de que uma parte dos advérbios apresentados nesses exemplos pode, dentro da abordagem funcionalista de Dik, explicar a manifestação de algumas categorias de Foco. Referimo-nos a algumas categorias porque a nossa suspeita é a de que apenas os tipos elencados como “verificação de identidade ou congruência” e “verificação de número” (em alguns casos) é que atuam verdadeiramente na marcação de Foco. Os outros tipos parecem ser mais bem classificados como satélites s_3 , uma vez que o escopo tende a incidir sobre uma proposição.

Autores funcionalistas como Ramat & Ricca (*apud* Hengeveld, 1997) também fornecem evidências que comprovam a atuação de alguns advérbios como marcadores de Foco. Segundo esses autores, há alguns elementos adverbiais que modificam núcleos nominais, tais como *even* (até mesmo), em (32):

- (32) *Even the queen was present.*
Até mesmo a rainha estava presente.

Hengeveld (1997), por sua vez, acredita que esses elementos são provavelmente mais bem definidos como *partículas de foco*, uma vez que o *even*, no exemplo (32) em questão, não parece modificar o núcleo nominal *queen*, mas sim o sintagma nominal *the queen* (a rainha). A constatação de que, nesse caso, o advérbio²³ se comporta de maneira diferente, sem dúvida é notável e sustentada pelo exemplo acima. Entretanto, essa observação parece nos levar a um outro impasse, que se resume a duas questões: Qual seria o *status* dos AdvFs na oração? Seriam eles considerados satélites ou operadores? A verdade é que essa

²³ Para Pala (1974, p. 198), uma de suas grandes dificuldades está em como tratar as expressões que denotam lugar, tempo, maneira e circunstâncias, no sentido de se verificar se devemos considerá-las como argumentos (ou actantes) ou como não-argumentos. Para o autor, os “modificadores adverbiais inerentes” são aqueles vistos como obrigatórios na estrutura argumental (argumento do verbo), enquanto aqueles que são definidos como “relacionais” ou “livres” são opcionais na estrutura argumental.

questão ainda parece ser problemática aos olhos da teoria funcionalista, que também encontra dificuldades em classificar casos de advérbios, como o dos focalizadores, que não se enquadram na classificação tradicional dos satélites.

Neves (2000), ao desenvolver um vasto estudo sobre as classes de palavras, reforça que a conceituação dos advérbios tem apresentado vários pontos de partida. Conforme já destacado, do ponto de vista sintático, o advérbio pode funcionar como satélite (palavra periférica) de um núcleo, podendo atuar nas diversas camadas de um enunciado ou sobre toda a proposição. A autora ainda destaca que advérbios, como *exatamente*, *somente* e *justamente*, podem atuar como elementos focalizadores, tendo como possibilidade de escopo qualquer constituinte da oração, assim c onforme as ocorrências (33) e (34):

- (33) L2 *filhos da pílula não? ((risos))*
 L1 *não...((risos))*
 L2 *nem da tabela? ((risos))*
 L1 *não justamente porque a tabela não::não deu certo é que:: ((risos)) vieram ao acaso.* (D2/SP/360:13)
- (34) L2 *e daí o entusiasmo para NOve filhos...*
 L1 *exatamente nove ou dez...* (D2/SP/360:31)

Segundo Ilari *et alii* (1990), em (33), o advérbio *justamente* incide sobre uma oração subordinada causal, que, a nosso ver, constitui um típico caso de satélite de causa (s₂), cuja presença instiga a ocorrência de um EsCo descrito na predicação central. No entanto, em (34), a atuação do advérbio *exatamente* parece ser mais complexa, já que alguns autores como Ilari (1992) e Neves (2000) o definem como um elemento focalizador, ao passo que autores como Castilho (1998) e Poblete (1996) o definem como um *marcador conversacional*, justamente por servir de ligação entre dois turnos conversacionais. No PB, ocorrências como essas não são raras; muito pelo contrário, elas são bastante recorrentes.

Por isso, a ajuda do programa PRAAT foi imprescindível para solucionar e entender problemas como esses. Analisando a frequência fundamental da ocorrência (34), constatou-se o que Castilho e outros autores já suspeitavam: o advérbio *exatamente*, nesse contexto, não é um focalizador e sim um marcador conversacional. Há uma pausa relativamente longa entre esse advérbio e o termo subsequente.

Assim, em função da posição dos advérbios, da presença de pausa e do componente semântico, foi possível observar, por exemplo, que nem todos os usos de *exatamente*, *justamente* e *inclusive* podem ser caracterizados como focalizador, fato que contribuiu para a contagem final dos dados.²⁴ As ocorrências (35) e (36) representam alguns usos de *justamente* e *exatamente* como marcador conversacional:

- (35) Loc *ah::isso eu tenho...realmente muito cuidado e tendo que almoçar...justamente... eu...eu... como eu gosto muito de feijão...muito de arroz...que são coisas que engordam e pra eu manter isso na hora do almoço eu não posso...carregar demais na hora da::do café* (DID/RJ/328:327)
- (36) L2 *se a gente for parar...*
 L1 *essa atitude sua...*
 L2 *é...(risos) exatamente (++) se a gente for parar para fazer as coisas calmamente não dá...pura e simplesmente não dá...então a gente corre depressa vai para o carro troca de roupa correndo faz isso faz (não sei que tá tá)* (D2/SP/360:141)

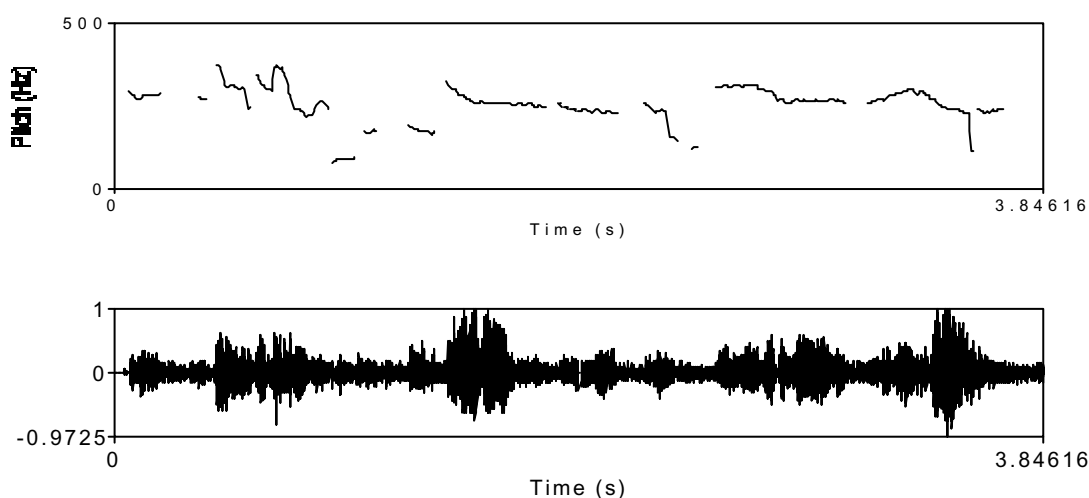
Em (35), o advérbio *justamente* atua como marcador (ou como ECC, para a GF)²⁵ dentro do turno do falante, servindo assim para organizar o seu próprio discurso. Essa estratégia, geralmente, é utilizada pelo falante para assegurar o turno enquanto ganha tempo para processar o seu discurso. Já na ocorrência (36), o termo *exatamente* serve para

²⁴ Os advérbios arrolados como marcadores conversacionais não foram computados nos dados finais.

²⁵ Para Dik (1989), esses elementos são definidos como ECCs (Constituintes Extra-oracionais) pelo fato de serem insensíveis às regras gramaticais da oração. São elementos que podem atuar no controle da interação, na especificação das atitudes dos interlocutores, na organização ou na execução do próprio discurso.

retomar o turno conversacional interrompido pela entrada de L1. Nota-se também que a pausa é uma evidência prosódica de que a função do *exatamente* é a de Iniciador, característica que dificilmente se nota quando o papel desse advérbio é marcar o Foco da oração. Além disso, conforme se vê na figura 5, esse elemento possui um contorno melódico próprio, marcado por um contorno entoacional descendente:

Figura 5: F0 de *[exatamente]_I [se a gente for parar para fazer as coisas]_I [calmamente não dá]_I*



Percebendo a diferença comportamental desses advérbios em alguns casos, Possenti (1992) assinala que elementos, como *também* e *só*, definidos como advérbios de inclusão e exclusão, também podem fugir do uso prototípico dessa classe. Segundo o autor, ocorrências como as de (37) a (39) são alguns casos desse outro uso:

- (37) *é um dos pratos que ele faz...imagina só os outros* (D2/POA/291:183)
- (38) *esses adjuntos vão ganhar metade mas também são pessoas que não têm a menor formação* (D2/RJ/355:52)
- (39) *mas eu li...um projeto que eu vi acabaram naquele viaduto do Rio Doce...mas eu vi esse projeto inclusive porque nós íamos entrar na concorrência* (D2/SSA/98:108)

Para Possenti, apesar de parcialmente diferentes dos casos em que esses advérbios atuam nitidamente como AdvFs, o uso de *também* pode ainda conservar parte de suas características. Nos dizeres do autor, a presença do advérbio *também*, no exemplo (38), parece atuar como uma “justificativa dentre outras possíveis (talvez a mais forte, a mais relevante, e por isso suficiente)” a uma informação específica. Em (37), o autor destaca que *só* não tem parentesco explícito com o seu uso mais comum, que é o de expressar ‘exclusividade’. Já na ocorrência (39), o advérbio *inclusive* não tem exatamente a função de incluir um outro elemento, além dos mencionados ou pressupostos, no contexto. Ou seja, nesse exemplo, o que o locutor tenta fazer não é enunciar uma causa entre outras, mas justificar seu ato ou informação anterior (eu vi este projeto). Esse caso representa o que Ilari *et alii* (1990) chamam de *advérbio de discurso*, classe que ultrapassa os limites do constituinte e também da sentença, o que, por sua vez, seria incompatível com a teoria de Foco proposta por Dik, que se organiza em torno da predicação.

Um outro caso interessante é o que se observa em (40), em que o termo “esses biscoito tipo integral” é, nas palavras de Travaglia (1999), duplamente focalizado pela construção *é que* e pelo advérbio *mesmo*. Vejamos:

- (40) *às vezes como biscoito...geralmente biscoito...assim...esses **biscoitos tipo integral...é que** eu como mais mesmo de manhã ...de manhã*
(DID/RJ/328:299)

Segundo o autor, em (40), a expressão em negrito representa o Foco da oração, que, por sua vez, constitui a informação nova no contexto. No entanto, a nosso ver, o advérbio *mesmo* não atua como marcador de Foco, apenas como satélite atitudinal (s 3).

Quanto à afirmação de Travaglia, Pezatti (1997) assinala que, em princípio, pode haver um certo relacionamento entre esses mecanismos na atribuição de Foco a um determinado constituinte da oração. Segundo a autora, não é raro que em uma situação de comunicação a proeminência prosódica esteja correlacionada a mecanismos gramaticais mais explícitos, o que não acontece em um *corpus* de texto escrito, em que a ausência do tratamento prosódico é, em termos, suprida por esses mecanismos gramaticais.

Em (41) e (42), pode-se verificar exemplos de Foco Expansivo, representados, em especial, pelos advérbios *especialmente* e *também*, respectivamente:

(41) (...) *fizeram um censo de homossexuais por quarteirões e por blocos habitacionais, durante três anos, em todas as cidades cubanas (X), especialmente Havana (Y).* (EN/ES/D2:247)

(42) *aquela artista magrinha de televisão (X) aquela moreninha que é **bailarina** também (Y)..eh* (DID/SP/234:50)

Nos casos acima, o falante pressupõe que o ouvinte possui uma parte correta, mas não totalmente completa, da informação (X) e acha que há pelo menos uma outra parte da informação (Y) que deve ser adicionada ao conhecimento do ouvinte, expandindo assim a sua informação pragmática. Em (42), para dar destaque ao termo *bailarina*, o mecanismo utilizado pelo falante é o advérbio focalizador *também*.

Já com relação ao uso do advérbio *realmente* no português falado, Castilho (2000) destaca que esse item lexical pode desencadear mais de uma significação, “gerando outras tantas ambigüidades que tipificam as línguas naturais como produtos de situações sociais” (p. 154). Assim, o valor semântico do elemento adverbial é decodificado pelo contexto, ou seja, pela significação mais relevante (saliente) para a interação em curso. A descrição dos usos do advérbio *realmente* é, nesse caso, um exemplo de sua pluri-funcionalidade, pois tanto pode ser definido como um *modalizador* quanto como um *focalizador*, idéia também

defendida por Gasparini-Bastos (2000). Segundo Castilho, um advérbio é caracterizado como um modal quando expressa a avaliação do falante sobre as significações contidas no conteúdo da proposição, como em (43):

(43) *realmente... [os filmes] eram muito ruins...* (EF/SP/153:580)

Na ocorrência anterior, o advérbio *realmente* apresenta o conteúdo sentencial como um conhecimento, isto é, o falante sabia que os filmes eram ruins, e, por isso, lançou mão desse advérbio para predicá-lo, expressando assim a sua opinião acerca do assunto.

O valor agregado de Foco do advérbio *realmente* pode ser visualizado em:

(44) *os associados tratam...realmente como já disse das vantagens salariais* (DID/RE/131:183)

Segundo Castilho (2000), na ocorrência (44), o advérbio *realmente* assume uma significação plurívoca por agregar dois valores distintos. Ou seja, segundo o autor, esse advérbio pode ser interpretado como asseverador, tal como (44'), e como focalizador não-predicativo, conforme ilustrado em (44''):

(44') *é real que os associados tratam das vantagens salariais*

(44'') *os associados tratam exatamente / inclusive das vantagens*

Ilari *et alii* (1990) tratam a significação contida em (44'') como um caso de “verificação de coincidência com um protótipo”, leitura com a qual não concordamos em razão da própria composição semântica desse tipo de advérbio [asseverador]. A mesma

plurifuncionalidade se verifica quando este item aparece antes do núcleo dos seguintes sintagmas: sintagma adjetival, em (45); sintagma preposicionado, na ocorrência (46); e, por fim, antes do sintagma verbal composto, considerando-se como seu núcleo, em (47).

(45) *entrega um instrumento realmente científico* (EF/RE/337:343)

(46) *com uma preocupação realmente de homem de ciência* (EF/RE/337:352)

(47) *espera-se que em algum tempo possa-se realmente reformularem*
(D2/POA/291:1261)

Embora Castilho e outros autores defendam a existência de um valor agregado ao advérbio *realmente*, a nossa avaliação é a de que esse mecanismo irá sempre se comportar, independente da posição em que aparecer, como um asseverador ou como um satélite s_3 , exatamente por expressar uma avaliação do falante acerca do conteúdo da proposição. Assim, é por essa razão que esse advérbio não será computado em nossa análise.

Comprovando o que foi dito anteriormente, Swan (1995) verificou no Inglês que, além da prosódia, considerada uma das estratégias de focalização mais utilizadas pelo falante, um elemento também pode ser focalizado por meio dos *focusing adverbs* (AdvFs), como *even*, *also*, *just*, *only* e *mainly*, que são apresentados na posição posterior ao verbo auxiliar e ao verbo *to be*, após verbos principais e diretamente antes das palavras a serem modificadas. Conforme se verifica em (48), o advérbio *just/apenas* aparece logo após o verbo *to be/ser*, focalizando o predicado “esperando o meu filho crescer”:

(48) *I'm just waiting for my kid to grow up so that he can work construction with me.*
Eu estou só esperando o meu filho crescer para então ele trabalhar comigo na construção.

Sem perder de vista o nível sintático da oração, lugar onde se situa um dos principais objetivos do nosso trabalho, pôde-se constatar que a maior parte dos estudos publicados sobre Foco, em especial, sobre o funcionamento dos AdvFs, não procura questionar a relação que ‘existe’ entre a estrutura de Foco e a estrutura sintática. É claro que, para muitos autores funcionalistas e gerativistas, o Foco pode ser marcado pela ordem especial de constituintes, no entanto, o que nos interessa saber é o que os AdvFs fazem de diferente na estrutura da oração que a ordem especial não faz. Como dito anteriormente, a nossa expectativa é a de que o funcionamento desses AdvFs possa ser comparado ao da proeminência prosódica no Inglês, que focaliza um elemento sem alterar a ordem dos constituintes da oração (cf. Van Valin & Lapolla, 1997), assim como em (49) e (50):

- (49) a. ***DANA** sent the book to Leslie yesterday.*
***DANA** enviou o livro para Leslie ontem.*
- b. *Dana sent the book to **LESLIE** yesterday.*
*Dana enviou o livro para **LESLIE** ontem.*
- (50) a. *enfim...crianças...jovens que não produzem...um país que é muito fácil não produz...a palavra não produzem aí no caso é geral...e você vai num país desenvolvido não há aquele que não trabalhe...que não faça alguma coisa...**até os velhos**...sujeito de setenta...setenta e cinco anos está fazendo alguma coisa... (D2/RJ/355:1040)*
- b. *eu por exemplo estou acostumada a comer só **verdura e carne**...eu tive muita dificuldade em me alimentar lá... porque tudo é à base do peixe...e peixe também desconhecidos para nós...eles...pescam muito peixe de ri::o...e usam muito na alimentação peixe de rio...sabe? se bem que são gostosos...sabe?... (DID/RJ/328:128)*

Como se vê, em ambas as línguas, a ordem SVO da oração mantém-se inalterada, sendo o Foco marcado ora pela proeminência prosódica ora pelos AdvFs. Em (49), o sujeito e o objeto da oração são focalizados por meio da proeminência prosódica, sem

provocar nenhum tipo reestruturação sintática. Já em (50), o sujeito e o objeto são focalizados por meio de dois advérbios distintos (*até* e *só*), apresentando, assim, um comportamento bastante semelhante ao da proeminência prosódica no Inglês, em que as duas estratégias focalizam um constituinte sem alterar a ordem canônica da oração.

Mesmo em ocorrências como (51) e (52), a hipótese que defendemos é a de que, estando P1 já ocupada, respectivamente, por um constituinte com a função de Organizador de Cenário e por um constituinte com a função de Tópico, o Foco da oração é marcado por uma outra estratégia que não a ordem especial:

- (51) L2 *dessa vez agora você...*
 L1 *dessa vez eu gastei...deixa eu ver...eu paguei...eu tive que pagar três dias em Munique e () não...Paris eu não pago hotel...Paris eu fico na casa de um amigo...apartamento de um amigo...[em Estocolmo]o_{rc} eu fico também **no apartamento de um amigo** ...em Bordeaux eu fico no apartamento de um outro amigo (D2/RJ/355:159)*
- (52) L2 *é...mas...por exemplo...[a Air France]T_{op} a gente só ouve falar **que dá prejuízo**...não sei mais qual outra companhia...Alitalia só dá prejuízo ...eu tenho a impressão que isso é mau de companhia estatal no mundo inteiro...não tenho idéia ... (D2/RJ/355:1203)*

Embora não faça parte dos nossos objetivos, cabe notar que, em (51), o Foco é marcado por um AdvF *também* pelo fato de a posição P1 já estar ocupada por um satélite “em Estocolmo” com a função de Organizador de Cenário, cujo objetivo é situar o EsCo em relação à coordenada espacial. Em (52), acontece algo muito semelhante, em que P1 já está ocupada por um constituinte com a função pragmática Tópico²⁶ e o Foco é necessariamente marcado por um outro mecanismo, o AdvF *só*.

²⁶ Na ocorrência em destaque, o satélite “no café da manhã” perde a preposição “em” em decorrência do componente pragmático. Essa é a mesma linha de raciocínio seguida por Hengeveld (1992), em seu estudo sobre a predicação não-verbal, e por Pezatti & Cintra (2003), ao estudarem os complementos e os adjuntos adverbiais (satélites).

Em princípio, acredita-se que a ordem dos constituintes da oração só sofre alguma mudança em casos de co-ocorrência de estratégias de focalização, como em (53):

- (53) Inf (...) *e as gurias de noite... amarraram cordão nas PORTas fizeram o diAbo lá... pra pra mexer com o pessoal sabe?(++) até **cama** andaram desarMANDo um de OUtra assim para... se divertir... e essas viaJAdas que a gente tem feito assim..(DID/POA/45:128)*

Em (53), o constituinte Foco “cama” aparece alocado em P1, com o AdvF *até* também incidindo sobre ele. De acordo com Martin Arista (1994), o caráter de contrastividade nem sempre é marcado por uma única estratégia de focalização; às vezes, ela pode combinar-se com uma outra para marcar o Foco, tal como se observa em (53).

2.3.1. Noção de escopo

Segundo Ilari (1992), o escopo é definido como o conjunto de conteúdos afetados por algum operador (no caso os advérbios focalizadores). Baseado nessa definição, Possenti (1992) assinala que, em determinadas situações, o comportamento de advérbios como *também* e *só* pode se distanciar do uso prototípico, principalmente no que diz respeito à delimitação do escopo. Conforme o autor, advérbios como *também* pressupõem sempre algo (seja uma coisa, uma ação, um evento, uma qualidade, uma relação, etc.) ao qual se soma, explicitamente, outra coisa, evento, qualidade, etc., que é o escopo de *também*. O usual é que apareçam explicitamente tanto o elemento pressuposto quanto o que se inclui, embora haja exemplos em que o pressuposto não é expresso, como em (54):

- (54) *Também nós ouvimos...muitas vezes...podemos dizer...faça resumo* (EF/POA/278:361)

em que está pressuposto que outras pessoas, além de “nós” explicitamente presente, ouviram “faça resumo” (cf. Possenti, *idem*, p. 307).

É importante dizer que esse mesmo elemento “pode ter no seu escopo várias classes de palavras, além de sintagmas com várias funções sintáticas” (p. 309). Os exemplos a seguir poderiam, nas palavras do autor, bastar para confirmar esta afirmação:

- (55) *quando nós falamos em instrumentos de avaliação...fala-se também em níveis de consecução de objetivos* (POA/278:05)
- (56) *tudo é à base de peixe e peixes também desconhecidos para nós* (DID/RJ/328:345)
- (57) *Certo...eu também concordo* (EF/POA/278:244)

Em (55) nota-se que o escopo do advérbio *também* incide sobre o objeto “em níveis de consecução de objetivos”, tomado como a informação mais importante. Em (56), o Foco recai sobre o adjunto adnominal “desconhecidos para nós”, perfazendo, juntamente com a ocorrência (50), um caso em que o advérbio aparece na posição pós-verbal. Já em (57), um pouco mais complicado, *também* tem sob o seu escopo o sujeito “eu” e não o verbo “concordar”, já que parece ficar claro que o locutor tem a mesma opinião do interlocutor, daí, segundo Possenti, ser possível a paráfrase “também eu concordo”.

Já advérbios como *só* e *apenas*, que têm como efeito a exclusão de tudo o que não está no seu escopo, são definidos pelo autor como detentores de um comportamento mais tranquilo e relativamente mais “lógico”. De acordo com Possenti, os advérbios apresentados aqui costumam ter um escopo definido, com sua posição dependendo estritamente dele. Isto não significa, no entanto, que a ordem seja sempre rígida, mas que

apresenta “uma liberdade de posicionamento cujo limite é a possibilidade de o escopo resultar por demais obscurecido” (*idem*, p. 308). Como regra geral, os advérbios investigados por Possenti tendem a se colocar em posição adjacente ao escopo, com preferência para a posição anterior, ou melhor, à esquerda do elemento focalizado.

De acordo com Ilari *et alii* (1990), em sentenças sintaticamente mais articuladas, a interpretação de *só*, *apenas* e *somente* pode ser mais delicada, conforme se nota a seguir:

- a) O escopo desses advérbios varia bastante, embora coincida geralmente com um dos constituintes posicionados à sua direita; é o que se pode verificar em sentenças como “João só saiu” (e não fugiu, por exemplo), “João saiu só com Maria” (e não com outras pessoas), “João só saiu por alguns minutos” (e não por mais tempo), cuja análise envolve outros problemas (de entoação, etc.)
- b) Os advérbios que expressam exclusão interagem com a negação com resultados bastante variados; assim, em “Não só João saiu”, continua pressuposta a saída de João, mas, no nível da asserção, nega-se explicitamente que essa saída seja a única; em “Só João não saiu”, o pressuposto é que João não saiu, e assera-se que “não sair” diz respeito exclusivamente a João (p. 109).

Como visto anteriormente, a tendência é a de que os AdvFs apareçam sempre ao lado dos elementos que tomam por escopo (mais especificamente à esquerda do escopo), entretanto, vale dizer que isso nem sempre acontece, já que, em algumas ocorrências, os advérbios ficam distantes dos elementos que eles focalizam.

Em seu trabalho sobre a estrutura informacional, Mateus *et alii* (1983) assinalam que os marcadores especiais de Foco (como *até*, *próprio*, *mesmo* e *só*) são considerados uma estratégia formal no tocante ao processo de focalização. Segundo as autoras, esses elementos são definidos como marcadores de Foco, pelo fato de terem como escopo o Foco da informação, conforme se pode verificar em (58) e (59):

(58) *o que eu vou fazer hoje não vai ser só na aula de hoje...*

- (59) A: *Vieram todos ao jantar?*
 B: *Sim, {até, mesmo} o Luís.*

No tocante às ocorrências acima, pode-se notar que a delimitação do escopo dos advérbios não é algo muito difícil. No entanto, quando o AdvF aparece entre o sujeito e o verbo, com o Foco incidindo aparentemente sobre o sintagma verbal da oração (verbo + complemento), essa tarefa se torna muito mais difícil, uma vez que o que parece ser enfatizado nesses casos é o comentário que se faz sobre o tópico.

Trabalhos como o de Peregrin (1999) e Heusinger (2000) mostram que essa preocupação também tem se tornado recorrente nos estudos publicados fora do Brasil, inclusive naqueles que se inserem no plano da semântica formal. Vejamos o exemplo (60):

- (60) *John introduced BILL to Sue*
John apresentou BILL para Sue.

Informalmente falando, essa sentença expressa, nas palavras de Peregrin (1999), a afirmação de que a pessoa apresentada por John a Sue é BILL. O mesmo não acontece na ocorrência (61), em que o advérbio aparece alocado antes do verbo:

- (61) *John only introduced BILL to Sue.*
John só apresentou BILL para Sue.

Nota-se que, em (61), o advérbio *only* pode enfatizar tanto o constituinte BILL (no sentido de que Bill foi o único homem que John apresentou para Sue, e não outros homens) quanto o constituinte SUE (no sentido de que Sue foi a única mulher para quem John apresentou Bill, e não outras mulheres).

Sobre as questões de escopo, Peregrin diz ainda que em determinadas situações pode aparecer um segundo marcador de Foco, conforme se analisa em (62):

- (62) *John also only introduced Bill to Pamela.*
John também só apresentou Bill para Pamela.

Na ocorrência acima, o advérbio *also* tem sob o seu escopo um sintagma verbal encabeçado por um outro advérbio (*only*). Em virtude das restrições semânticas de cada tipo de advérbio, acredita-se que uma construção inversa (*John só também apresentou Bill para Pamela*) não se sustenta nos dados do PB.

Para Heusinger (2000), as partículas de Foco *only*, *even* e *also* são interpretadas como operadores de dois ‘argumentos’: o *FOCO* (*saliente*) e o *BACKGROUND* (*fundo*). Em (63), a partícula *only* está associada ao Foco *Fred*:

- (63) *Sam only talked to FRED.*
Sam só falou com FRED.

Background: Sam falou com X.

Foco: Fred

Pressuposição: Sam falou com Fred.

Asserção: Ninguém mais que Fred é tal que Sam falou com ele.

Analisada sob esse ponto de vista, pode-se dizer que a proposta de Heusinger é muito semelhante aos parâmetros utilizados por Dik (1989) para subcategorizar a função pragmática Foco. Segundo o autor, o escopo, entendido como a parte da oração que é colocada em Foco, restringe-se a um termo da predicação, conforme se verifica abaixo:

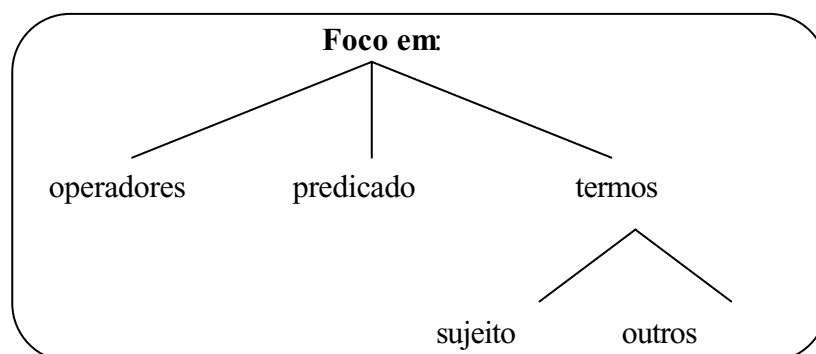


Figura 6: Foco e Escopo

Como se observa na figura 6, extraída de Dik (*op. cit.*, p. 281), o Foco pode incidir sobre os operadores (modo, tempo, aspecto, polaridade), predicados ou termos. Assim, aqueles casos de Foco que incidem sobre o sintagma verbal não se enquadram na teoria de Dik, pois incluem em seu escopo sempre mais de um constituinte.

Nesse contexto, em uma situação em que *Mary* tenha apresentado *Sue* e *Ann* para *John*, e em que nenhuma outra apresentação mais fora feita, pode-se concluir que o exemplo (64) é falso e que (65), por outro lado, é verdadeiro:

(64) *Mary* only introduced SUE_{Foco} to John.
Mary só apresentou *SUE* para John.

(65) *Mary* only introduced *Sue* to $JOHN_{Foco}$.
Mary só apresentou *Sue* para JOHN.

Segundo Heusinger (2000), a semântica dos operadores de Foco, geralmente, está associada a dois tipos de informação adicional: o valor da expressão focalizada e o valor do ambiente lingüístico do Foco, chamado de *background* (fundo). Em (64), por exemplo, *Sue* é a unidade de Foco, enquanto *introduced to John* é a unidade de Fundo, a que serve de suporte para a “informação mais importante” (Dik, 1989). Entretanto, como já

destacado nas seções anteriores, Van Valin & Lapolla (1997) argumentam que, a depender do contexto comunicativo, um sintagma verbal pode sim vir a ser o Foco da oração.

Para finalizar esse debate, Stechow (1991), com uma proposta um pouco semelhante a dos autores acima, assinala que operadores de Foco como *only* costumam dividir a expressão em duas partes: a expressão menos o Foco [= background] e o Foco propriamente dito. Segundo o autor, os exemplos apresentados acima, aqui repetidos, podem ser explicados da seguinte maneira:

(66) *John only introduced BILL to Sue.*

(67) *John only introduced Bill to SUE.*

No que diz respeito a esses casos, o autor assinala que as duas sentenças possuem a mesma estrutura sintática, a única diferença é que, em (66), BILL é o Foco da estrutura, enquanto, em (67), SUE é que é o Foco. Conforme o autor, tanto em (66) quanto em (67) o escopo do advérbio é o mesmo, ou seja, o sintagma verbal *introduced Bill to Sue*. No entanto, o que acontece, às vezes, é que dentro desse escopo um ou outro elemento pode receber uma ênfase maior, fato que parece explicar os exemplos acima. Isso é o que o autor costuma chamar de *Foco associado*, isto é, tem-se uma estrutura que é o escopo do advérbio, e dentro desse escopo um outro elemento com destaque diferente. Assim, como se pode observar, essas questões recuperam praticamente boa parte das preocupações de Ilari *et alii* (1990) e Possenti (1992) sobre a noção de escopo, que também estão relacionadas a algumas informações prosódicas, a serem explicitadas a seguir no item 2.5, e que retomaremos nos capítulos posteriores.

2.3.2. Estatuto prosódico

Em um trabalho sobre os advérbios de exclusão, Vigário (1998) destaca que vários são os autores que, ao caracterizarem a distribuição e a interpretação desses elementos, reconhecem a forte relação que se estabelece entre esses advérbios e os fenômenos de foco (e pressuposição) e também com as questões prosódicas. Em König (1991), são apresentadas várias possibilidades de interpretação de frases com o advérbio *only* (somente) em diferentes posições e com a introdução de certas marcações prosódicas particulares. Segundo o autor, as diferentes posições de *only* estão relacionadas às diferentes locações do acento tonal nuclear²⁷ (pitch accent, ênfase) e às diferentes interpretações das sentenças. É o que se pode notar em (68):

- (68) a. *Only **FRED** could have shown the exhibition to Mary*
 *Somente **FRED** poderia ter mostrado a exposição a Mary*
 b. ***FRED** only could have shown the exhibition to Mary*
 ***FRED** somente poderia ter mostrado a exposição a Mary*
 c. *Fred could only have **SHOWN** the exhibition to Mary*
 *Fred poderia somente ter **MOSTRADO** a exposição a Mary*
 d. *Fred could have shown only the **EXHIBITION** to Mary*
 *Fred poderia ter mostrado somente a **EXPOSIÇÃO** a Mary*
 e. *Fred could have shown the exhibition only to **MARY***
 *Fred poderia ter mostrado a exposição somente a **MARY***

Conforme se pode notar, nos exemplos apresentados em (68), a posição do ‘constituente’ adverbial é variável e parece carrear diferentes leituras, uma vez que em cada uma das orações o elemento colocado em destaque é diferente, sendo identificados pelo emprego das letras maiúsculas. Sob uma outra perspectiva, Jackendoff (1972) procura mostrar que, mesmo o constituinte adverbial permanecendo na mesma posição, ainda assim é possível obtermos diferentes interpretações, como apontam os exemplos em (69):

²⁷ Para König (1991), um (') sobre a vogal indica que o acento tonal nuclear (nuclear tone) recai sobre esse elemento, enquanto as maiúsculas identificam o elemento em foco.

- (69) a. ***JOHN** even gave his daughter a new bicycle*
 *Até **JOHN** deu para a sua filha uma nova bicicleta*
 b. *John even **GAVE** his daughter a new bicycle*
 *John até **DEU** para a sua filha uma nova bicicleta*
 c. *John even gave **HIS** daughter a new bicycle*
 *John até deu para a **SUA** filha uma nova bicicleta*
 d. *John even gave his **DAUGHTER** a new bicycle*
 *John até deu para a sua **FILHA** uma nova bicicleta*
 e. *John even gave his daughter a **NEW** bicycle*
 *John até deu para a sua filha uma **NOVA** bicicleta*
 f. *John even gave his daughter a new **BICYCLE***
 *John até deu para a sua filha uma nova **BICICLETA***

Segundo Jackendoff, as diferentes interpretações carregadas pelo quadro distinto de orações são assinaladas prosodicamente. Assim, ao incidir sobre um dos constituintes da oração, a presença do ‘acento enfático’ faz com que a leitura obtida associe o advérbio ao elemento acentuado (focalizado). Para dar conta desse comportamento dos advérbios de exclusão, Jackendoff (1972, *apud* Vigário, 1998) propõe uma regra de associação desses elementos ao foco da oração, que, por sua vez, se identifica com o elemento sobre o qual recai o ‘acento’. Nas palavras do autor, essa regra pode ser aplicada aos advérbios de exclusão somente se o Foco se encontrar dentro do escopo desses elementos. Nesse sentido, a oração correspondente a (69a), por exemplo, não seria possível com a presença do advérbio *only*, uma vez que o seu comportamento é diferente no que diz respeito ao direcionamento do escopo.

Em princípio, essa definição de escopo parece ser adequada para advérbios dessa mesma estirpe no português, na medida em que a sentença (70), com o sujeito focalizado, não é parafraseável por “Foi o João, e ninguém mais, que foi à praia”. Mais adiante, na seção referente à análise dos dados, retornaremos a esse assunto.

(70) *O JOÃO só foi à praia*

Com relação a esse caso, Vigário procura chamar a atenção para dois pontos importantes. Pode-se notar, por um lado, a existência de restrições quanto à direção do escopo – apenas para o lado direito do advérbio – e, por outro, a impossibilidade, segundo Jackendoff (1972), de uma interpretação conforme a paráfrase apresentada acima, em que o sujeito é o elemento modificado pelo advérbio. No entanto, König (1991) declara que o advérbio pode aparecer, no Inglês, em posição pós-nominal ‘modificando’ o sujeito, se sobre o próprio advérbio recair o tom nuclear (*nuclear tone*), como mostra o exemplo (68b), ilustrado anteriormente. Nesse caso, o exemplo (70) pode ser interpretado conforme a paráfrase “Foi o João, e ninguém mais, que foi à praia”.

Olhando um pouco para os dados do português do Brasil, é importante salientar que situações como essas podem perfeitamente ocorrer na língua, haja vista que os elementos adverbiais, assim como no Espanhol e no Inglês (em algumas situações), apresentam um variado leque de posições.²⁸ Com base no que foi discutido até aqui, Vigário (1998) destaca que, no português de Portugal, uma interpretação desse gênero só será possível se existir, por exemplo, uma ruptura entre o advérbio e o verbo e uma ausência de ruptura entre o sujeito e o advérbio,²⁹ conforme mostra o exemplo (71):

- (71) a. *O João só /foi à praia*
 b. *Os rapazes ofereceram rosas apenas / às amigas*

²⁸ Com relação aos advérbios que atuam como focalizadores, é relevante dizer que a noção de posição não tem o mesmo peso que para outros constituintes, uma vez que é natural que o advérbio ocupe outras posições na oração quando o mesmo estiver exercendo a função de marcador de Foco.

²⁹ Ainda que não discuta questões relacionadas diretamente à função de Foco, Tenani (2002) assinala que certas ambigüidades que se instauram no nível sintático são automaticamente esclarecidas quando se observam as informações prosódicas dos segmentos. Além disso, a autora destaca que, a depender do contorno entoacional, pode-se ter leituras diferentes (com significados distintos). Assim, com base no exemplo (71), nota-se que o contorno entoacional das sentenças e as pausas também são relativamente importantes para a análise do Foco marcado pelos AdvFs.

Reconhecendo a importância das questões prosódicas no funcionamento da linguagem, Dik (1989) esboça um quadro explicativo sobre esse assunto, relacionando-o à função pragmática *Foco*, dizendo ser a proeminência prosódica uma das formas utilizadas pelo falante para expressar alguma informação relativamente importante no contexto. Assim, levando-se em consideração a estrutura subjacente da oração, temos:

- (72) a. O patinho foi morto por este fazendeiro
 b. DECL E_i : [X_i [$Pas\ e_i$: [$matar_v\ (d_l + prox\ x_i$: fazendeiro_N)_{Ag} ($d1\ x_j$: patinho_N)_{MeSujeito}]]]]

Embora a estrutura subjacente (72b) possa ser realizada como (72a), e de várias outras maneiras – como em (73a-d), diferenciando-se uma da outra no tocante à entonação e/ou à ordem dos constituintes, essas várias expressões não podem simplesmente ser descritas como alternativas opcionais, já que em certos contextos, algumas delas poderão ser consideradas apropriadas, enquanto outras poderão ser inapropriadas, como em (74).

- (73) a. O PATInho foi morto por este fazendeiro
 b. O patinho foi MORto por este fazendeiro
 c. O patinho foi morto por ESTE fazendeiro
 d. O patinho foi morto por este FAZENdeiro

- (74) A: Quem matou o patinho?
 B: O patinho foi morto por este FAZENdeiro
 B: * O PATInho foi morto por este fazendeiro

Nesse contexto, pode-se dizer que as diferenças de sentido expressas por essas orações podem ser capturadas por meio das diferentes atribuições de funções pragmáticas aos constituintes de uma dada estrutura subjacente. No quadro da GF, as funções pragmáticas são entendidas como funções que especificam o *status* informacional dos

constituintes em relação à amplitude comunicativa e à situação em que eles são usados. Em vista disso, como procedimentos de análise, apresentaremos, no próximo capítulo, a metodologia utilizada para o desenvolvimento do trabalho, bem como os grupos de fatores e as ferramentas computacionais que viabilizaram a análise qualitativa dos dados.

CAPÍTULO 3

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em razão da concepção de linguagem assumida aqui, explicitaremos neste capítulo todos os procedimentos metodológicos essenciais à realização do trabalho, tais como o *corpus* de investigação, os grupos de fatores e as ferramentas computacionais de análise.

3.1. ESPECIFICAÇÃO DO CORPUS DE ANÁLISE

Dadas as questões levantadas até aqui, acreditamos que somente uma teoria que leve em consideração as informações contextual e situacional disponíveis aos interlocutores é que poderá explicar devidamente a atuação dos AdvFs, cujo comportamento está muito atrelado às situações comunicativas. Assim, a abordagem teórica que dá subsídios ao nosso trabalho em questão é a funcionalista, o que, por sua vez, pressupõe a análise de língua em situações efetivas de uso.

Nessa perspectiva, por se tratar de um estudo que versa sobre a função pragmática Foco expressa pelos AdvFs, tomamos como unidade de análise a oração (*clause*), uma vez que, para Dik (1989), o Foco é uma função que se restringe à predicação propriamente dita. Segundo o autor, a oração constitui, conforme já destacado anteriormente, uma entidade de quarta ordem, isto é, trata-se de uma proposição à qual se aplica uma força ilocucionária (cf. cap.1).

Para compor o *corpus* de análise do português falado, recorreremos aos materiais do *Projeto da Norma Urbana Culta* (NURC), mais especificamente ao *corpus* mínimo do *Projeto de Gramática do Português Falado* (PGPF), composto por amostras de fala provenientes de diferentes capitais brasileiras, a saber: São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife e Salvador. Esse *corpus*³⁰ compreende os seguintes inquéritos, distribuídos em três níveis de formalidade, D2/SP/360, D2/RJ/335, D2/RE/05, D2/POA/291, D2/SSA/98, DID/SP/234, DID/RJ/328, DID/RE/131, DID/POA/45, DID/SSA/231, EF/SP/405, EF/RJ/379, EF/RE/337, EF/POA/278 e EF/SSA/49.³¹

Além dessas medidas, outras mais foram tomadas durante o levantamento dos dados, sobretudo com a intenção de tornar ainda mais claro e mais preciso o nosso objeto de pesquisa. Por essa razão, foram descartados do *corpus* de análise os seguintes casos:

- 1) respostas afirmativas e negativas representadas apenas pelos elementos *sim/não* e orações truncadas ou interrompidas;
- 2) casos de advérbios arrolados na Literatura lingüística como focalizadores, e por nós identificados como ocorrências de ECCs;
- 3) ocorrências como “*para os alunos eles vendem a merenda...e para os professores também* (DID/RJ/328:588)” e “*Pedro comprou um carro novo e José também* (Koch, 1999, p.21)”, por serem elencadas por Halliday & Hasan (1976) como mecanismos de coesão, do tipo que se processa por meio de *substituição*.

Essa postura metodológica, aliás, decorre da própria natureza do material de análise, a língua falada, que é caracterizada pela extrema variabilidade e fluidez. Daí, a presença de interrupções, truncamentos de palavras ou enunciados, anacolutos, etc.

³⁰ Ver as normas de transcrição do PB no Anexo 1.

³¹ Sobre os símbolos utilizados: D2 (Diálogo entre dois informantes), DID (Diálogo entre informante e documentador) e EF (Elocução formal).

3.2. GRUPOS DE FATORES

Para a análise comportamental dos AdvFs, os grupos de fatores foram divididos em três blocos, de acordo com os aspectos sintático-semânticos, pragmáticos e prosódicos. É importante destacar que temos a plena consciência de que o nosso objeto de pesquisa não constitui um fenômeno variável, no sentido sociolingüístico do termo. Por essa razão, a noção de “grupo de fatores” é utilizada aqui apenas como instrumento de trabalho e descoberta, isto é, como um recurso metodológico de valor heurístico, cujo processo garante que todos os dados serão analisados sob os mesmos critérios qualitativos.

3.2.1. Aspectos sintático-semânticos

a) Tipos de Advérbios focalizadores

Como se pôde verificar nos capítulos anteriores, várias são as discussões acerca dos elementos adverbiais que atuam na marcação de Foco. Assim, para investigar o comportamento sintático, semântico, pragmático e prosódico desses AdvFs no português do Brasil, procuramos elencar no *corpus* as formas atreladas ao uso desses elementos como marcadores de Foco. No levantamento dos dados, foram encontrados os seguintes tipos de advérbios: *justamente, exatamente, principalmente, especialmente, somente, só, também,*

mesmo, até, apenas, especificamente, exclusivamente, inclusive. Por se tratar de um grupo de fatores que já vem sendo discutido ao longo do trabalho, não o exemplificaremos.

b) Ordenação dos constituintes da oração na presença de AdvFs

O nosso objetivo, por meio desse grupo de fatores, é verificar se a ordenação dos constituintes da oração pode sofrer algum tipo de mudança para marcar o Foco quando na presença dos AdvFs. Essa medida se explica em função das considerações formuladas na parte introdutória do trabalho, em que defendíamos que o uso dos AdvFs no PB está relacionado à manutenção da ordem canônica dos constituintes da oração. Dessa maneira, no que diz respeito às colocações de Van Valin & Lapolla (1997), a nossa hipótese é a de que os AdvFs exercem no PB a mesma função que a proeminência prosódica exerce no Inglês, que é a de focalizar qualquer constituinte sem alterar a ordem canônica da oração. Para a análise dos dados, consideramos como *não-marcada* aquelas orações em que a ordem de seus constituintes manteve-se inalterada, e *marcada* aquelas em que a ordem de seus constituintes fora alterada para alocar o Foco. As ocorrências (75) e (76) representam, respectivamente, esses dois tipos de ordenações:

- (75) Inf *nós temos apenas o conteúdo em geral...então nós temos...o cajado aorta...a aorta descendente agora entre parênteses a aorta torácica...lógico...nós temos os nervos...nós temos o esôfago torácico...temos...o conducto torácico...nós temos as veias...e temos o conducto tráqueo-brônquio...ou seja...a traquéia...e::o se/ a sua bifurcação...ou seja...dando os brônquios direito e esquerdo (EF/SA/49:318) = P1SVO (ordem não-marcada)*
- (76) Inf *(...) e as gurias de noite... amarraram cordão nas PORTas fizeram o diAbo lá... pra pra mexer com o pessoal sabe?(++) até **cama** andaram desarMANDo um de OUtra assim para... se divertir... e essas*

viaJAdas que a gente tem feito assim..(DID/POA/45:128) = P1SV
(ordem marcada do objeto “cama”)

Em (75), o advérbio *apenas* incide sobre o objeto “o conteúdo em geral”, sem alterar a ordem SVO da oração. Já na ocorrência (76), a ordem dos constituintes aparece alterada, com o objeto “cama” alocado na posição P1 da oração, que, por sua vez, ainda é focalizado pelo advérbio *até*.

c) Orientação do Advérbio focalizador em relação ao seu escopo

Diante do que foi apresentado nos capítulos 1 e 2 sobre a atuação dos AdvFs e sobre a noção de escopo, julgamos que esse grupo de fatores seria relevante para verificar a orientação dos AdvFs em relação ao seu escopo, já que foi possível verificar que esses elementos adverbiais podem tanto aparecer à esquerda quanto à direita do seu escopo. Tendo sido constatada uma certa tendência para a posição à esquerda do Foco, essa medida nos permitirá investigar quais são os advérbios que mais ocorrem à direita do elemento focalizado e o que costuma acontecer quando esses advérbios aparecem nessa posição. As ocorrências (77) e (78) mostram essas duas possibilidades de orientação:

- (77) Doc *qual é o esporte:: na sua opinião favorito dos gaúchos?*
 Inf *eu acho que é o futebol que a gente só ouve falar **em futebol**... só futebol... né? (DID/POA/45:298)*
- (78) Inf *vejam a dependência que o Japão tem do RESTO do mundo seja agilizado pelo mercado pra quê? para ampliar o seu mercado! estão estendendo a sutileza? é uma sutileza um pouco grande...feito um elefante (inaudível)...quer dizer o Japão precisa de quem compre as suas coisas e quem é que vai comprar?...a Alemanha produz...tá?...**Estados Unidos também** produz...economia soviética*

não tá... desenvolvendo...a indústria de consumo agora...aí é que tá a luta pela...sabe? (EF/RJ/379:373)

Em (77) e (78), têm-se dois casos de advérbio focalizando constituintes com diferentes funções sintáticas. Em (77), *só* aparece à esquerda do seu escopo, o objeto “em futebol”, e, em (78), o advérbio *também* aparece à direita do elemento focalizado, o sujeito.

d) Escopo dos Advérbios focalizadores

Levando-se em consideração as colocações de Van Valin & Lapolla (1997) e Van Valin (1999), acreditamos que o PB, diferentemente do Inglês, é uma língua que apresenta uma estrutura de foco flexível e uma estrutura sintática relativamente rígida, com o Foco podendo incidir sobre qualquer constituinte da oração. Em se tratando do processo de interação verbal, representado em Dik (1989, p. 8), a nossa expectativa é a de que o Foco atue apenas sobre um constituinte da oração, haja vista que a conversação procura sempre se instaurar a partir de alguma informação já conhecida entre os interlocutores. Em outros termos, o diálogo entre essas duas teorias funcionalistas nos permitirá checar se o que o Dik propõe como teoria de Foco, que se aplica somente à predicação, é o suficiente para classificar as ocorrências de Foco do PB, marcado pelos AdvFs. Caso a teoria de Dik seja totalmente aplicável aos nossos dados, então a tendência é a de que o português apresente, conforme Van Valin & Lapolla, somente casos de Foco estreito, visto que é o único tipo de Foco que inclui em seu escopo apenas um constituinte da oração. Dessa maneira, partindo dos estudos de Pezatti (1997), Longhin (1998) e Brentan (2001), os dados serão analisados mediante os seguintes fatores: *oração*, *complemento verbal*, *predicado*, *sintagma verbal*, *sujeito*, *adjunto adverbial*, *complemento nominal* e *adjunto adnominal*.

Observemos algumas ocorrências:

- (79) L2 *se põe uma pimenta malagueta... por exemplo... eu não gosto que pode evidentemente ultrapassa(r) assim o gosto da média... esta(r) muito marcante... mas se usa(r) essa pimenta chamada pimenta da terra... então ela ao ponto... **essa pimenta frita com as cebolas...** é exatamente que quebra o tom de excesso de cebola e ao mesmo tempo da pimenta... e dá um aroma... então... a pimenta... aquela coisa forte da pimenta passa a ser aromático na comida... e não o aspecto picante da comida que é diferente (D2/POA/291:130) = **sujeito***
- (80) Inf *tem havido uma acentuada rotatividade na mão de obra tanto isso é verdade que tem despertado... atenção... dos presidentes dos diversos sindicatos... existentes neste país... e há pouco tempo tivemos inclusive um conclave... dos mais importantes... que se verificou...no Rio de Janeiro...onde...depois...ou após muitos anos... nós tivemos... o imenso prazer... de observar um diálogo...cada vez mais crescente entre... os presidentes dos diversos sindicatos... que estavam presentes àquela reunião àquele conclave.. (DID/RE/131:183) = **complemento verbal***
- (81) L2 *cigarro vende em qualquer lugar...mas é monopólio estatal...em bebida...Bebida é monopólio estatal e só é vendida **em lojas do governo...** (D2/RJ/355:731) = **predicador***
- (82) Inf *então vocês notam como o fenômeno jurídico... é o mais importante... é a própria organização... o direito... no seu caráter então complementado gente Arnaldo pera aí Arnaldo eu sei que β sobre... a matéria mas eu tô querendo... terminar tá certo? “no seu caráter mais estável e preciso... se então pode ocorrer que certos tipos de solidariedade... social se manifeste apenas através de usos” que são os mo:res somos “são ti:pos certamente muito secundários”... ou seja para ele: Duckheim... primeiramente vem o direito... o até mesmo os mo:res... que vocês estudaram... vêm:... de maneira secundária... o principal já no tempo né? (EF/RE/337:420) = **adjunto adverbial***
- (83) Inf *...altura já da primeira lombar...e vocês sabem...a inserção também do diafragma... o limite superior...é aquele mesmo que nós vamos ter...por aquela linha oblíqua...aquele plano...convencional...mais ou menos a primeira dorsal e supra external (EF/SA/49:273) = **complemento nominal***

3.2.2. Aspectos pragmáticos

a) Tipo de Foco expresso pelos advérbios

Conforme destacado na introdução do trabalho, acreditamos que nem todos os tipos de Foco podem ser expressos pelos AdvFs, já que parece haver uma tendência para a especialização de certas estratégias na expressão de determinados tipos de Foco. A nossa hipótese é a de que os AdvFs estejam mais atrelados à manifestação de Foco restritivo e de Foco expansivo. Dessa forma, a fim de verificarmos essa hipótese, utilizaremos a classificação proposta por Dik (1989), compondo os seguintes fatores: Foco completo, contrastivo paralelo, substitutivo, expansivo, restritivo e seletivo. Vejamos algumas ocorrências de Foco abaixo:

- (84) Doc *quais as posições que a senhora nadava... assim que modalidades?*
 Inf *éh:: ocrow... peito... né? a gente nada **de costas também**... mas dizer que o que eu aprendi mesmo...naquele tempo que ele ensinou foi o:: nadarcrow...eu agora teria medo de.. de deixar minhas filhas ir num RIO...sem que não tinha PE... eu me lembro a gente não sabia nadar... e tinham:: tem aqueles trapiches né? (DID/POA/45:339)*
- (85) Inf *é nós fazemos um tipo de frequência...né?...fazemos provas...finais nao temos prova mensal só temos **a prova final do curso**...porque geralmente os estágios sao em pouco tempo...entao dois três meses a cada estágio entao nós fazemos uma prova...no fim do curso...depois de dois três meses o ahn::o estudante faz a prova...a prova e a frequência...no acaso do estagiário...nós temos...a prova...a frequência a prova ... (DID/SSA/231:416)*
- (86) Inf *eu acredito por exemplo não sei se esse tipo de assistência... os sindicatos... vês: adotando... no país... mas: acredito por exemplo... que a compra do carro próprio: ou a ajuda para construção da casa própria... seriam medidas... de GRANDE repercussão... social... principalmente aquela que diz respeito à construção da casa própria... que é realmente... um elemento de GRANDE importANCia... porque procura... por assim dizer... entregar: o econômico ao social:*

porque evidentemente nós não podemos admitir... um desenvolvimento estritamente em TERMOS ecoNômicos... (DID/RE/131:220)

Em (84) e (85), têm-se, respectivamente, um Foco expansivo e um Foco restritivo. Já em (86), o que se tem é um Foco seletivo, marcado pelo advérbio *principalmente*.

7) Tipologia funcional de Foco (Van Valin & Lapolla)

Como a teoria de Dik (1989) sobre as funções pragmáticas não prevê a incidência de Foco sobre mais de um constituinte ou sobre uma estrutura que ultrapasse o nível da predicação, acreditamos que os conceitos operacionais de Van Valin & Lapolla (1997) e Van Valin (1999) sobre a tipologia de Foco podem ser de grande ajuda, sobretudo porque esses autores não descartam a possibilidade de o Foco incidir, por exemplo, sobre um sintagma verbal (predicado, nos termos da Gramática Tradicional) ou sobre uma sentença inteira. A hipótese que sintetiza esses aspectos ganha ainda mais reforço na medida em que se analisam as ocorrências de Foco sobre o predicado comentadas por Stechow (1991), Peregrin (1999) e Heusinger (2000), no capítulo 2. Em outras palavras, o que justifica a utilização dos conceitos operacionais de Van Valin & Lapolla neste trabalho é a possibilidade de advérbios como *só* e *também* incidirem sobre um sintagma verbal, assim como atestam Longhin (1998) e Brentan (2001). No entanto, a idéia que sustentamos é a de que os dados do PB estão muito mais próximos da proposta de Stechow do que da de Peregrin e Heusinger. A fim de verificarmos a validade dessas observações, estamos considerando como fatores dois tipos de Foco: *Foco estreito* e *Foco amplo*.

A ocorrência (87) representa um caso de Foco estreito:

- (87) L1 *...nós usamos muito aqui pagamento de impostos...contas de luz...tudo através de sistema bancário...terminou aquele negócio...aquelas filas quilométricas de imposto de renda...de não sei o que...então eh essa popularização eu acho que foi a grande descoberta...a grande evolução do sistema bancário...e outra evolução do sistema bancário foi também o problema de:...de horário...não é? eu não sei se vocês se lembram que o banco antigamente...[era de meio-dia às quatro] (D2/RJ/355:1844) = Foco estreito*

b) Estatuto informacional do elemento focalizado pelo Advérbio

O estatuto informacional foi um outro grupo de fatores utilizado para a análise e interpretação dos dados. Esse grupo de fatores diz respeito ao tipo de informação veiculado pelos constituintes focalizados pelos Advs. Embora a proposta de Chafe (1976) seja mais abrangente, por levar em conta a pressuposição que o falante faz das informações pragmáticas do ouvinte ao introduzir uma informação no discurso, salientamos que a nossa análise está basicamente concentrada na proposta de Prince (1981), que é de base mais textual, portanto, muito mais fácil de ser operacionalizada. Segundo Prince, o estatuto informacional pode ser classificado como *dado*, quando a informação trazida pelo constituinte já estiver presente no discurso (conhecida); *novo*, quando traz uma determinada informação ainda não apresentada na situação discursiva e textual; *inferível*, quando a informação for inferida a partir da situação discursiva.³² As ocorrências de (88) a (90) são exemplares dessas três categorias:

- (88) Loc *miolo eu gosto muito refogado...sabe? eu acho...aquilo sei lá eu acho que tem...não sei não sei se é porque a gente sabe que é miolo...que é...vem do cérebro...eu sei eu sinto que tem alguma coisa*

³² Para Halliday (1985), a unidade informativa, normalmente, é constituída por duas funções, o *dado* e o *novo*, definidas pelo autor em termos da recuperabilidade do ouvinte. Segundo Halliday, o *dado* é recuperável pelo ouvinte porque é algo que já foi mencionado anteriormente na situação comunicativa. Já o *novo* corresponde aquilo que não é recuperável pelo ouvinte, pois é algo novo/inesperado.

*substancioso...que é...é importante pra saúde...aquele tipo de alimentação... o que mais? peixe...a gente come **galinha também**...uma vez por semana a titia faz quando não faz durante a semana...faz de dias de domingo...(faz) as galinhas sob várias formas (DID/RJ/328:475) = **nova***

- (89) L1 *está dentro do meu setor...quer dizer...eu acho...por exemplo...o A. tocou num assunto de...compra de apartamento...e eu...na minha profissão...tenho visto o seguinte...o brasileiro ele é muito despreparado em quase todos os assuntos...então e **principalmente no assunto de imóvel**...ou melhor dizendo em assunto profissional...qualquer assunto profissional que o brasileiro...vai...ele nunca tem uma assessoria... (D2/RJ/355:515) = **inferível***
- (90) Inf (...) *então... Bloom e outros colaboradores fizeram um... vários estudos que abrangeu a... as ah três áreas da personalidade... a área cognitiva... afetiva e psicomotora... mas nesse exato momento... nós estamos **apenas com a área cognitiva** está claro até aqui? (EF/POA/278:45) = **dada***

c) Co-ocorrência de estratégias de Focalização

Embora esse assunto seja muito pouco discutido na GF, Dik (1989) declara que um determinado Foco, marcado por uma ordem especial ou por construções clivadas, pode, às vezes, vir acompanhado de uma proeminência prosódica; porém, os comentários se resumem a poucas linhas. Assim, diante da possibilidade de haver dupla ou tripla marcação de Foco, os nossos objetivos são: 1) verificar se no PB os AdvFs podem co-ocorrer com outras estratégias de focalização, tais como a *ordem especial de constituintes*, *construções de clivagem* e *proeminência prosódica* para focalizar um mesmo constituinte, 2) investigar porque esse processo costuma ocorrer, se uma única estratégia de focalização já bastaria para marcar o Foco da oração. Além disso, a escassa bibliografia sobre o tema é um outro aspecto que justifica a importância desse estudo nos dados do PB. Para análise desse fenômeno, foram consideradas as seguintes combinações de estratégias: *Adv* +

Proeminência prosódica; Adv + Ordem especial; Adv + Construção clivada; Adv + Pro + Ordem especial; Adv + Pro + Construção clivada; Adv + Ordem especial + Construção clivada. Observemos algumas ocorrências abaixo:

- (91) Inf *motivo especial... bom agora não:: os motivos especiais que tiveram foram só **aniveRSÁ::rios** né?... que:: que a gente tem um grupo muito gran: :de quer dizer quando não é um é OUtro... que convidam que avisam a gente vai né?... (DID/POA/45:179) = **Adv + Proeminência***
- (92) Loc *e a gente faz uma comida que a (titia) chama de jardineira com couvinha mineira...faz couvinha mineira junta com...aquela couvinha bem partidinha ba/ faz na::...na...frigideira...depois põe em cima da carne e põe os legumes em cima...a gente usa muito esse tipo de comida aqui em casa...por exemplo...**chuchu** também ela refoga...faz ((confuso)) e aí a gente come com a carne as/ por exemplo faz o que a gente chama aqui em casa de trouxinha... (DID/RJ/328:418) = **Adv + Ordem especial***
- (93) L1 *só quem faz a faculdade de Pedagogia é que poderá ensinar? (D2/SP/360:365) = **Adv + Construção clivada***
- (94) Inf *no Fantástico então através do do da televisão eu acho que seria um um bom...um bom jeito de de de se fazer chegar ao público as peças teatrais que estão...em cartaz...você vê o pessoal não está quase acostumado a ler jornais e **através de jornais** só que o o o o teatro é divulgado...eu não acho que::éh éh haja muita divulgação do teatro eu tenho impressão que o teatro PERde público por falta de divulgação ...eu tenho impressão eu acho que...que se fosse mais comentado através da televisão que que em todos os::os lares é é assistido eu tenho a impressão que seria mais...aceito (DID/SP/234:519) = **Adv + Ordem especial + Construção clivada***

3.2.3. Aspectos prosódicos

a) Presença de pausa à direita do elemento focalizado

Segundo Vigário (1998), quando o Adv aparece à direita do elemento que ele focaliza, é bem provável que apareça uma ruptura entre esse mecanismo e o restante da oração para que o Foco possa ser claramente identificado. Centrada basicamente nos dados do português de Portugal, a autora exemplifica esse aspecto, fixando-se naqueles casos em que o AdvF se coloca entre o sujeito e o verbo. Para Vigário, em situações como essas, o sujeito só poderá ser o Foco da oração se existir, por exemplo, uma ruptura entre o advérbio e o verbo e uma ausência de ruptura entre o sujeito e o advérbio, como em “O João só / foi à praia”. Nesse sentido, tomando como base a afirmação de Ilari *et alii* (1990) sobre a noção de escopo dos AdvFs, isto é, a de que os AdvFs no PB, em geral, tendem a se colocar à esquerda do elemento focalizado, o nosso objetivo é verificar se, quando esse Adv se coloca à direita do elemento que ele focaliza, a presença de pausa ainda é necessária para especificar o Foco da oração. Para tanto, os dados foram analisados com base nos seguintes fatores: *presença* e *ausência* de pausa entre o AdvF alocado à direita do escopo e o restante da oração. As ocorrências (95) e (96) representam esses casos:

- (95) L2 *ele já ia à escola da manhã que eu comecei quando eu comecei trabalhar...comecei a trabalhar **há dois anos só** (++) antes eu não trabalhava...e quer dizer que então...ele já ia à escola de manhã porque eles dormem sete sete e meia e acordam seis e meia...é o horário normal deles (D2/SP/360:375)*
- (96) Inf *é uma sutileza um pouco grande...feito um elefante (inaudível)...quer dizer o Japão precisa de quem compre as suas coisas e quem é que vai comprar?...a Alemanha produz...tá?...**Estados Unidos também** produz...economia soviética não tá... desenvolvendo...a indústria de consumo agora...aí é que tá a luta pela...sabe? (EF/RJ/379:373)*

Embora em (95), a pausa não tenha sido devidamente marcada na transcrição do inquérito, cabe notar que ela é bastante importante para especificar o escopo do AdvF *só*,

já que, sintaticamente, ele poderia incidir tanto sobre o satélite “há dois anos” quanto sobre o satélite “antes”. Já em (96), a presença de pausa não é necessária, uma vez que o AdvF *também* já basta para marcar o Foco sobre o sujeito “Estados Unidos”.

3.3. TRATAMENTO QUANTITATIVO DOS DADOS

Uma vez levantadas as ocorrências dos AdvFs e as suas possibilidades de co-ocorrência com outras estratégias de focalização no PB, buscamos, durante a análise dos dados, correlacionar esses usos às funções semânticas, pragmáticas e discursivas que esses elementos podem assumir nos diferentes contextos.

Para o tratamento estatístico dos dados, foram utilizados alguns programas do pacote VARBRUL (Pintzuk, 1986), entre eles *Qedit*, *Checktok*, *Readtok*, *Makecell* e *Crosstab*. A partir dos resultados percentuais obtidos na análise quantitativa, propomos uma análise qualitativa das ocorrências de AdvFs a fim de caracterizar o seu comportamento nos dados do PB. É importante lembrar que o uso do pacote VARBRUL em nossa pesquisa representa apenas um instrumento estatístico que estabelece correlações entre grupos de fatores de modo rápido e econômico. O objetivo, portanto, não é analisar variáveis assim como se faz na Sociolinguística.

3.4. PROGRAMA COMPUTACIONAL PRAAT

Com relação ao tratamento acústico de alguns dados,³³ conduzido dentro das considerações teóricas de Cagliari (1981; 1992), recorreremos ao programa computacional *PRAAT*, desenvolvido por Paul Boersma, da Universidade de Amsterdam, cujas ferramentas disponibilizadas nos permitem obter informações sobre F0 (Frequência fundamental) e possíveis variações de Pitch (intensidade) e duração dos elementos segmentais (sentenças). Cabe salientar que o programa utilizado nesta etapa encontra-se disponível gratuitamente no endereço *www.praat.org*, onde também se pode obter informações acerca do funcionamento do programa.

Assim, para analisar os aspectos prosódicos atrelados ao uso dos AdvFs, procuramos, em um primeiro momento, durante a audição dos inquéritos do NURC, selecionar os trechos das gravações com a presença do fenômeno investigado. Em seguida, as gravações dos trechos selecionados na etapa anterior foram digitalizadas, isto é, antes de os sinais acústicos serem transformados em sinais gráficos de espectro de fala, os trechos selecionados foram remasterizados em MD (Mini Disc), a fim de obtermos uma melhor qualidade acústica das porções de fala selecionadas. Os equipamentos utilizados nessa etapa estão disponíveis no Laboratório de Recursos Audiovisuais do IBILCE/UNESP. Na etapa da digitalização, os dados de som, inicialmente gravados em MD, foram transmitidos para o microcomputador por meio de cabo P2-RC1-*Stereo* e gravados em formato *.wav*, a 22050 Hz. Após esse processo, cada arquivo, que corresponde a um trecho selecionado do *corpus*, foi armazenado em CD-RW, também disponível no mesmo Instituto. Ao realizar esse processo, o objetivo foi tentar comprovar, por meio de dados acústicos fornecidos

³³ É importante ressaltar aqui que o nosso interesse pelas questões prosódicas não constitui um trabalho de cunho fonético-fonológico, até porque um estudo como esse ressuscitaria problemas teóricos que são próprios da Fonologia Prosódica, o que não é o nosso caso. Este trabalho procura descrever a importância de alguns elementos prosódicos na linguagem, porém, sem perder de vista o aparato teórico da Gramática Funcional. Nesse contexto, cabe destacar que o programa utilizado em nossa pesquisa serve, por exemplo, para fornecer informações de contornos entoacionais das sentenças com a presença do advérbio.

pelo PRAAT, as nossas hipóteses de funcionamento da língua formuladas durante a fase inicial da pesquisa, ou melhor, durante a fase de investigação auditiva dos dados de fala.

Feitas as devidas considerações sobre os procedimentos metodológicos do trabalho, passaremos agora à análise do comportamento dos AdvFs no português brasileiro.

CAPÍTULO 4

CARACTERIZAÇÃO FUNCIONAL DOS ADVÉRBIOS FOCALIZADORES NO PORTUGUÊS FALADO DO BRASIL

Neste capítulo, apresentaremos a análise e a interpretação dos dados do português falado do Brasil com base nas discussões e reflexões teóricas apresentadas nos capítulos anteriores. Assim, de acordo com os grupos de fatores estabelecidos no decorrer do trabalho, explicitaremos nesta seção tanto as análises quantitativas, que servirão de base para a sustentação/ou refutação das nossas hipóteses, quanto as análises qualitativas, nas quais apresentaremos uma descrição do comportamento dos AdvFs e dos casos de co-ocorrência com outras estratégias de focalização estipuladas por Dik (1989).

4. ANÁLISE DOS DADOS

Conforme mencionado nas seções anteriores, um dos principais objetivos desse trabalho é o de descrever o comportamento dos elementos adverbiais que atuam na linguagem como instrumentos de focalização. Sendo assim, nas seções seguintes, analisaremos os aspectos sintático-semânticos, pragmáticos e prosódicos dos AdvFs.

4.1. ASPECTOS SINTÁTICO-SEMÂNTICOS

4.1.1. Tipos de Advérbios focalizadores

Comprovando a idéia de que a classificação oferecida pelas gramáticas tradicionais é insuficiente para abarcar as diferentes funções desempenhadas pela classe dos advérbios, verificamos que no PB, além da ordem especial e das construções clivadas, o Foco pode também ser marcado pelas seguintes formas adverbiais:

	Ocorrências	
	n.	%
Também	134	36
Só	101	27
Principalmente	27	7
Até	19	5
Exatamente	19	5
Inclusive	17	4,5
Apenas	16	4
Mesmo	12	3
Justamente	9	2,5
Próprio	6	2
Somente	5	1,5
Exclusivamente	5	1,5
Especialmente	2	0,5
Especificamente	2	0,5
TOTAL	374	

Tabela 1: Tipos de Advérbios focalizadores

Como se pode notar na tabela acima, o português brasileiro apresenta uma vasta gama de elementos adverbiais que desempenham a função de focalizador, com grande destaque para *também* (36%) e para *só* (27%), formas mais prototípicas no tocante à manifestação do Foco expansivo e do Foco restritivo, respectivamente. As ocorrências (97) e (98) representam esses dois usos prototípicos:

- (97) Loc [o garoto] não é muito guloso não...ele come só aquilo das refeições...ela também faz de manha...ela dá frutas...ela faz vitaminas

com frutas né? usando maça...pera...mamão...eh...laranja lima...e depois ela dá o almoço...na hora do café ela usa o leite...ela não toma leite puro...então ela mistura o leite com uma dessas farinhas que::a gente por aí...né? (DID/RJ/328:735)

- (98) Inf *abaixo da pele portanto...nós vamos encontrar os elementos vasculares de::.../ hormônios responsáveis pela...irrigação...e pela inervação da glândula...quais são esses elementos?...nós temos...as artérias...intercortais aorta e nós temos desde já a mamária interna e mamária externa...as veias...são...as veias...nós temos **também as veias homônimas**...ou sejam...intercostais aorta...mamária interna...mamária externa... (EF/SA/49:124)*

Em (97), verifica-se que o AdvF *só* aparece entre o verbo e o seu complemento, com o escopo incidindo sobre o objeto “aquilo das refeições”, e, em (98), o advérbio *também* aparece entre o verbo e o seu complemento “as veias homônimas”, fato que parece ser característico desse tipo de advérbio. Cabe notar ainda que, nesses casos, os advérbios tendem a aparecer à esquerda do elemento que eles focalizam, não causando assim nenhum tipo reestruturação sintática para acomodar a Função Pragmática Foco.

Formas como *até* (5%) e *inclusive* (4,5%) foram outros casos de focalizadores encontrados no *corpus*, que também estão atrelados à marcação de Foco expansivo. Vejamos as ocorrências (99) e (100) abaixo:

- (99) L1 *(...) e tem um prato hindu que fazem na China... uma coisa assim... então ele [o cônsul alemão] fez esse... fez uma... fez uma recepção lá na casa dele então ele fez esse prato... a maioria do... do material todo vinha de lá... era importado... era um negócio sensacional... tinha assim uma mesa que a quantidade de temperos não dá pra distingui(r) nenhum... tinha **até tempero azul**... não sei o que era aquilo... é um negócio sensacional... (D2/POA/291:189)*

- (100) Inf *eles...obtinham direito à chamada estabilidade... com aplicação ou com... a entrada em vigor... do Fundo de Garantia por: Tempo de Serviço... tem havido uma acentuada rotatividade na mão de obra tanto isso é verdade que tem despertado... atenção... dos presidentes dos diversos sindicatos... existentes neste país... e há pouco tempo tivemos **inclusive um conclave... dos mais importantes**... que se verificou... no Rio de Janeiro... onde... depois... ou após muitos anos... nós tivemos... o imenso prazer... de: observar um diálogo... cada vez*

mais crescente entre... os presidentes dos diversos sindicatos...com o senhor ministro do trabalho Arnaldo Prieto... (DID/RE/131:183)

Em (99), o advérbio *até*, presente em 5% dos dados, aparece focalizando o objeto direto “tempero azul”. Esse tipo de advérbio apresenta um comportamento um pouco diferenciado dos demais, uma vez que o seu uso como focalizador tende a apontar, dentro de uma escala de participantes, um elemento que era menos esperado (surpresa) no contexto. Na ocorrência (100), tem-se um caso de *inclusive* focalizando o objeto “*um conclave...dos mais importantes*”.

No tocante ao Foco restritivo, verificou-se que, além da forma prototípica *só* (26%), há outros tipos de advérbios presentes no PB, como *apenas* (4%), *somente* (1,5%), *exclusivamente* (1,5%), que também desempenham a função de restringir, entre um número de informações possíveis, a informação que o falante considera mais relevante para ser adicionada à informação pragmática de seu interlocutor. Observemos abaixo as ocorrências de (101) a (103):

- (101) Inf *o baile de formatura...geralmente tinha o baile de formatura...bom hoje em dia não tem mais isso é::...tinha geralmente o culto...religioso...ou católico ou protestante né dependendo da/ do grupo... hoje em dia isso tá caindo eles fazem apenas uma missa em ação de graça e aí mesmo tem a colação de grau já não tem mais aquela solenidade aquelas roupas todas né? (DID/SSA/231:541)*
- (102) L2 *não...tu vê...por exemplo...o peixe...peixe aqui no Rio Grande eu tenho impressão que se come peixe...exclusivamente na Semana Santa... porque é um... é um dogma...o padre mandou...seja lá o que for né (ruído de microfone) na Semana Santa...mas não é hábito gaúcho come(r)..come(r) peixe.. (D2/POA/291:21)*
- (103) L2 *tem secretária...que quer saber o porquê::que quer falar com aquela pesso::a tudo isso...né?...então ou ligam para a casa...da pessoa para a residência...normalmente a maioria das vezes fazem isso...o mas também tem um pouco de dificuldade porque não podem falar nem para a esposa...porque eles não sabem que tipo de vida...vive o casal*

L1 *a família vive isso*

L2 *não é?...então nem para a esposa pode ser dito...pode ser dito somente para a própria pessoa e aí se ela tornar público aí é problema dela...mas eles não podem (D2/SP/360:1071)*

Em (101), o advérbio *apenas* aparece focalizando o objeto “uma missa em ação de graça”. Na ocorrência (102), observa-se que *exclusivamente* atua sobre o satélite de tempo “na Semana Santa”, caracterizado, no contexto de interação, como a informação mais importante para o interlocutor. Já em (103), o advérbio *somente* focaliza o complemento verbal “para a própria pessoa”.

Já os advérbios do tipo *principalmente, exatamente, especialmente e especificamente* estão relacionados à manifestação de Foco seletivo. Verifiquemos as ocorrências abaixo:

(104) Inf *as:: manifestações artísticas começaram a aparecer no paleolítico superior... especificamente no período madalanense que é o último período do paleolítico ...e que vai abranger... aproximadamente de vinte mil... a doze mil antes de Cristo... (EF/SP/405:08)*

(105) L2 *e realmente os melhores cantadores têm vindo daquela zona...você quer ver um meio de comunicação que já já já tá se extinguindo pelo menos aqui no Brasil quase extinto não têm nada que presta?...o circo...o circo é uma beleza né?...especialmente o circo péssimo...esse é ótimo (D2/RE/05:267)*

(106) Loc *o norte principalmente na Amazonas e no Pará...a influência indígena sobre a alimentação é muito grande...eles comem MUITas coisas todos assim muito relacionados à coisas comidas pelos indígenas...principalmente no Amazonas (DID/RJ/328:86)*

(107) L2 *ai... digamos assim... no sábado... então... vem o peixe... normalmente... quinta feira... ou meio da semana... quarta feira se faz peixe... peixe ou camarão... há... há um detalhe por exemplo... cru... crustáceo né... gosto muito... aquele arroz com frutos do mar... a minha mulher é incapaz de... de... de prova(r)*

L1 *não suporta*

L2 *não... não come já se fez várias vezes... na tua casa mesmo... uma ocasião*

L1 *é... a minha também... a minha também (superposição)*

L2 *tu fez (fizeste) um jantar*

- L1 *é*
 L2 *aí... o re... sobrou exatamente o arroz com frutos do mar*
 (D2/POA/291:45)

Nas ocorrências de (104) a (107), observa-se que os advérbios *especificamente* (0,5%), *especialmente* (0,5%), *exatamente* (5%) e *principalmente* (7%), focalizam, respectivamente, o satélite de tempo “no período madalense”, o sujeito “o circo péssimo”, o complemento verbal “o arroz com frutos do mar”, e, por último, o satélite de lugar “na Amazonas e no Pará”. Em todas esses casos, o falante seleciona em um universo discursivo a informação que ele considera ser desconhecida para o ouvinte.

Com relação ao advérbio *próprio* 2% (6/374), verificamos que ele está quase sempre atrelado à marcação do Foco completivo. Já os AdvFs *mesmo*, presente em 3% (12/374) dos dados, e *justamente* com 2,5% (9/374) podem marcar tanto o Foco expansivo quanto o Foco restritivo. Vejamos as ocorrências abaixo:

- (108) Inf *a segunda razão...seria o fato que nos leva a pensar... na:: na arte nascendo ligada à magia... é o fato de que essas representações eram feitas sempre na parte escura das cavernas... MUIto no FUNdo... de maneira que não era de maneira alguma para ser vista... no escuro a gente não pode ver... a própria **COR**... depende da luz... ou... é... um problema de luz... de iluminação... certo?... (EF/SP/405:246)*
- (109) L2 *o problema é vender pro comércio...quando começa a desenvolver o comércio...*
 L1 *you bota comércio...colégio e vai por aí a fora...no fim você tem...então a primeira coisa que inflaciona...a construção é o poder econômico de determinados grupos ou pessoas que ficam...ah...senhores proprietários de áreas e **eles mesmo** especulam sobre aquilo...entendeu? (D2/RJ/355:669)*
- (110) Loc *em Salvador...nós comemos sobremesas des/ desse tipo...e no sul eu me/ eu me prendi mais foi **justamente** às frutas...né? (DID/RJ/328:292)*

Em (108), o advérbio *próprio* focaliza o objeto “cor”, definido como Foco completivo por não estabelecer nenhum tipo de contraste com outra entidade. Além disso, o Foco completivo ainda é marcado pela proeminência que se coloca sobre o objeto. Já na ocorrência (109), o advérbio focalizador *mesmo* atua sobre o sujeito “eles”, destacando que são os próprios proprietários das áreas e não outras pessoas que especulam sobre o processo de construção. Em outras palavras, o Foco expresso pelo advérbio *mesmo* é restritivo. Em (110), o advérbio *justamente* focaliza o objeto “às frutas”, responsável por sinalizar o Foco restritivo.

4.1.2. Ordenação dos constituintes da oração na presença de AdvFs

Uma de nossas perguntas de pesquisa está relacionada à funcionalidade dos Advérbios focalizadores na oração. Dessa forma, a fim de verificarmos se o uso dos AdvFs é um mecanismo utilizado para focalizar e ao mesmo tempo preservar a ordem linear dos constituintes na oração, os dados foram analisados com o intuito de constatar se esses mecanismos de focalização estão de fato relacionados à manutenção da ordem canônica dos constituintes da oração. É o que se observa nos dados da tabela 2 a seguir:

	Ocorrências	
	n.	%
Ordem não-marcada	349	93
Ordem marcada	25	7
TOTAL	374	100

Tabela 2: Ordenação dos constituintes da oração na presença de AdvFs

Como se pode verificar, quando analisada na presença de AdvFs, a ordem dos constituintes só se mostrou alterada em 7% (25/374) das ocorrências contra 93% (349/374) dos dados em que a ordem aparece não-marcada. A esse respeito, Dik (1989) assinala que uma construção é mais marcada à medida que é menos esperada no contexto, conseqüentemente, quando uma construção marcada ocorre, ela exige mais atenção. Diante disso, observada juntamente com os AdvFs, constatou-se que a ordem dos constituintes da oração só é alterada em razão de algum interesse especial do falante, assim como mostram as ocorrências (111) e (112), que constituem claramente casos de objetos (A2) alocados na posição inicial da oração (P1), com a função pragmática Foco:

(111) Loc *a gente faz uma comida que a (titia) chama de jardineira com couvinha mineira...faz couvinha mineira junta com...aquela couvinha bem partidinha ba/ faz na:...na...frigideira...depois põe em cima da carne e põe os legumes em cima...a gente usa muito esse tipo de comida aqui em casa...por exemplo...**chuchu** também ela refoga...faz ((confuso)) e aí a gente come com a carne as/ por exemplo faz o que a gente chama aqui em casa de trouxinha... (DID/RJ/328:418)*

(112) L1 *eu tenho um conhecido... aliás... um amigo comum nosso que ele é especialista em comida internacional então vai faze(r) uma comida chinesa indiana... qualque(r) coisa...até **incenso** ele queima... ah... só falta música ambiental...só falta eu me vesti(r) a rigor (D2/POA/291:107)*

Cabe notar que, em (111) e (112), os constituintes “chuchu” e “incenso”, alocados na posição inicial da oração, servem à função pragmática Foco, cujo objetivo é ressaltar a informação relativamente mais importante no contexto. Nesses casos, o que leva o falante a focalizar, por meio de um advérbio, um constituinte já alocado na posição P1 da oração é a tentativa de impedir que certos constituintes focais sejam interpretados pelo ouvinte como Tópico ou Organizador de Cenário. Assim, para evitar que isso aconteça, o falante

utiliza duas ou mais estratégias de focalização para deixar bem claro qual é a sua intenção comunicativa. A intenção do falante é o que explica, na nossa opinião, a dupla marcação de Foco nos dados do PB (AdvFs + Ordem especial).

Resumindo o que se disse sobre essas ocorrências, temos o seguinte:

(111')	chuchu	<i>também</i>	ela	refoga
	P1_{Foco}	AdvF	S	V

(112')	<i>até</i>	incenso	ele	queima
	AdvF	P1_{Foco}	S	V

Tanto em (111') quanto em (112'), a ordem SVO dos constituintes da oração aparece alterada, com o objeto alocado no início da oração. Contudo ocorrências como essas correspondem, conforme já destacado, a apenas 7% (25/374) do total dos dados, o que, por sua vez, comprova a nossa hipótese de que os advérbios constituem uma das principais estratégias utilizadas pelo falante para focalizar algum constituinte, sem que para isso seja necessário alterar a ordem não-marcada dos constituintes da oração.

Nessa perspectiva, os casos de co-ocorrência de estratégias de focalização atrelados à ordem especial são, certamente, os únicos exemplares do *corpus* que se mostraram responsáveis pela mudança de ordem dos constituintes oracionais. No tocante às demais ocorrências, a ordem permaneceu inalterada, com o Foco sendo marcado pelos advérbios.

Com relação à ordem não-marcada, as ocorrências (113) e (114) exemplificam casos em que os advérbios *também* e *só* focalizam, respectivamente, o sujeito “o Brasil” e o complemento verbal “o legume”, conforme se observa abaixo:

- (113) L1 *ah...as surpresas...agora...você falou em problema estatal...não é? **o Brasil também** está caminhando pra economia estatal...e como eu leio aí nos jornais – a gente não é dessa área..né? quer dizer...desse setor – mas você vê ...um absurdo o Brasil... a Companhia Siderúrgica Nacional no balanço apresentado..alto prejuízo ...como é que uma emp/ uma companhia de aço.. produtora de...de...de...de aço...pode dar prejuízo? (D2/RJ/355:1140)*
- (114) Inf *...quando eu como muita coisa que tenha engordado...bata::ta.. macarrão:::pão::-- quando eu por um acaso...tiver comido isso de manhã...à noite então eu faço um:::um balanço...e procuro tirar as coisas as outras coisas que possam vir a engordar --feijão-- então tudo aquilo --arroz-- aí eu como só **o legume** realmente e a fruta...o que eu não posso realmente é deixar...de comer coisas salgadas à noite...eu/ eu sinto assim muita necessidade...de comer coisas salgadas à noite...então normalmente a minha alimentação constitui-se assim de verduras né? (DID/RJ/328:18)*

Nessas ocorrências, para acomodar a função pragmática Foco, a ordem dos constituintes da oração não sofre nenhum tipo de mudança, o que mais uma vez corrobora a nossa hipótese defendida ao longo do trabalho. Resumindo o que dissemos das ocorrências acima, temos o seguinte:

(113')	o Brasil	<i>também</i>	está	caminhando	para economia estatal
	S_{Foco}	AdvF	Aux	V	O

(114')	eu	como	<i>só</i>	o legume
	S	V	AdvF	O_{Foco}

Até mesmo nas construções VS, a ordem dos termos da oração costuma se manter inalterada (não-marcada), assim como se verifica na ocorrência (115):

- (115) Inf *os programas todos do Rubista/Rubistein Bra::ah:: Brailowski não sei se... se esteve aqui foi Ba/Backaus... Jorge Demus... e tantos outros que têm aí que nem sei... mais outros pianistas que a gente foi...lembro quando o Rubinstein tocava mas estava CHEIO o:: . ..o teatro todo né?... até aquelas galerias o balcão de segunda a gente em PÉ... ahn:: nos corredores botaram cadeiras tudo... e depois veio também o Giglio não sei se vocês já...viram:: (DID/POA/45:591)*

Em construções como essas, é natural que o sujeito venha posposto ao verbo da oração, principalmente naqueles casos em que P1 já estiver ocupada. Em (115), a ordem P1VS não sofre nenhum tipo de reestruturação sintática para marcar o Foco “o Giglio”. Segundo Pezatti (2003), pelo fato de ser uma língua SVO, o PB mostra-se relativamente rígido com relação à colocação dos argumentos sujeito, objeto e oblíquo (A1, A2 e A3), preservando geralmente o esquema P1SVO. Todavia, mostra-se mais acessível à alteração da ordem canônica com constituintes satélites, ou seja, constituintes lexicais opcionais que veiculam informação adicional a uma das camadas no modelo hierárquico da oração. A ocorrência (116) representa um caso de satélite (adjunto adverbial) alocado no início da oração, com a Função pragmática Foco:³⁴

- (116) Inf. *e podendo inclusive...eleger...representantes....para que esses mesmos representantes...sejam... seus porta vozes...possam com isso propor...legislar fazer ver inclusive ao poder executivo...ver que determinadas classes...são carentes de determinadas...questões...e que só através desses representantes é que evidentemente se pode chegar...a um denominador comum...ou a uma solução... (DID/RE/131:311)*

Em (116), verifica-se que, apesar de o satélite ser focalizado por meio do AdvF *só* e da clivada *é que*, ele não poderia estar em P1, visto que ela já está ocupada pelo

³⁴ Como constituintes da oração propriamente dita, estamos considerando apenas os termos argumentais (A1, A2, A3). Já os termos não-argumentais, típicos da predicação estendida, também são considerados, porém, apenas para se referir ao processo de co-ocorrência de estratégias de focalização.

constituente-P1,³⁵ representado pelo relator subordinativo *que*. Assim, o fato de ser Foco e não estar em P1 é uma das justificativas para a incidência de outras estratégias de Foco sobre o satélite, tais como o *advérbio* e a *clivada*. Em outros termos, tem-se:

(116')	que	só	através desses representantes	é que	se pode	chegar
	P1	AdvF	Pa_{Foco}	Cliv	Aux	V

Nesse contexto, quando um falante opta, por exemplo, por alocar os constituintes adverbiais no início da oração, a ordem não-marcada dos satélites é alterada em favor de algum interesse pragmático. No entanto, quando o falante deseja focalizar algum constituinte sem alterar demasiadamente a ordem canônica da oração, ele faz uso dos AdvFs para realizar tal tarefa. Em (116), diferentemente das ocorrências (111) e (112), a ordem não-marcada dos termos argumentais da oração (A1, A2 e A3) não sofre nenhum tipo de alteração; só o satélite de instrumento “através desses representantes” é alocado em Pa.

A ocorrência (117), a seguir, exemplifica um caso em que o advérbio focaliza um satélite σ_1 com a função semântica de *Beneficiário*, alocado em sua posição não-marcada:

- (117) L2 *exatamente né? então vamos tentar:: () ver se conseguem*
 L1 *isso*
 L2 *agora é uma carreira muito boa principalmente para mulher*
 (D2/SP/360:635)

Tanto em (116) quanto em (117), a ordem SVO da oração não sofre nenhuma alteração. Em (117), o satélite “para mulher”, focalizado pelo Adv *principalmente*, encontra-se alocado em sua posição não-marcada, a posição final da oração.³⁶

³⁵ Segundo Cucolo (2002), ocorrências como (116), no entanto, mostram que o Português, assim como outras línguas, necessita de uma outra posição (Pa) para alocar constituintes com uma função pragmática específica, quando a P1 já estiver ocupada por um constituinte-P1.

De acordo com os exemplos apresentados aqui, pôde-se verificar que para preservar a ordem não-marcada da oração recorre-se aos AdvFs. No nosso caso, a ordem SVO só é quebrada em função de algum interesse pragmático ou, mais especificamente, naqueles casos em que o AdvF co-ocorre com ordem especial para a marcação do Foco.

4.1.3. Orientação do Advérbio focalizador em relação ao seu escopo

Diante das questões apontadas anteriormente sobre a ordenação dos constituintes, notamos também que uma outra característica bastante importante na atuação dos Advérbios focalizadores diz respeito à sua orientação em relação ao escopo, conforme se observa na tabela 3 abaixo:

	Ocorrências	
	n.	%
À esquerda do escopo	300	80
À direita do escopo	74	20
TOTAL	374	100

Tabela 3: Orientação do advérbio focalizador em relação ao seu escopo

De acordo com a tabela 3, os AdvFs tendem a ocorrer à esquerda do elemento focalizado com 80% dos dados, tal como a ocorrência (118), em que o advérbio *também* aparece alocado à esquerda do termo em destaque:

- (118) Loc ...comemos também **uma...uma comida lá feita com feijão que eles chamavam de:...***baião de dois* ((risos)) *é feijão com arroz é o feijão com arroz lá tem o nome de baião de dois...mas não é o feijão*

³⁶ Para maiores esclarecimentos, conferir também o trabalho de Souza (2003) sobre a focalização dos constituintes adverbiais no interior da oração.

preto...é o feijão tipo o daqui...a gente pode comparar ao feijão manteiga...sabe? mas também uma delícia (DID/RJ/328:201)

Já os que costumam ocorrer à direita do elemento focalizado representam 20% dos dados, conforme se verifica em (119) e em (120):

(119) Loc ... *eles servem muito bom-bocados também...eles servem muito assim no norte na Bahia...**na Bahia** principalmente* (DID/RJ/328:290)

(120) Loc *maça é uma fruta que constantemente eu como quando eu quero levar assim uma merenda que eu vou passar a maior parte do tempo na rua aí eu geralmente eu levo maçã... sabe? eu gosto muito de maçã... eu como **pêra** também... eu como... --toda fruta-- morango melancia...essas frutas assim que são mais conhecidas aqui no Rio...* (DID/RJ/328:68)

Em (119), o advérbio *principalmente* aparece à direita do elemento focalizado “na Bahia”, marcando o Foco seletivo. O mesmo ocorre em (120), em que o advérbio *também* aparece à direita do seu escopo “pêra”, marcando o Foco expansivo.

Com relação a esse aspecto, constatamos que os casos de maior complexidade, ou seja, com mais de uma possibilidade de escopo, costumam ocorrer naqueles usos em que o advérbio se posiciona à *direita* do elemento escopado. É o que se observa a seguir:

(121) Inf *se o sindicato tem condições...num determinado perío:do...de:...fazer determinados reajustes... naquelas mensalidades... que são pagas... ao órgão... enfim prestar...ao senhor presidente e por que não dizer aos associados.. indiretamente...uma situação REAL... da coisa... procurando então... fazer ver ...**aos associados** principalmente que são as pessoas interessadas...a situação real: porque atravessa o sindicato...ao presidente evidentemente...como um elemento...como um elemento...do poder executivo...* (DID/RE/131:133)

- (122) L1 *que eu moro não diz é lá que eu durmo bom... E eu confesso a você que acho que a única/ esse negócio de () eu acho que tá muito certo ele falou certo...que a coisa mais bonita de Olinda é a vista do Recife*
 L2 *não **a vista de Olinda** também é bonita bem bonita*
 L1 *((rindo)) a coisa mais bonita de Olinda é a vista do Recife não tem nem dívida (D2/RE/05:82)*

Na ocorrência (121) acima, o escopo do advérbio *principalmente* não poderia ser outro a não ser “aos associados”, uma vez que a oração relativa em questão serve apenas como informação adicional, e, além disso, é proferida com uma tessitura mais baixa e com uma velocidade mais rápida. Já em (122), a ambigüidade de escopo que se constrói sintaticamente só é quebrada em virtude das informações presentes no contexto e também por meio de algumas informações prosódicas que se prestam a essa tarefa: a proeminência prosódica que se coloca sobre o sujeito “a vista de Olinda” e a presença de uma pausa breve entre o sujeito e o predicativo do sujeito “bonita”.

Cruzando esse grupo de fatores com os tipos de AdvFs, constatamos que os tipos mais freqüentes na posição à esquerda são os advérbios *mesmo* com 83% (10/12), *também* com 34% (46/134), *principalmente* com 11% (3/27) e *só* com 9% (9/101). Durante a análise dos dados, esse grupo de fatores referente à orientação do advérbio focalizador foi essencial para provar que nem todos os casos de advérbios apontados por Ilari (1992) e Possenti (1992) podem ser definidos como focalizadores, justamente por expressarem outras qualificações. Vejamos as seguintes ocorrências:

- (123) L2 *eles acordam **cedo mesmo**...e agora realmente ele não gosta muito e e e a gente cria um impasse para a gente (porque)...ele não eu pus em uma escola ele não gostou daquela...aí eu achei que realmente a escola não preenchia tudo...que eu gostaria (que) preenchesse então eu tirei...aí eu procurei bastante escolhi/ foi escolhida a que eles estão... (D2/SP/360:387) = **satélite atitudinal (especifica a avaliação do falante acerca do conteúdo da predicação)***

- (124) L2 *nós estamos esperando que haja...uma uma maior brevidade possível [com relação à realização de um concurso]*
 L1 *vocês precisam de pessoal né?*
 L2 *nós estamos com mui::to trabalho... **muito trabalho MESmo...estou vendo toda essa campanha de arrecadação de...ICM (D2/SP/360:471) = satélite atitudinal (especifica a avaliação do falante sobre o fato de haver muito trabalho)***

Nas ocorrências (123) e (124), o advérbio *mesmo* tem por função especificar a avaliação do falante acerca do conteúdo da proposição. Em (124), o advérbio *mesmo* não marca o Foco da oração, mas sim manifesta a atitude do falante acerca do conteúdo da proposição, tanto que pode ser parafraseado por um outro advérbio de mesmo valor, assim como: *Realmente* (s_3), *nós estamos com muito trabalho*; ou *De fato* (s_3), *nós estamos com muito trabalho*. Em linhas gerais, isso quer dizer que as ocorrências de AdvFs elencadas por Ilari (1992) como “verificação de coincidência com um protótipo”, na verdade, são satélites s_3 . Entretanto, é importante ressaltar que, por exercerem a função de satélite, esses dados não foram computados em nossa análise.

Os resultados mostraram ainda que advérbios como *inclusive*, *próprio*, *apenas*, *especialmente* e *exclusivamente* são os únicos mecanismos de Foco que não ocorrem à direita do escopo; eles só aparecem alocados à esquerda do elemento escopado. Em se tratando dos advérbios *próprio* e *especialmente*, isso é facilmente compreensível, já que eles costumam focalizar, na maior parte das vezes, o sujeito da oração, conforme se observa na ocorrência (125):

- (125) Inf *em relação àquele primeiro... capítulo... que eu chamei de introdução... ali é diferente porque ele é facilímo ele é desde o início até o final ele é fácil... mas em re e também relação ao método de técnicas de pesquisa... a linguagem é mais cla:ra... e: o **próprio conteúdo**... substantivo... é bem fácil... mas quando se trata... da: disciplina mesmo né? sociologia jurídica... esse primeiro capítulo... então se torna mais... complicado...(EF/RE/337:287) = **Foco sobre o sujeito “conteúdo”***

4.1.4. Escopo dos Advérbios focalizadores

Como visto na seção anterior, vários são os tipos de constituintes que podem ser focalizados pelos elementos adverbiais. Dessa forma, analisando o escopo dos AdvFs, constatamos que o Foco, em geral, tende a cair apenas sobre um constituinte da oração, assim como assinalam Dik (1989), Ilari *et alii* (1990) e Ilari (1992). É o que se pode conferir nos dados da tabela 4:

	Ocorrências	
	n.	%
Complemento verbal (objeto direto + objeto indireto)	193	51
Predicador (verbal + não-verbal)	58	16
Adjunto adverbial	56	14
Sujeito	44	11
Complemento nominal	14	5
Adjunto adnominal	9	3
TOTAL	374	100

Tabela 4: Escopo dos Advérbios focalizadores

Com relação ao estatuto sintático do elemento focalizado, pode-se verificar que o *complemento verbal* é o mais freqüentemente escopado, correspondendo a 51% dos dados. Em princípio, essa tendência se explica pelo fato de a informação nova estar quase sempre relacionada ao comentário da oração; e, assim sendo, é natural que haja alguma estratégia sintática ou não para salientar a informação veiculada pelo complemento além do

esperado. Contudo, do mesmo modo que o Foco pode incidir sobre uma informação já conhecida, o complemento também não tem como regra veicular sempre uma informação nova, ou seja, ele também pode carrear informação dada.

Com uma porcentagem relativamente expressiva, aparecem como escopo dos AdvFs o *predicador* com 16% e o *adjunto adverbial* com 14% do total de ocorrências.³⁷ Cabe lembrar aqui que o predicativo foi introduzido no grupo do predicador pelo fato de constituir, nas palavras de Dik, um tipo de predicado não-verbal. Presente em 11% dos dados, encontra-se o sujeito, que é, segundo Van Valin & Lapolla (1997), o caso de Foco estreito mais nitidamente marcado.

As ocorrências de (126) a (133) representam esses diferentes tipos de escopo:

(126) Inf *agora essa porção terminal...pertence ao mediastino posterior...e::a sua porção seguinte ou seja...porção descendente...entre parênteses NÃO () porque a porção dependente...nós temos a aorta cervical...ou aorta torácica...e::...aorta lombar... mas...é...a porção descendente entra parênteses...a aorta torácica...ao lado disso...nós vamos encontrar também...um **conducto torácico**...que é um conducto linfático...* (EF/SA/49:289) = **complemento verbal (objeto direto)**

(127) Loc *em festa...geralmente assim à noite quando eu vou...assim sair à noite...eu gosto muito também **de uísque**... sabe?...eu tomo muito uísque...e essas misturas que normalmente eles fazem nos restaurantes...né? gin com tônica eu gosto...gosto de uísque com...puro...o verão a gente toma...eu tomo...eu gosto muito de mate...mate gelado...sabe? mate eu tomo muito mate gelado...* (DID/RJ/328:792) = **complemento verbal (objeto indireto)**

(128) Inf *entre nós por exemplo... há muita ignorância... nós até já **conversamos** sobre isso... então é difícil se torna difícil... você... formular uma sentença... rigorosamente fechada... baseada de novo... ri:gorosamente... numa interpretação formal... essa de todo mun:do tem que conhecer a lei... é algo... um tanto... frouxo... para não dizer furado... a maioria não conhece a lei... vamos além... a gran:de maioria não conhece a lei... e muitos cometem... desvios... transgressões... à lei: não é?... (EF/RE/337:248) = **predicador (verbo)***

³⁷ O Adjunto adverbial é identificado na GF como satélite.

- (129) L2 *claro... e uma mesa bem posta por exemplo... eu... eu acho que é uma exigência que... que se faz talvez... por deformação já de berço que se tenha sem com isso eu quere(r) banca(r) o esnobe...né.. mas fica(r)... relaxa(r)...acho que comer bem está exatamente **(n)uma postura na mesa...tranqüilo** queR0 **dize(r)** é... é... despreocupado (D2/POA/291:76) = **predicador (predicativo)***
- (130) Inf *eu acho que expliquei isso... então vamos passar... por cima disso... ainda um outro ponto... não é? a segunda resposta vocês têm de uma maneira... um pouco rápida porque já leram... eu volto somente se alguém tiver alguma pergunta...((intervenção de locutor accidental)) (EF/RE/337:50) = **satélite de condição (s₂)***
- (131) Inf *mas em alguns dos desenhos das cavernas principalmente em Altamira... há uma fidelidade... linear à natureza... que consegue mostrar os animais:: em pleno movimento... então o animal saltando... e conseguem transmitir para a gente exatamente essa idéia de movimento... através:: exclusivamente de linhas... (EF/SP/405:209) = **satélite de instrumento (s₁)***
- (132) Inf *por exemplo na translação.. o próprio nome já diz... pode ser uma tradução...o homem atua...o indivíduo ou aluno atua sobre a comunicação...ele permanece fiel a essa comunicação...mas utilizando as suas palavras...sem alterar o sentido. (EF/POA/278:108) = **sujeito***
- (133) Inf *(...) sem a máquina realmente... conseguiu alguma coisa em termos etc -- eu ia dizendo é o seguinte -- que não é à toa que a atual indústria naval japonesa...atual e já no início do século XX...ela havia tido uma das maiores motivações...quais sejam...a saída da da ilha...bom...voltando mais atrás ainda no século XIX...e aí até a literatura e os filmes mostram como os japoneses é tiveram que lutar contra o chamado imperialismo branco...né? (EF/RJ/379:72) = **sujeito***

Como se pode notar, os AdvFs podem atuar sobre diferentes constituintes da oração, o que comprova o fato de o português, diferentemente de outras línguas, apresentar uma estrutura de Foco flexível.³⁸ Uma outra prova dessa flexibilidade pode ser conferida

³⁸ Sobre o fato de Van Valin (1999) afirmar que o PB apresenta uma estrutura sintática flexível e uma estrutura de foco também flexível, argumentei em um trabalho apresentado no “The 2003 International Course and Conference on Role and Reference Grammar”, que o português apresenta sim uma estrutura de foco flexível (qualquer constituinte pode ser focalizado), porém com uma estrutura sintática relativamente flexível (nem tão

nas ocorrências abaixo, em que até mesmo o *complemento nominal*, presente em 4% (14/374) dos dados, e o *adjunto adnominal*, com 3% (9/374), tidos como elementos marginais da oração, são focalizados:

- (134) Loc *porque engraçado é que quando a gente viaja...a gente observa que as frutas de outros estados são totalmente diferentes...coisas até bastante desconhecidas ...com nomes estranhíssimos e os que nós temos aqui têm nomes diferentes no/ noutras regiões né?* (DID/RJ/328:72) = **adjunto adnominal**
- (135) L2 *não...tanto é que eu não moro em Recife eu moro em Olinda...eu acho que o meu conceito de morar bem é diferente um pouco da maioria das pessoas que eu conheço...a maioria das pessoas pensa que morar bem é morar num apartamento de luxo...é morar no centro da cidade...perto de tudo...nos locais onde tem assim mais facilidade até de comunicação ou de solidão [como vocês quiserem]...* (D2/RE/05:06) = **complemento nominal**

Com relação à tipologia de Foco apresentada por Van Valin & Lapolla (1997) e Van Valin (1999), constatou-se que o Foco estreito, com 100% (374) dos casos, é único tipo de Foco presente no português. Já o Foco amplo, representado por *orações* e *sintagmas verbais*, não foi encontrado em nossos dados, pelo menos não no que diz respeito ao Foco marcado pelos Adv. Segundo Van Valin & Lapolla, o Foco amplo se diferencia do Foco estreito por incluir em seu escopo mais de um constituinte, podendo ser subdividido em Foco de predicado (quando apresenta um comentário sobre o tópico) e em Foco sentencial (quando apresenta um evento ou um novo referente no discurso).

Retomando o que dissemos acima, o Foco estreito de Van Valin & Lapolla é o mais recorrente no PB, porque é o único tipo de Foco que engloba todos os outros casos de escopo previstos por Dik (1989), como: complemento verbal, predador, adjunto adverbial,

rígida e nem tão flexível), haja vista que os AdvFs constituem uma das estratégias de foco mais utilizadas pelo falante para focalizar um constituinte sem precisar alterar a ordem deles. Em outras palavras, o falante faz uso dos AdvFs quando pretende destacar alguma informação sem ter de alterar a ordem dos termos.

sujeito, complemento nominal e adjunto adnominal. O sintagma verbal, por exemplo, não se insere nessa classificação por incluir mais de um constituinte em sua estrutura, isto é, o verbo predicator mais o seu complemento.

A ocorrência (136) representa um caso de advérbio que marca o Foco estreito:

- (136) L2 *na minha casa por exemplo... se come verdura... eu como... minha mulher não come... meus filhos adoram... principalmente o guri... agora o brasileiro... em princípio eu acho que come muito mal... acho que come muito mal... não é... às vezes muitas vezes talvez seja o... o aspecto do... do poder aquisitivo de cada um né... tem pessoas...*
(D2/POA/291:14) = **Foco sobre o sujeito (Foco estreito)**

Cabe lembrar que no Foco estreito, o termo focalizado pelo advérbio pode tanto ser um SN simples (ocorrência 136) quanto um SN complexo, tal como a ocorrência (137). A única diferença entre os dois casos é a complexidade do termo argumental.

- (137) Inf *quando ele [Pierre Jorge] chama ou quando ele rotula de lutas políticas...ele está se referindo exatamente a essa essência tradicional da economia japonesa...tá? quer dizer uma uma situação...eu vou repetir...muito diferente do início da economia americana...tá dando pra situar a diferença?* (EF/RJ/379:91)

Em vista dos diferentes tipos de constituintes que são focalizados pelos advérbios, uma observação interessante a se fazer nesse levantamento se refere à forma de manifestação do elemento focalizado, à medida que o português tem se mostrado, conforme já destacado anteriormente, bastante flexível em relação às possibilidades de escopo. O gráfico abaixo mostra os resultados encontrados:

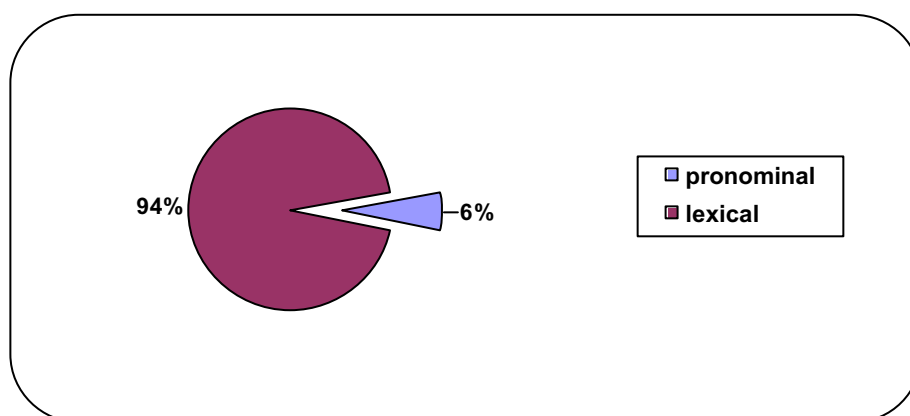


Gráfico 1: Forma de manifestação do elemento focalizado

Com um total de 94% (354/374) dos dados, a forma lexical é a que predomina no *corpus* investigado. Já a forma pronominal com 6% (20/374) mostrou-se estreitamente relacionada às funções sintáticas de sujeito (15 ocorrências) e de objeto (5 ocorrências), conforme se verifica em (138) e em (139) abaixo:

- (138) L2 *Olinda tem desenvolvido...essas festas populares...em Olinda você tem ciranda...a ciranda é cantada durante o verão em toda Olinda isso é uma beleza...você tem::em época de São João em Olinda você ainda vê fogueira e como se vê fogueira o olindense faz fogueira até em cima do calçamento*
- L1 *também **isso** você vê Ø em qualquer bairro do Recife também...nos outros bairros do Recife você também vê...agora ô ô ô ô ô (D2/RE/05:283) = objeto*
- (139) L1 *agora quando ele viu que os irmãos aprendiam francês...e **ele só** que não falava...então ele...quis aprender francês também esse daí aprende francês...versinhos e...vocabulário só...mas::ele que pediu também...ele é::bem esperto sabe?.. (D2/SP/360:1498) = sujeito*

A tentativa de estabelecer um diálogo entre os conceitos operacionais de Van Valin & Lapolla (1997) e Dik (1989) acerca da tipologia de Foco parece-nos produtiva, uma vez que a proposta de Van Valin & Lapolla procura estender a noção de Foco para além de um único constituinte, o que, por sua vez, não é considerado por Dik, para quem a função Foco se restringe aos constituintes da predicação. Entretanto, embora não tenhamos encontrado nenhum caso de Foco amplo no PB, acreditamos que a principal contribuição trazida pela *Gramática de Papel e Referência* de Van Valin e seus colaboradores está na constatação de que, no português falado do Brasil, os AdvFs não costumam atuar sobre o sintagma verbal e sobre a oração, fato que confirma, portanto, a idéia de que a Função pragmática Foco se restringe ao nível da predicação. Na GF de Dik, esses casos de Foco sentencial, representados em geral por construções apresentacionais, são mais bem caracterizados como estratégias de introdução de Tópico-Novo, ou seja, de novos referentes no discurso. Notemos que, em (138) e em (139), o Foco recai apenas sobre uma parte da informação (constituinte) contida na oração, daí, o fato de o Foco estreito de Van Valin & Lapolla incluir todos os outros tipos de Foco apontados por Dik (1989). Fica aqui, portanto, a sugestão de se investigar em outros *corpora* (português escrito, conversação on-line, etc.) a possível existência de Foco amplo, e por quais mecanismos ele é marcado.

Levando-se em consideração o contexto comunicativo, que se estrutura a partir de alguma informação e/ou conhecimento em comum (cf. Lee, 2001), é interessante notar que a preferência do falante por focalizar um constituinte da oração é, em princípio, explicada por duas razões: 1) são raros os casos em que toda a oração é portadora de informação nova, e 2) a comunicação dificilmente se desenvolve em um contexto em que todas as informações ou são novas ou são velhas (processo típico da oração). Para que haja desenvolvimento, ela precisa estar sempre ancorada em alguma informação já conhecida entre os interlocutores. Dessa forma, os dados apresentados até aqui comprovam a idéia de

que o falante sempre parte de alguma informação já dada (conhecida no discurso), para, em seguida, negociar com o seu interlocutor a troca de outras informações.

Essas colocações são contrárias aos resultados atingidos por Brentan (2001), em seu trabalho sobre as estratégias marcadas de focalização no Inglês e no Português, em que se postula a existência de 24 casos de sentenças focalizadas por marcadores especiais (AdvFs), num total de 318 ocorrências. Segundo a autora, são exemplos de Foco amplo as seguintes ocorrências:

(140) Inf *mas até a comunicação de quem mora em Olinda é um pouco diferente de quem mora em Recife* (D2/RE/05:83) (Brentan, 2001, p.84)

(141) L2 *oficialmente não está encerrado...mas de fato está porque:...o endocrinologista proibiu terminantemente que eu tenha mais filhos... inclusive...se eu tiver...ele disse que vai ser necessário um aborto...* (D2/SP/360:79) (Brentan, 2001, p.131)

A nossa discordância em relação a essas leituras consiste em duas observações. A primeira delas diz respeito ao escopo do advérbio *até*, em (140), que, a nosso ver, se resume ao sujeito “a comunicação de quem mora em Olinda” e não à oração como um todo, até porque, nesse inquérito, com frequência os habitantes de Olinda são comparados aos habitantes de Recife, o que constitui informação dada. Além disso, no que diz respeito à teoria de Dik, um caso como esse de maneira alguma se encaixaria em sua tipologia de Foco, justamente por quebrar os limites da predicação, lugar em que se encerram as funções pragmáticas intra-oracionais de Tópico e Foco. A segunda observação se refere à ocorrência (141), em que *inclusive* é dado como advérbio focalizador. Diferentemente das interpretações de Longhin (1998) e Brentan (2001), defendemos a idéia de que, na posição inicial da oração, o advérbio *inclusive* não exerce a função de marcador de Foco e sim a de

satélite oracional (s₅), cuja tarefa é localizar o enunciado do falante dentro do contexto discursivo, de modo a restringir o conjunto de perlocuções potenciais de seu enunciado. Essa leitura encontra apoio em outros autores que também percebem um comportamento diferenciado desse advérbio, tais como Ilari *et alii* (1990), Ilari (1992) e Possenti (1992). Entretanto, mesmo que fosse interpretado como advérbio focalizador, o escopo “se eu tiver” não deveria ser classificado como uma oração e sim como um satélite de nível 2, ou melhor, como um satélite de condição.

Entre os trabalhos publicados sobre o Foco, vale destacar em particular o trabalho realizado por Possenti (*op.cit*), que faz uma interessante interpretação sobre esses advérbios de inclusão e exclusão no português brasileiro; conforme o exemplo (142):

- (142) *muitas vezes o professor se dá conta de que ele só exigia o processo mental*
(EF/POA/278:41)

Para Possenti, o Foco escolhido, no exemplo (142), parece ser o sintagma nominal “processo mental”, ou seja, o advérbio *só* exclui tudo aquilo que não for “processo mental” como argumento do verbo “exigir”, ao invés de excluir tudo o que não seja “exigir o processo mental”. Em outras palavras, o escopo de *só* não exclui, segundo Possenti, o verbo *exigir*, e sim aquilo que é tido como seu argumento. No entanto, diante dessas colocações, o que fazemos para resolver aqueles casos discutidos por Stechow (1991), Peregrin (1999) e Heusinger (2000), em que o advérbio *só* ora aparece entre o sujeito e o verbo, ora entre o verbo e o complemento? Não haveria diferenças de sentido nessas ocorrências? O fato de o advérbio *só* colocar-se, às vezes, antes do verbo e não depois dele não pode ser visto como um indicativo de que o verbo também está sob o escopo do

advérbio focalizador? Essas perguntas tornam-se ainda mais claras quando olhamos para as ocorrências abaixo:

- (143) L2 *mas...o grande problema na Suécia...você pra comprar produtos... produtos... por exemplo...cigarro*
 L1 *certo...*
 L2 *cigarro vende em qualquer lugar...mas é monopólio estatal...em bebida...Bebida é monopólio estatal e só é vendida em lojas do governo...*
 L1 *não sabia disso...*
 L2 *que você...ah..você só compra...você só compra bebida alcoólica ...a não ser bebida por exemplo...**direta do governo**...quer dizer...você paga imposto... porque é...o (D2/RJ/355:734)*
- (144) Loc *(...) eu às vezes vejo pastel...me dá vontade de comer mas eu procuro evitar e não comer...sabe? então eu tomo só o cafezinho... e venho almoçar... geralmente eu almoço em volta de por volta de meio-dia...e janto por volta das sete horas sete e meia... (DID/RJ/328:596)*

Em (143), nota-se que o focalizador aparece entre o sujeito e o verbo, com o escopo incidindo aparentemente sobre o sintagma verbal “compra bebida alcoólica” e, em (144), o advérbio aparece entre o verbo e o seu complemento “o cafezinho”. A grande pergunta a se fazer aqui é se, em (143), o Foco do Adv *só* realmente recai sobre o sintagma verbal ou sobre o satélite “direta do governo”. Na nossa opinião, o fato de, em determinados contextos, AdvFs como *só* e *também* se colocarem antes ou depois do verbo não impede que eles continuem focalizando apenas o complemento do verbo, característica, assim, que mais uma vez reafirma a importância dos AdvFs na manutenção da ordem canônica dos constituintes oracionais para a marcação de Foco. Essa aparentemente ‘movimentação’ parece ser mais um reflexo das tentativas de se acomodar à estrutura sintática da oração do que propriamente da expressão de diferentes tipos de Foco. O que queremos dizer é que os AdvFs nem sempre se colocam ao lado do elemento a ser escopado, assim como propõem

Ilari *et alii* (1990). A ocorrência (143) é um exemplo de que as observações de Possenti são realmente válidas, uma vez que o que parece ser focalizado não é o sintagma verbal “compra bebida alcoólica” e sim o satélite “direta do governo”,³⁹ até porque o restante da informação já é do conhecimento dos interlocutores; o que é novo é a informação carregada pelo satélite. O mesmo se observa em (144), em que o Foco incide sobre o complemento “o cafezinho”, isto é, independentemente de o AdvF *só* aparecer antes ou depois do verbo, o Foco continuará incidindo sobre o complemento “o cafezinho”, que é a informação contrastada no contexto discursivo.⁴⁰

O uso desses critérios informacionais (dado/novo), sem dúvida, ajuda a resolver os casos em que os AdvFs se colocam antes do verbo, mostrando, por exemplo, que Stechow (1991) tinha razão ao dizer que o Foco até poderia incidir sobre uma estrutura de predicado (sintagma verbal), no entanto, um ou outro constituinte teria uma importância maior dentro desse escopo. Isso significa que ocorrências como (143) são possíveis de serem confundidas como Foco de predicado, porém, uma análise informacional mais atenta mostraria que essas ocorrências, na verdade, constituem casos de Foco estreito. As ocorrências (145) e (146) abaixo reforçam ainda mais a nossa interpretação:

- (145) L1 *porque...eh...eh...a bebida é liberada?*
 L2 *não...não é liberada...ao meio dia fecham todas as lojas de...de vendas de bebida...se você não compra até o meio dia...você só vai poder comprar bebida outra vez **na segunda-feira**...então no sábado...ah...o pessoal às...a uma hora do meio dia que é onze e trinta o que você vê de gente correndo pela rua pra entrar naquela loja pra fazer fila..(D2/RJ/355:784)*

- (146) Inf *[os homens] viviam da coleta... isto é levava a um tipo de vida nômade... por quê?... porque na medida... em que acabava a caça do lugar OU (que) em virtude da da época do ano no inverno por*

³⁹ Em (143), ao utilizar o Adv *só* para marcar o Foco, a informação destacada pelo falante é a de que, na Suécia, a bebida alcoólica não é muito fácil de se comprar, a não ser que se compre *diretamente do governo*.

⁴⁰ Nessa ocorrência, o contraste é estabelecido entre tomar apenas o cafezinho [e não comer os salgados da cantina da escola], ou seja, entre cafezinho e pastel.

exemplo... os animais iam hibernar outros... imigravam para lugares mais quentes eles também precisavam acompanhar... o a migração da caça se não eles iam ficar sem comer... quanto à coleta se eles dependiam... da colheita... de... frutos... raízes... que eles NÃO plantavam... que estava à disposição deles na natuREza... eles também tinham que obedecer o ciclo:...vegetativo... (EF/SP/405:42)

Na ocorrência (145), embora o AdvF *só* também esteja alocado antes do verbo, o que se nota é que o Foco incide apenas sobre o satélite “na segunda-feira”, que é nitidamente contrastado com outro dia da semana, o sábado. O restante da informação que se encontra entre o satélite e o advérbio já é dado no discurso, e, portanto, atua apenas como suporte da informação relativamente mais importante. Em (146), o Foco expansivo incide sobre o objeto “ciclo vegetativo”, nitidamente contrastado com “migração da caça”.⁴¹ Ou seja, além de obedecer à migração dos animais, os homens da pré-história tinham também que obedecer ao ciclo vegetativo para manterem-se vivos. Trata-se de situação semelhante à que ocorre em (142), com o verbo *exigir* (informação dada).

4.2. ASPECTOS PRAGMÁTICOS

4.2.1. Tipo de Foco expresso pelos advérbios

Um outro aspecto analisado em nosso trabalho foi o tipo de Foco expresso pelos Advérbios focalizadores. Dessa forma, para a análise dos dados encontrados no *corpus*, levamos em consideração a classificação de Foco proposta por Dik (1989). Vejamos os números da tabela 5:

⁴¹ Segundo Rios de Oliveira (em comunicação pessoal), o fato de “ter que...” ser considerada uma estrutura cristalizada é mais um argumento que corrobora a nossa interpretação, haja vista que essa estrutura dificilmente é quebrada por algum outro elemento, tal como o AdvF *também*.

	Ocorrências	
	n.	%
Expansivo	174	46
Restritivo	144	38
Seletivo	47	13
Completivo	9	3
TOTAL	374	100

Tabela 5: Tipo de Foco expresso pelos advérbios

Conforme se pode notar na tabela acima, o *Foco expansivo* (46%) e o *Foco restritivo* (38%) são os dois tipos mais frequentemente marcados pelos AdvFs. As ocorrências (147) e (148) ilustram esses tipos de Foco:

- (147) L2 *você...chegou a trabalhar e depois deixar de trabalhar por causa de::*
 L1 *eu trabalhei só **no início de casada**. (D2/SP/360:419) = Foco restritivo*

- (148) Loc *e durante a noite eu faço **também** outra refeição...embora...com menos coisas que engordam...porque eu tenho uma vida assim...muito sedentária...eu faço pouco exercício quase toda a minha atividade profissional é::é mais sentada...porque tanto na escola como na outra função que eu exerço...eu trabalho a maior parte do tempo sentada... (DID/RJ/328:3) = Foco expansivo*

Em (147), ao utilizar o Foco Restritivo, o falante presume que o destinatário possui uma parte de informação correta, mas também acredita numa outra parte que está incorreta. Nesse caso, o falante corrige a informação pragmática do destinatário, restringindo uma informação dentro do conjunto de itens pressupostos àquele que ele considera adequado à situação discursiva do seu interlocutor. Em outros termos, ao utilizar o advérbio *só*, a informante procura salientar que a sua experiência com o trabalho se resume ao início de casada, descartando assim qualquer outra interpretação.

Já na ocorrência (148), a presença do advérbio *também* marca o Foco expansivo, ou seja, a informação que é acrescentada ao universo pragmático do ouvinte pelo fato de o

falante pressupor que parte de sua informação está incompleta. Nessa ocorrência, a informante destaca que, durante a noite, também costuma fazer uma outra refeição, porém, bem mais leve, em virtude do trabalho sedentário em que atua e de sua rotina alimentar. No português brasileiro, os advérbios *também*, *inclusive* e *até* são os únicos que atuam inteiramente na marcação de Foco expansivo.

Entre os dados levantados, encontramos um caso em que os AdvFs *só* e *também* aparecem em estrutura com dois *objetos* coordenados pela conjunção *e*, conforme se observa na ocorrência (149):

- (149) Inf *ah eu acho uma beLEza... o pessoal ir pra:: pra as Olimpíadas treinar tudo e... sao amaDOres todos né? eu não eu não leio muito negócio de esPORte... eu sempre viro as folhas né? Meu marido “ah onde (é que se viu) tu não lê esporte?” porque os outros GOStam mas eu não... de esporte eu também... só olhei assim os cabeÇAlhos... e também os casos que aconteceram lá... mas... mas eu:: eu acho muito bonito essa turma toda que vai para competir... rapazes e moças né?*
(DID/POA/45:269) = **Foco restritivo**

Essa ocorrência é interessante porque mostra dois advérbios distintos, *só* e *também*, atuando em uma estrutura coordenada para marcar o Foco restritivo [olho os cabeçalhos de esporte e os casos que aconteceram nas Olimpíadas e não as outras reportagens publicadas no jornal]. Embora, o advérbio *também* seja caracterizado como um marcador de Foco expansivo, o que se nota na ocorrência é que esse instrumento serve para destacar, juntamente com o focalizador *só*, as notícias de jornal que mais interessam à informante. Ou seja, entre as matérias de esporte veiculadas pelo jornal, os cabeçalhos de esporte e os acontecimentos do esporte são as únicas coisas que a informante costuma ler. No entanto, cabe notar que ocorrências desse tipo são muito raras.

Um terceiro tipo de Foco encontrado no *corpus* de análise foi o Foco seletivo, presente em 13% (47/374) dos dados, conforme se verifica abaixo:

- (150) Inf *então nós vamos começar pela Pré História...hoje exatamente **pelo período... do paleolítico...** a arte... no período paleolítico... o paleolítico é período período... da pedra lascada... como vocês todos sabem... não é?... (EF/SP/405:01) = **Foco seletivo***
- (151) Inf *mas em alguns dos desenhos das cavernas principalmente **em Altamira...**há uma fidelidade... linear à natureza... que consegue mostrar os animais:: em pleno movimento...(EF/SP/405:207) = **Foco seletivo***

Em (150) e em (151), defendemos a idéia de que os constituintes em negrito representam, nos termos de Dik (1989), casos de Foco seletivo marcados, respectivamente, pelos advérbios *exatamente* e *principalmente*. De acordo com a definição de Dik, nesse tipo de Foco, o falante seleciona uma parte da informação que julga correta dentre uma lista de possibilidades e a oferece ao ouvinte. No entanto, para Pezatti (1998), o constituinte destacado “período do paleolítico” em (150) não constitui uma ocorrência de Foco seletivo e sim um caso de Tópico-Novo, sobretudo por estar sendo introduzido no discurso pela primeira vez, como oblíquo, em posição final. Em outros trabalhos, autores como Longhin (1998), Brentan (2001) e Pezatti (2003) também desconsideram a possibilidade de os advérbios *exatamente* e *principalmente* serem caracterizados como marcadores de Foco seletivo, dizendo que estes se relacionam mais estreitamente com a expressão dos Focos restritivo e expansivo.

Vejamos a representação do Foco seletivo da ocorrência (150):

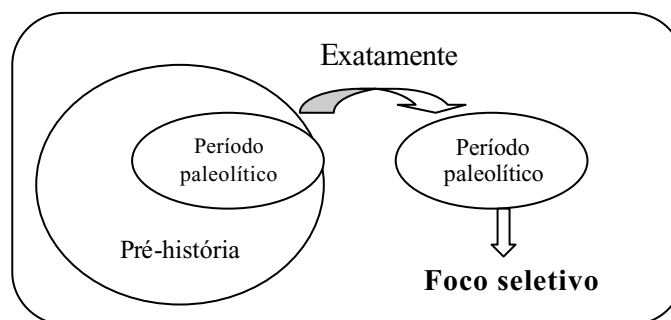


Figura 7: Representação do Foco seletivo

A figura acima mostra claramente que o elemento em destaque “período paleolítico” não constitui um caso de Tópico-Novo, e sim um caso típico de Foco seletivo. O que parece ser Tópico é a entidade referida como “Pré História”.

Com relação aos outros tipos de Foco expressos pelos advérbios, encontramos também casos de Foco completivo, presente em 3% (9/374) dos dados. Não encontramos nenhum caso de Foco paralelo e de Foco substitutivo. Observemos as ocorrências abaixo:

(152) Inf *em relação àquele primeiro... capítulo... que eu chamei de introdução... ali é diferente porque ele é facilímo ele é desde o início até o final ele é fácil... mas em re e também relação ao método de técnicas de pesquisa... a linguagem é mais cla:ra... e: o próprio conteúdo... substantivo... é bem fácil... mas quando se trata... da: disciplina mesmo né? sociologia jurídica... então se torna mais... complicado...* (EF/RE/337:287) = **Foco completivo**

(153) Loc *é esse ano... esse ano...eu estou com o horário assim mais regular mais equilibrado... sabe?... eu tenho tido como eu trabalho três vezes por semana num lugar e três vezes por semana num outro lugar...eu tenho três tardes ocupadas e três manhas ocupadas...então eu procuro justamente não fazer com que essas tardes e essas manhas se encontrem...pra eu ter oportunidade de almoçar em casa* (DID/RJ/328:537) = **Foco completivo**

Como se vê, em (153), o Foco é completivo porque não envolve nenhum contraste com alguma outra informação; ele incide sempre sobre uma informação nova. Nos dados

do PB, pôde-se constatar que esse tipo de Foco é freqüentemente marcado pelo advérbio *próprio*, e, em algumas situações, pelo advérbio *justamente*.

Confirmando os resultados de Pezatti (1997), Longhin (1998) e Cucolo (2002), pôde-se verificar que a incidência de Foco paralelo no PB tende a estar relacionada a construções paralelas (construções que envolvem contraste entre dois elementos), sendo este marcado preferencialmente por meio de posição especial (P1), como em (154):

- (154) L1 *bom... com uns TApas ... às vezes ela se coloca mas com palavras ela não se coloca* (D2/SP/360:230)

Assim, o fato de não termos encontrado nenhum caso de Foco paralelo e substitutivo no *corpus* apenas confirma uma das hipóteses formuladas na parte inicial do trabalho, isto é, a de que nem todos os tipos de Foco são expressos pelos AdvFs. Contudo, em um estudo sobre o Foco paralelo no Inglês e no Espanhol, Martinez-Caro (1998) afirma que cerca de 28,3% (66/233) dos casos de Foco paralelo encontrados no Espanhol são expressos pelos marcadores especiais. Esses números não mudam, entretanto, a nossa posição com relação aos dados do PB, isto é, a de que os AdvFs não marcam Foco paralelo. Seu uso está basicamente relacionado à expressão dos Focos expansivo e restritivo, somando 85% (318/374) do total dos dados.

Um outro aspecto que julgamos importante observar foi a relação entre os tipos de AdvFs e os tipos de Foco propostos por Dik. Para isso, procuramos acomodar em um mesmo grupo aqueles mecanismos que expressam um mesmo tipo de Foco. Essa tentativa mostrou que é possível arranjar os AdvFs em cinco grupos distintos. Assim, fazem parte do Grupo 1 advérbios como *só*, *apenas*, *somente* e *exclusivamente*, perfazendo um total de 34% (128 ocorrências). Do Grupo 2 fazem parte advérbios como *também*, *até* e *inclusive*, somando 45% (172 ocorrências). No Grupo 3, encontramos tipos como *principalmente*,

exatamente, especialmente e especificamente, com um total de 13% (47 ocorrências). Já o Grupo 4 é o mais complexo, pois os advérbios *justamente* e *mesmo* podem desempenhar três tipos diferentes de Foco (restritivo, completivo e expansivo), somando 6% (21 ocorrências). E, por último, encontramos o Grupo 5, composto unicamente pelo advérbio *próprio*, representando 2% (6 ocorrências) dos dados. Notemos os números do gráfico 2:

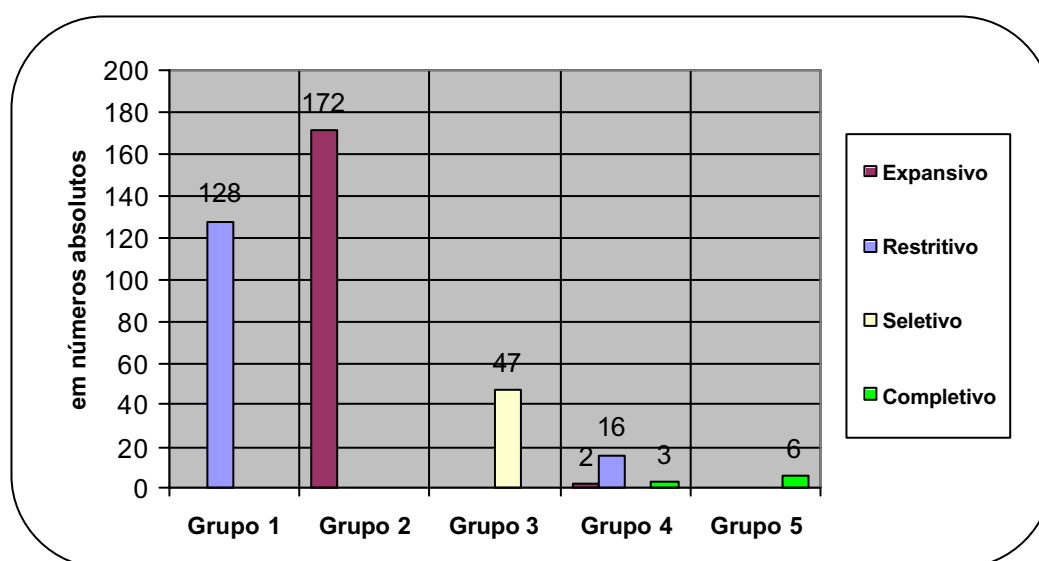


Gráfico 2: Relação entre Tipos de AdvFs e Tipos de Foco

Constata-se no gráfico acima que nem todos os tipos de Foco são realizados pelos AdvFs, o que comprova a nossa afirmação anterior. Além disso, esse resultado mostra que os Grupos 1 e 2 tendem a expressar um único tipo de Foco (*restritivo* e *expansivo*, respectivamente). O Grupo 4 é o único que apresenta mais de um tipo de Foco. Das 9 ocorrências de *justamente*, 6 delas marcam o Foco restritivo e as outras 3 o Foco completivo. Das 12 ocorrências de *mesmo*, 10 delas marcam o Foco restritivo e 2 o Foco expansivo. Já o Grupo 5 expressa apenas o Foco completivo.

4.2.2. Estatuto informacional do elemento focalizado e a ordem SVO

Segundo Votre & Naro (1992, *apud* Rios de Oliveira, 1998), o fator relativo ao estatuto informacional dos constituintes no espaço textual é um dos parâmetros mais produtivos para a investigação da estrutura sintática. De acordo com Rios de Oliveira (*op. cit.*), por meio desse critério funcional, podem-se identificar tanto aqueles elementos que entram pela primeira vez no discurso quanto aqueles que se mantêm ou que, por ventura, são abandonados em seguida. A autora destaca que “termos já mencionados no fluxo textual tendem a ocorrer em posição inicial, relacionados a funções de tópico ou tema, identificados regularmente com o traço sintático de sujeito” (*id. ibid.*, p. 451). Por outro lado, referentes novos costumam ocupar a posição pós-verbal, correspondente ao comentário ou rema, referência sintática contida no predicado/objeto.

Em função de um dos objetivos do trabalho, que é o de identificar o tipo de informação mais recorrente nas entidades focalizadas pelos elementos adverbiais, adotamos a proposta de Prince (1981), que, diferentemente da classificação de Chafe (1976), acumula muito mais critérios textuais do que cognitivos. Na proposta da autora, é o discurso do falante que é tomado como quadro de referência para a definição do grau de informatividade dos constituintes focalizados. Embora não estejamos isentos de problemas, esse procedimento implica sempre uma menor dose de interpretação das reais intenções do falante na construção do discurso, o que facilita o trabalho.⁴² Dessa forma, informação nova é definida como a informação não mencionada e não inferível no discurso anterior, e informação velha é aquela já mencionada no discurso anterior. Uma terceira possibilidade é a informação inferível, que pode ser inferida a partir de alguma outra informação dada.

Vejamos os dados da tabela 6 abaixo:

⁴² A opção pela proposta de Prince justifica-se ainda pelo fato de alguns inquéritos do *corpus* mínimo do Nunc apresentarem cortes nas transcrições, o que poderia dificultar a devida classificação dos referentes discursivos em relação ao universo pragmático dos interlocutores (falante/ouvinte).

	Ocorrências	
	n.	%
Novo	235	63
Inferível	77	20
Dado	62	17
TOTAL	374	100

Tabela 6: Estatuto Informacional dos elementos focalizados pelos Adv's

Verifica-se, com base na tabela 6, que houve uma maior ocorrência de dados com o estatuto informacional *novo*, cerca de 63% (235/374) dos casos, seguidos, respectivamente, pela ocorrência de constituintes com o estatuto *inferível*, cerca de 20% (77/374), e com o estatuto *dado*, representando 17% (62/374) do total das ocorrências.

Segundo Prince (1981), quando as pessoas usam a língua de forma natural, elas geralmente tentam transportar algum tipo de informação. Assim, não é por acaso que as ocorrências (155) e (156) apresentam um estatuto informacional distinto, uma vez que os interesses pragmáticos em ambos os casos são diferentes:

(155) L1 *tem um prato hindu que fazem na China... uma coisa assim...então ele [o cônsul alemão] fez esse... fez uma... fez uma recepção lá na casa dele então ele fez esse prato... a maioria do... do material todo vinha de lá... era importado... era um negócio sensacional...tinha assim uma mesa que a quantidade de temperos não dá pra distingui(r) nenhum...tinha até tempero azul..não sei o que era aquilo...é um negócio sensacional...sabe serviram **um chazinho especial também**...foi...foi uma experiência... assim... muito interessante... uma comida... ah... indiana que se faz muito na China... a mulher dele que sabia mais...me convidou pra esse negócio...comendo uma comida tipicamente indiana... mas que foi adotada pela China (D2/POA/291:191)*

(156) Inf *(...) então... Bloom e outros colaboradores fizeram um... vários estudos que abrangeu a... as ah três áreas da personalidade... a área cognitiva... afetiva e psicomotora... mas nesse exato momento... nós*

estamos apenas com a área cognitiva está claro até aqui?
(EF/POA/278:45)

Na ocorrência (155), o que importa focalizar é o objeto “um chazinho especial”, com a função semântica *meta*, caracterizado no contexto como informação nova; já em (156), o Foco incide sobre o argumento “com a área cognitiva”, definido, segundo a perspectiva adotada, como informação dada, já mencionada no discurso anterior.

Abaixo, em (157), tem-se um caso em que o constituinte focalizado veicula uma informação que é inferida a partir de outras informações:

(157) Loc *a gente compra muito queijo de Minas...ela come também ricota...então às vezes... PRA variar...a gente usa o queijo de Prata...sabe? queijo de Prata ...queijo...aquele queijo tipo Reino...sabe?* (DID/RJ/328:642)

Cruzando o tipo de informação veiculado pelos AdvFs com os dados relativos à ordenação dos constituintes, chegamos ao seguinte resultado:

	Novo		Inferível		Dado		TOTAL	
	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%
Ordem não-marcada	199	66	57	18	44	16	301	81
Ordem marcada	36	49	20	27	18	24	73	19
TOTAL	235	63	77	21	62	16	374	100

Tabela 7: Relação entre estatuto informacional e ordenação dos constituintes

Com base nos dados da tabela 7, nota-se que a informação nova é nitidamente mais freqüente nos casos em que a ordem dos constituintes é não-marcada, cerca de 53% (199/374) dos dados. Vejamos os exemplos (158) e (159):

- (158) Inf *bom tinha a solenidade de colação de grau ...o discurso do orador...e as chamadas prá colação de grau né?...o anel e a entrega do diploma...depois as recepções as festas né? o baile de formatura...geralmente tinha o baile de formatura...bom hoje em dia não tem mais isso é::...tinha geralmente o culto...religioso...ou católico ou protestante né dependendo da/ do grupo... hoje em dia isso tá caindo eles fazem apenas uma missa em ação de graça () e aí mesmo tem a colação de grau já não tem mais aquela solenidade aquelas roupas todas né? (DID/SSA/231:541) = **informação nova***
- (159) L1 *hoje mesmo eu fiz uma viagem daqui prá Camaçari...que parecia que eu tinha ido quase a::...Feira de Santana...devido ao/ à incidência de tráfego que existe...devido exatamente às interrupções que existem na cidade...de buracos escavações... de::...enfim de interrupÇÕES de toda ordem... (D2/SSA/98:04) = **informação nova***

Nessas ocorrências, os constituintes que carregam a informação nova preferem a posição pós-verbal. Segundo Dik (1989), essa posição à direita do núcleo verbal é vista como a posição não-marcada para o constituinte Foco. Em outros termos, toda a comunicação é baseada na troca de informação pragmática e a ordem esperada, não-marcada, para o constituinte Foco é a posição à direita do núcleo, com o escopo incidindo sobre o verbo, o complemento, os satélites e os operadores.

Sobre esse aspecto, Givón (1970) assinala que dentro do modelo comunicativo de linguagem, a ordem de palavras é governada pelo princípio pragmático de que a informação conhecida (ou dada) vem antes da informação nova, sendo esta última marcada pela entonação ou proeminência prosódica. No entanto, o próprio autor destaca que isso nem sempre se sustenta, já que, em algumas vezes, a informação nova pode ocupar a posição inicial, comprovado com os números da tabela 7, com 49% (36/73) dos casos com ordem marcada. Segundo Assali (1993), o problema, que também é abordado por Givón

(*op. cit.*), pode ser resolvido levando-se em consideração os conceitos de *marcado* e *não-marcado*, conforme o quadro 4:

Caso não-marcado		Caso marcado	
Tema	Rema	Rema	Tema
Dado	Novo	Novo	Dado
	Foco	Foco	

Quadro 4: Distinção entre estruturas marcadas e não-marcadas

A exemplo do que ocorre no PB, esse aspecto também se observa em outras línguas, tais como o árabe e o espanhol, conforme descrito em Assali. Na língua árabe, por exemplo, a partícula *'innamã*, equivalente ao *somente* do português, tem por função enfatizar o último elemento nominal da estrutura sintática, a fim de salientar a informação nova, como em (160). Nesse caso, a estrutura é não-marcada, pelo fato de a ordem não ter sido alterada em prol do constituinte focalizado.

- (160) *'innamã Zaydun fi-l-masyidi*
somente Z, em-a-mesquita
Zayd foi somente à mesquita (e não a outro lugar)

Pode-se dizer que, em (160), a partícula *'innamã* da língua árabe é uma estratégia lexical utilizada pelo falante para poder focalizar algum constituinte sem ter de alterar a ordem canônica da oração, e, portanto, muito próximo da função que os AdvFs desempenham no PB [focalizar um constituinte sem alterar o padrão PISVO da oração].

Dik (1989) assinala que o Foco completivo se caracteriza por estar associado à informação nova, diferentemente do Foco contrastivo, que ocorre sempre quando há uma pressuposição do falante em relação ao conhecimento pragmático do ouvinte. Nessa perspectiva, pôde-se observar que no PB o Foco expansivo está muito mais relacionado à

informação nova, com 60% (109/174) dos dados, ao passo que o Foco restritivo está mais associado à informação dada, com um percentual de 41% (60/144). Já os Focos seletivo e completivo mostram-se bastante relacionados à informação nova, com uma frequência variando de 74% a 100% do total dos dados.

4.2.3. Advérbios focalizadores versus Satélites adverbiais

Conforme já destacado no capítulo 2, o advérbio *realmente* é conhecido tanto por poder atuar como um modalizador quanto como um focalizador. Nesse contexto, Castilho (2000) assinala que o advérbio *realmente* atua como um elemento focalizador quando figurar antes do núcleo dos seguintes sintagmas: sintagma adjetival, sintagma preposicionado, e, por fim, antes do sintagma verbal composto, considerando-o como seu núcleo. No entanto, para nós, em (161) e (162), o advérbio *realmente* não atua como um marcador de Foco e sim como um satélite s₃:

- (161) L1 *[filho de seis anos] ele **gosta** REalmente ele é vivo...bastante...mas é leVAdo demais sabe?...ele fica duas horas...* (D2/SP/360:1467)
- (162) L1 *levo marcos...levo traveler check em marcos porque o problema de.. dólar atualmente na Europa há uma oscilação muito grande então é preferível levar em moeda mais forte...eu levo ou marco...ou franco suíço...ou então o florim ... que são as três moedas que se consegue realmente **trocar com muita felicidade** e geralmente trocando sempre com vantagem...coisa que o dólar nem sempre acontece...dependendo de determinadas ocasiões o dólar...ah... desce... não é como aqui no Brasil...essas variações grandes...* (D2/RJ/355:213)

Nota-se que a presença do advérbio *realmente*, nas ocorrências (161) e (162), não está relacionada a nenhum processo de focalização ou verificação, nos termos de Ilari

(1992). A sua função nessas ocorrências é a de modalizador epistêmico, indicador de certeza, ou, satélite atitudinal (§₃) como é chamado na GF. Em outras palavras, seu papel é expressar a avaliação do falante acerca do conteúdo da proposição

Mesmo quando o advérbio *realmente* aparece alocado em outras posições, como por exemplo antes do *sujeito* ou depois dele, a função desse elemento adverbial ainda continua sendo a de modalizador (satélite s₃). A ocorrência (163) é um exemplo disso:

- (163) Inf *o mundo real e o mundo ideal... ou irreal eu num num... como vocês queiram chamar... esses dois vi:vem... lado a lado na realidade social... quando eu digo que o homem a natureza humana é muito rica... e quero tirar com isso um pouco nao é? da depressao de alguns em relação até ao próprio ao próprio curso... é porque eu realmente acredito... que há muita riqueza quando vocês olham... homens semelhan:tes e dissemelhantes ...ou sejam homens...bem diferentes... e homens iguais entre si (EF/RE/337:263)*

Na ocorrência (163), *realmente* é caracterizado como um satélite atitudinal, de nível 3, atuando, nas palavras de Dik *et alii* (1990), na camada da proposição, já que o seu uso expressa uma avaliação do falante acerca do conteúdo expresso nessa proposição.

Apontados, na maior parte das vezes, como marcadores de Foco, os advérbios *mesmo* e *justamente* também se encontram em uma situação muito semelhante a do advérbio *realmente*. Entre os dados analisados em nossa pesquisa, verificou-se que esses advérbios só atuam como focalizador em alguns contextos; em outros, a sua função é a de modalizador (satélite s₃), conforme se observa nas ocorrências abaixo:

- (164) L2 *[os filhos] eles acordam cedo mesmo...e agora realmente ele não gosta muito e e e a gente cria um impasse para a gente (porque)...ele não eu pus em uma escola ele não gostou daquela...aí eu achei que realmente a escola não preenchia tudo...que eu gostaria (que)*

preenchesse então eu tirei...aí eu procurei bastante escolhi/ foi escolhida a que eles estão...como sendo na opinião de muita gente uma das melhores et cetera et cetera...tudo que tinha...peguei todos os requisitos...fiz ((risos))...estudei bem fiz um estudo certinho para ver qual era a melhor e foi determinado... (D2/SP/360:387)

- (165) Loc *os churrascos da...de Buenos Aires...mas era cada bife que você não agüentava comer...agora...é engraçado que você saindo do Brasil...a gente sente uma falta muito grande dessa parte de verduras...eu falo muito em verduras porque justamente **é a base da minha alimentação**...entende?...então a salada pro:...pro pessoal de Buenos Aires a salada se resume a alface e tomate...aqui não cê pede uma salada vem outros legumes né? (DID/RJ/328:206)*

Em (164), o advérbio *mesmo* não atua apenas sobre o constituinte “cedo”, mas sim sobre toda a proposição, asseverando a verdade expressa por ela; trata-se de um satélite s_3 , atuando no nível da proposição. A mesma situação se verifica em (165), em que *justamente* atua como satélite s_3 . É diferente, por exemplo, do que ocorre em (166):

- (166) L1 *porque...ela [filha de onze anos] está assumindo...tarefas assim...MUITO precocemente...não é?...e...possivelmente passe essa fase*
 L2 ***os outros mesmos** não se incumbem de colocá-la no lugar dela?*
 L1 *bom...com uns TApas...às vezes ela se coloca...mas com palavras ela não se coloca porque ela (D2/SP/360:228)*

Nessa ocorrência, o Adv *mesmo* atua como marcador de Foco restritivo, com o escopo incidindo sobre o constituinte “os outros”. O que se abstrai desse trecho é que a intenção do falante é saber se os outros filhos de L1, por exemplo, não tomam nenhuma atitude para mudar o comportamento autoritário da irmã. O contraste parece ser estabelecido entre irmãos e outros membros da família, já que qualquer um poderia tomar essa iniciativa.

Um outro tipo que também é elencado na literatura lingüística como focalizador é o advérbio *inclusive*. Contudo, defendemos a idéia de que esse tipo de advérbio, quando alocado na posição inicial da oração, é mais bem caracterizado como satélite s_5 , assim ilustrado nas ocorrências (167) e (168):

(167) Inf *e respondendo às perguntas que eu...fiz pra vocês...uma foi as discomplementariedades acabamos de... verificar se existe ou não... outra pergunta foi a seguinte...existe diferença.. entre... ciência do normativo... e uma ciência normativa? vocês têm a pergunta aí num é? inclusive eu coloquei ciência normativa entre aspas...para mostrar: que... não é propriamente uma ciência que se chama ciência normativa...o que é que vocês diriam sobre isso? (EF/RE/337:291)*

(168) Loc *ele...engraçado...tem por hábito também não comer Nada...entre as refeições...ele e/...inclusive ele não gosta mesmo...sabe? ele não é assim muito...comilão (DID/RJ/328:733) novo*

Como se vê, tanto em (167) como em (168), o advérbio *inclusive* se presta muito mais a uma função coesiva ou discursiva do que propriamente à de marcador de Foco sentencial. Sua tarefa é, conforme já destacado em uma outra análise, localizar o enunciado do falante dentro do contexto discursivo em que se insere, com o objetivo de restringir o conjunto de perlocuções potenciais de seu enunciado. Em ambas as ocorrências, o satélite *inclusive* tem sob seu escopo um ato ilocucionário (oração), o que talvez possa elucidar o fato de esse advérbio introduzir, em determinadas situações, uma justificativa ou uma explicação com relação ao evento anterior.

Além desses casos, verificou-se também ocorrências de satélites s_1 , que freqüentemente são arrolados entre os estudos sobre o assunto como mecanismos de focalização, tais como (169):

(169) Inf *(...) há uma fidelidade...linear à natureza...que consegue mostrar os animais:: em pleno movimento... então o animal saltando... conseguem transmitir para a gente exAtamente essa **idéia de movimento**... através:: exclusivamente de linhas... (EF/RJ/405:398)*

Nota-se, na ocorrência (169), que o advérbio *exatamente* não atua como marcador de Foco e sim como satélite de modo, focalizado, por sua vez, pela proeminência

prosódica. Semanticamente, esse advérbio assinala que a idéia de movimento dos animais fora transportada para as paredes das cavernas do *mesmo modo* como ela se encontra(va) na natureza, com uma “fidelidade linear à natureza”. O Foco, nesse contexto, é marcado pelo advérbio *exclusivamente*, que incide sobre o satélite de instrumento “de linhas”.

4.3. ASPECTOS PROSÓDICOS

4.3.2. Presença de pausa à direita do elemento focalizado

Com base nos vários trabalhos da literatura sobre Foco e de sua relação com os elementos prosódicos, uma das características que se pôde logo identificar é a de que entre o AdvF e o seu escopo dificilmente haveria algum tipo de pausa. De modo geral, essa constatação é relativamente fácil de ser compreendida, haja vista que, quando a função desempenhada pelo advérbio é de a modalizador epistêmico, nos termos de Ilari *et alii* (1990), a presença de pausa entre o advérbio e o restante da proposição parece ser inevitável, assim como mostra (170):

- (170) a. *Provavelmente, somente **Maria** fará a prova.*
 b. **Provavelmente somente, Maria fará a prova.*

Assim, como esse aspecto já parece estar solucionado, resolvemos investigar aqueles casos em que os AdvFs se colocam à direita do elemento a ser escopado, uma vez que, para Vigário (1998), quando o Adv aparece à direita do elemento que ele focaliza, é bem provável que apareça uma ruptura entre esse mecanismo e o restante da oração para

que o Foco possa ser claramente identificado. Tentando verificar as colocações de Vigário (1998) no PB, chegamos ao seguinte resultado:

	Ocorrências	
	n.	%
Presença de pausa	48	64
Ausência de pausa	26	36
TOTAL	74	100

Tabela 8: Presença de pausa à direita do elemento focalizado

Observa-se, com base na tabela 8, que nos casos em que os AdvFs se colocam à direita do elemento escopado, a presença de pausa entre esse mecanismo e o restante da oração é bastante expressiva, com 64% do total dos dados. No restante dos dados, cerca de 36%, o que se nota é apenas a incidência do acento tonal nuclear (ou tom nuclear) sobre o AdvF, tal como proposto por König (1991). Segundo o autor, a presença desse acento serve para indicar que o escopo daquele Adv é o que está a sua esquerda, assim como se verifica na ocorrência (113), aqui repetida:

- (113) L1 *you bota comércio...colégio e vai por aí a fora...no fim você tem...então a primeira coisa que inflaciona...a construção é o poder econômico de determinados grupos ou pessoas que ficam...ah...senhores proprietários de áreas e eles mesmo especulam sobre aquilo...entendeu?* (D2/RJ/355:669)

Em (113), o AdvF *mesmo* aparece alocado à direita do elemento focalizado sem nenhuma pausa entre ele e o restante da oração. A única coisa que se nota, quando se analisa a F0 desse segmento, é a presença do acento tonal sobre o Adv.

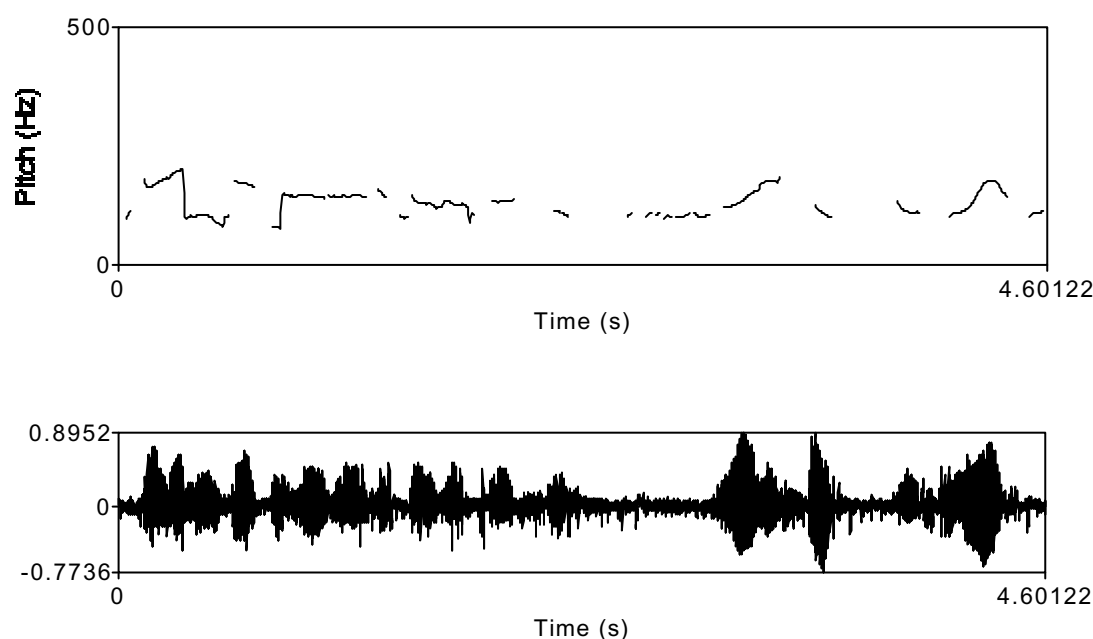
Já nas ocorrências (171) e (172), observam-se casos em que a presença de pausa serve para evitar ambigüidades que se instauram no contexto em função até da própria disposição sintática dos constituintes da oração:

- (171) L1 *agora quando ele viu que os irmãos aprendiam francês...e **ele só** que não falava...então ele...quis aprender francês também esse daí aprende francês...versinhos e...vocabulário só...mas::ele que pediu também...ele é::bem esperto sabe?...bem dotado sem ser...precoce nem...geniozinho...enfim ah::numa família grande...a gente observa assim cada um TEM...o seu gosto sabe?...cada um tem as suas características embora...mesmo mei::o mesma educação::totalmente diferentes (D2/SP/360:1498)*
- (172) Doc *como é que esse vestibular R...ou como é/ como era e como é hoje né?*
 Inf *bom antigamente o vestibular era...muito limitado somente à ar/ ao conhecimento do estudante...em relação aquela área que ele ia estudar...quer dizer medicina entravam **três::...disciplinas só** (++) química física e biologia...entao o aluno nao mostrava a su/ nao mostrava a sua cultura geral né?...ele est/ HOJE nao é ao o vestibular unificado...é o vestibular em que o do/ o estudante mostra TODA a sua cultura geral...entao eu acho esse tipo de vestibular unificado MUITO melhor do que aquele outro vestibular em que a gente fazia...somente as disciplinas correspondente ao setor correspondente que você ia estudar (DID/SSA/231:468)*

Por meio da ocorrência (171), pode-se retomar as observações feitas por Vigário (1998) no capítulo 2, no sentido de que, nesse caso em questão, o advérbio *só* tem por escopo o sujeito “ele” e não o predicado “não falava”. No entanto, o que nos leva a fazer essa interpretação não é apenas a estrutura sintática da oração, mas também o tom nuclear que se coloca sobre Adv *só* e a presença de pausa entre esse mecanismo e o restante da oração. Em vista do que foi observado nos dados, a incidência do tom nuclear sobre o advérbio está relacionada à necessidade de se evitar ambigüidade, que pode ocorrer quando um AdvF se coloca à direita do seu escopo. Essas informações prosódicas contribuem para a correta interpretação da expressão linguística: É somente **ele** que não sabe ou não fala

francês. Nesse sentido, pode-se dizer que o mesmo ocorre em (172), já que o tom nuclear que incide o Adv *só* serve para indicar que o seu escopo é “três disciplinas” e não o que vem logo em seguida. Para visualizar esse aspecto, trazemos abaixo, na figura 8, informações sobre a Frequência fundamental do trecho (197), fornecidas pelo PRAAT:

Figura 8: F0 de *[quando ele viu que os irmãos aprendiam francês]_I [e ele só]_I [que não falava]_I*



Como se pode observar, após o Adv *só* tem-se a presença de uma pausa que ajuda a identificar o Foco da oração. Além disso, o pico mais alto visualizado na figura é o que corresponde ao ‘tom nuclear’ (ou ênfase)⁴³ que se coloca sobre o advérbio *só*, o que confirma a sua importância na realização sintático-semântica da estrutura oracional no tocante à manifestação da função pragmática Foco.

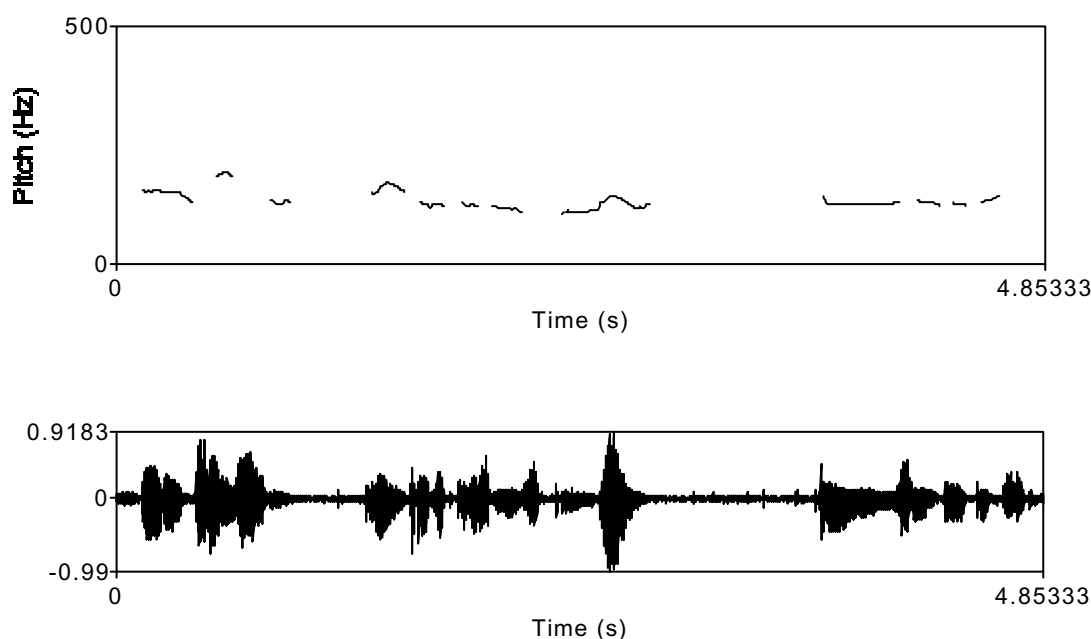
Por fim, trazemos em (173) um caso muito semelhante que ocorre com o Adv *também*:

⁴³ Para Cagliari (1981; 1992), a escolha do tom relaciona-se com as noções de modo (tipo de orações declarativas, interrogativas, etc), com a noção de modalidade (asserção de possibilidade, probabilidade, validade, etc.), com os atos de fala (ordem, pedido, sugestão...) e com as atitudes do falante, seu comportamento protocolar lingüístico, como: polidez, indiferença, surpresa, etc.

- (173) Inf *então nós fizemos em benefício... quer dizer que... o MAIS que a gente ...ANda assim de:: de diversão é com esta TURma da diretoria porque todos os meses nós temos um jantar...da diretoria então a gente faz lá fora... lá no Ipanema...ne? fora disso...tem:: cada três meses também tem jantar dançante dessa sociedade mesmo...né?* (DID/POA/45:16)

Em (173), o Foco do Adv *também* incide sobre o satélite “cada três meses” e não sobre a oração subsequente “*tem jantar dançante dessa sociedade mesmo*”. Parafraseando o exemplo, o que se quer dizer é que todos os meses há algum tipo de evento no clube e a cada três meses tem jantar dançante, fora outras atividades que acontecem nesse mesmo intervalo de tempo. No entanto, a devida interpretação dessa ocorrência só é possível mediante a observação de determinadas informações prosódicas: presença de pausa entre o *também* e a oração subsequente e a mudança de tessitura entre as duas estruturas oracionais. Vejamos a Frequência fundamental desse trecho na figura 9:

Figura 9: F0 de [fora disso]_I [tem cada três meses também]_I [tem jantar dançante]_I



Retomando a afirmação de Ilari *et alii* (1990) sobre a noção de escopo dos AdvFs, isto é, a de que esses mecanismos, em geral, tendem a se colocar à esquerda do elemento focalizado, pode-se dizer que essa tendência de fato se comprova, porém, quando esses AdvFs se colocam à direita do elemento que eles focalizam, o que se observa é que elementos de natureza prosódica, como o *tom nuclear* e a *pausa*, passam também a contribuir para a devida marcação de Foco. Desse modo, os resultados obtidos ao longo do trabalho mostram que não só os aspectos sintáticos como também os prosódicos são bastante importantes para analisar a Função pragmática Foco expressa pelos AdvFs no português falado do Brasil. Tendo visto esses aspectos, passaremos, agora, à análise dos casos em que os AdvFs interagem com outras estratégias para marcar o Foco da oração.

CAPÍTULO 5

CO-OCORRÊNCIA DE ESTRATÉGIAS DE FOCALIZAÇÃO

Conforme já destacado nos capítulos anteriores, o objetivo maior desse trabalho concentra-se no estudo dos AdvFs no PB. No entanto, atrelado a esse objetivo estão outros que também são importantes para o seu desenvolvimento, assim como as questões referentes ao fenômeno de co-ocorrência de estratégias de focalização, representadas, em especial, pela *ordem especial de constituintes*, *construção clivada* e a *proeminência prosódica*. Assim, passaremos agora a uma breve explanação desses mecanismos de Foco, para, depois, apresentarmos uma caracterização do fenômeno de co-ocorrência.

5.1. EVIDÊNCIAS DA CO-OCORRÊNCIA DE ESTRATÉGIAS DE FOCALIZAÇÃO

Em um estudo sobre a manifestação da subjetividade por meio do constituinte Foco, Pezatti (1997) assinala que partículas especiais como *mesmo*, *próprio*, *até*, *também*, *só*, *apenas* e *inclusive* podem combinar-se com outros mecanismos de focalização, tais como, a posição especial, como em (174); a entonação, em (175); a repetição, exemplificada em (176), e a clivagem, em (177):

(174) mesmo **o cinema** eles acham caro né? (DID/SP/234:470)

(175) no escuro a gente não pode ver... a própria **COR** (EF/SP/405:246)

(176) teatro porque só **estudando estudando estudando** (DID/SP/234:258)

(177) mas são **os fatores mesmo**... que os compõem é que definem essa... diversidade né? (D2/SP/360:1509)

Em se tratando da ocorrência (174), com o Foco sendo marcado pelo Adv e pela ordem especial de constituintes, Martin Arista (1994) destaca que o caráter de contrastividade de um Foco nem sempre é marcado por uma única estratégia de focalização; às vezes, a duplicação (nome-pronome) pode combinar-se com outras estratégias, representadas, por exemplo, por uma ordem alternativa e por construções especiais (construções clivadas), conforme o exemplo (178) abaixo:

- (178) a. *A quien le ha hecho la comida es **a su madre**.*
*A quem ele fez a comida é **a sua mãe**.*
 b. *Es **a su madre** a quien le ha hecho la comida.*
*É **a sua mãe** para quem ele fez a comida.*

Com base nesses exemplos, o autor assinala que um mecanismo pode se combinar com outros recursos para indicar a focalidade ou a topicalidade, assim como (178b), em que se nota a presença de uma ordem especial e de uma construção clivada. Martín Arista (1994) destaca ainda que as ordens alternativas de ocorrências como (178) procuram sempre servir a propósitos especiais das línguas naturais, e, além disso, destaca que é o componente pragmático que determina a ordem em que as estruturas prosódicas e sintáticas se sucedem, assim como a relação que se estabelece entre as mesmas. São casos como esses que, provavelmente, devem ter motivado Van Valin & Lapolla (1997) a declararem que a marcação de Foco pode envolver entonação, marcação morfológica, ordem de palavras ou alguma combinação entre os tipos (1997, p. 201).

Em (177), nota-se que tanto o advérbio *mesmo* quanto a construção *é que* atuam sobre um mesmo constituinte, salientando a informação que é mais importante no contexto “os fatores”. Entretanto, se os AdvFs, por si sós, já são o suficiente para marcar o Foco da oração, por qual motivo, então, o falante ainda utiliza uma construção *é que* para focalizar

o mesmo constituinte? Ou seja, a construção *é que* é utilizada nesse caso apenas como uma estratégia de reforço ou ela traz alguma informação diferente que o AdvF não traz? Segundo Dik (1989), a clivada prototípica é uma construção identificadora, na qual alguma entidade, descrita por meio de expressões como *a coisa que Peter achou no jardim*, é identificada como sendo nada mais do que uma outra entidade, descrita por expressões como *relógio de John*.⁴⁴ Sobre esse tipo de construção, o autor assinala que é a expressão identificadora (*relógio de John*) que constitui o Foco da predicação clivada; o outro termo (*que Peter encontrou no jardim*) é o Tópico-Dado da construção. Conforme Dik, a importância pragmática da construção clivada⁴⁵ pode ser representada em (179):

- (179) “*Eu assumo que você já sabe que Peter achou alguma coisa no jardim. Bem, eu posso, agora, informar a você que essa coisa era nada mais do que o relógio de John.*”

Além das combinações identificadas por Pezatti, Longhin (1998) acrescenta a esse grupo um outro tipo de dupla marcação de Foco (a interrogativa + clivada é que):

- (180) *e onde é que as bailarinas se trocavam se maquiavam?* (DID/SP/234:287)

Segundo Lopes-Rossi (1998), as interrogativas com *é que* são bastante frequentes tanto na fala quanto na escrita. Um dos casos apresentados pela autora está em (181):

⁴⁴ De acordo com Harries-Delisle (1978, *apud* Dik, 1997), “sentenças clivadas são sentenças equacionais que estabelecem uma identidade entre uma entidade conhecida ou pressuposta e uma entidade focalizada que representa a informação nova”.

⁴⁵ De acordo com a terminologia estabelecida em Dik (1997), o exemplo (i) é um caso de Construção clivada e (ii) um caso de construção Pseudoclivada:

- (i) *It was John's watch that Peter found in the garden.*
Foi o relógio de John que Peter achou no jardim.
- (ii) *What Peter found in the garden was John's watch.*
O que Peter achou no jardim foi o relógio de John.

- (181) *só quem faz a faculdade de Pedagogia é que poderá ensinar?*
(D2/SP/360:365)

Em relação a esse fenômeno, Pezatti destaca ainda que há casos em que podem aparecer três formas de marcação de Foco simultaneamente, tal como o exemplo (182) abaixo, em que se observa a presença de repetição lexical, proeminência prosódica e o uso da partícula especial. Acrescentemos aqui, além das colocações de Pezatti, que o “mas” também parece contribuir para a marcação do Foco (cf. Lima, 2003):

- (182) ... *MUIta dificuldade mas MUIta mesmo...* (D2/SP/360:965)

Como se pode notar, tanto em (182) quanto em (175), a proeminência prosódica⁴⁶ é utilizada apenas para reforçar a informação mais importante no contexto, haja vista que o Foco já é marcado pela presença dos AdvFs *mesmo* e *próprio*. Segundo Dik (1989), uma das principais funções da proeminência prosódica diz respeito ao caráter distintivo que é bastante recorrente nas questões envolvendo as categorias de Foco,⁴⁷ tópico e mudança de tópico, além, é claro, de servir àquelas línguas em que os limites de uma classe de “pares mínimos” só são claramente diferenciados por meio de suas características prosódicas e da posição do acento. Observemos como a proeminência prosódica se comporta em construções interrogativas (palavras-Qu), a seguir:

- (183) a. *John met Peter **where**?*
 *John encontrou Peter **onde**?*
 b. ***Where** did John met Peter?*
 ***Onde** John encontrou Peter?*

⁴⁶ De modo geral, na GF de Dik, mais especificamente no capítulo referente a “Prosodic Features”, as discussões envolvendo os elementos prosódicos são desenvolvidas a partir de Cruttenden (1986).

⁴⁷ Vários autores, entre eles Dik (1989), Van Valin & Lapolla (1997) e Vismans (1997), relacionam a proeminência prosódica como uma das principais estratégias de marcação do Foco completo.

- (184) a. *It is **where** (that) John met Peter?*
 *É **onde** que John encontrou Peter?*
 b. ***Where** is (that) John met Peter?*
 ***Onde** é que John encontrou Peter?*

Em todas essas construções, a lacuna informacional é claramente assinalada por meios segmentais. Mas as construções diferem da declarativa normal no número de características especiais presentes além da pergunta-Qu (cf. Dik, 1989):

(185)	(183a)	(183b)	(184a)	(184b)
Palavra-Qu	+	+	+	+
Posição especial (P1)	-	+	-	+
Construção clivada	-	-	+	+

Conforme Dik, em nenhum desses exemplos, as características prosódicas são essenciais e/ou obrigatórias para marcar o estatuto especial da pergunta-Qu como um todo. Isto explica porque essas perguntas-Qu não têm a entonação terminal ascendente, fato que é quase universalmente presente nas interrogativas. Dessa forma, no que diz respeito ao Foco novo em perguntas-Qu, a informação prosódica não é necessariamente essencial para demarcar a lacuna a ser preenchida pelo ouvinte. Isso, sem sombra de dúvida, comprova o que dissemos no capítulo 4, ou seja, que a proeminência prosódica, na maior parte das vezes, serve apenas para reforçar o que já está marcado sintaticamente. Dos exemplos (183-184), apenas em (183a) a proeminência aparece como decisiva para a expressão do Foco, já que as demais características especiais (posição P1 e clivadas) presentes nos outros exemplos não aparecem em 183a.

Esse raciocínio, sem dúvida, se aplica à ocorrência (186) do PB; a única diferença é que, além da proeminência prosódica, há um outro marcador de Foco, o advérbio *também*:

- (186) Inf *nós temos lógico...ducto traquéio-brônquio...ou seja...a traquéia...e::os seus ramos de bifurcação...ou seja...os brônquios...o brônquio direito...e o brônquio esquerdo...nós vamos encontrar...também o que?...a::/ o esôfago...chamado de::porção torácica de esôfago...ou esôfago torácico...(EF/SA/49:282)*

Mediante as ocorrências comentadas até aqui, pôde-se verificar que, mesmo com a presença do AdvF, a ordem dos constituintes da oração ainda foi alterada para marcar o Foco da oração. Vimos também que, em situações como essas, o elemento focalizado pode ainda vir acompanhado de uma construção clivada, que, por sua vez, é freqüentemente associada à marcação de Foco restritivo. Já com relação à proeminência prosódica, verificamos, por meio de alguns exemplos de Dik, que ora ela é considerada importante/decisiva e ora apenas informação adicional, juntamente com a sintaxe. Assim, com o intuito de investigar porque essas diferentes estratégias se juntam aos AdvFs para marcar o Foco da oração, passaremos, a seguir, à análise e à interpretação dos dados referentes ao processo de co-ocorrência de estratégias de focalização.

5.2. Análise descritiva dos casos de co-ocorrência de estratégias de focalização

Com relação à co-ocorrência de estratégias, encontramos o seguinte resultado:

	Ocorrências	
	n.	%
Adv + Ordem especial	20	52
Adv + Ordem especial + Construção clivada	9	23
Adv + Construção clivada	5	13
Adv + Proeminência prosódica	4	12
TOTAL	38	100

Tabela 9: Co-ocorrência de estratégias de focalização

De acordo com a tabela 9, a estratégia de focalização que mais co-ocorre com os AdvFs é a ordem especial de constituintes, com 52% (20/38) do total dos dados. O segundo tipo mais freqüente no *corpus* é aquele composto pela combinação de três estratégias, entre elas o AdvF, a ordem especial e a construção clivada, com 23% (9/38) dos dados. Com uma freqüência de 13% (5/38), a co-ocorrência do AdvF com a construção clivada aparece em terceiro lugar, ficando a proeminência prosódica em último, com 12% (4/38) do total de ocorrências. Os demais tipos de co-ocorrência de estratégias de focalização propostos no capítulo de metodologia “Adv + Pro + Ordem especial” e “Adv + Pro + Construções clivadas” não foram encontrados no *corpus* de análise, demonstrando assim que o processo de co-ocorrência tende a se manifestar entre estratégias de natureza sintática. Além disso, retomando os números divulgados no capítulo 4 sobre a ordenação dos constituintes na presença de AdvFs, pode-se comprovar com a tabela acima que a ordem dos termos argumentais da oração só é alterada em 7% (25/374) dos dados, resultado que nos faz concluir que os AdvFs exercem a mesma função que a proeminência prosódica exerce no Inglês (cf. Van Valin & Lapolla, 1997), que é a de focalizar um constituinte sem ter de alterar a ordem canônica da oração para marcar o Foco.

Analizando as ocorrências encontradas no *corpus* e os números da tabela 9, chegamos às seguintes constatações:

- Em relação à co-ocorrência do AdvF com a ordem especial (o tipo mais freqüente), pôde-se verificar que 86% dos casos de ordem especial correspondem à alocação do A2 (objeto direto) no início da oração, ou melhor, na posição P1.
- Sobre as hipóteses, pudemos comprovar que o uso expressivo de AdvFs no português brasileiro é perfeitamente comparável ao da proeminência prosódica no Inglês, tal como apontado por Martinez-Caro (1998) e Van Valin & Lapolla (1997). Entretanto, os números da tabela 9 assinalam que o PB, diferentemente da classificação dada por Van Valin (2003),⁴⁸ não apresenta uma estrutura sintática totalmente flexível, uma vez que se pôde concluir que o papel dos AdvFs é marcar o Foco sem alterar a ordem canônica da oração, assim como faz a proeminência prosódica no Inglês, que é uma língua de sintaxe rígida. Isso não quer dizer, porém, que a ordem do PB não possa ser alterada em favor de algum interesse pragmático.
- No tocante à construção clivada, constatamos que ela dificilmente co-ocorre com a proeminência prosódica. No *corpus* do PB, a construção clivada ocorre mais freqüentemente ao lado de AdvFs e da ordem especial de constituintes. Uma outra constatação em relação à construção clivada é a de que ela só co-ocorre com AdvFs que marcam Foco restritivo, principalmente com o Adv *só*.

⁴⁸ Segundo Van Valin (2003), em relação às noções de domínio de Foco potencial e de domínio de Foco real, o PB pode ser classificado da seguinte maneira:

	<i>Estrutura de Foco rígido</i>	<i>Estrutura de Foco flexível</i>
<i>Sintaxe rígida</i>	Francês, Toba Batak	Inglês, Toura
<i>Sintaxe flexível</i>	Sesotho	Croata, Português do Brasil

As ocorrências a seguir, divididas em três seções, exemplificam, respectivamente, casos em que os AdvFs co-ocorrerem com a *ordem especial de constituintes* (exemplos da seção 5.2.1), com as *construções clivadas* (exemplos da seção 5.2.2) e com a *proeminência prosódica* (exemplos da seção 5.2.3):

5.2.1. Foco marcado pela Ordem especial + Advérbio Focalizador

- (187) Inf *as incursões americanas...as incursões do Japão procurando se defender...e a melhor maneira que ele encontrava para se defender era atacando...não é? quer dizer às custas de aumento de território por exemplo na Malásia...até **na Austrália...na Índia e o Japão**...o povo japonês...a população do Japão... extremamente grande pra sua área extremamente laboriosa no sentido de que...sabia que pra conseguir sobreviver..precisava ampliar a sua área de atuação (EF/RJ/379:78)*
- (111) Loc *a gente faz uma comida que a (titia) chama de jardineira com couvinha mineira...faz couvinha mineira junta com...aquela couvinha bem partidinha ba/ faz na::...na...frigideira...depois põe em cima da carne e põe os legumes em cima...a gente usa muito esse tipo de comida aqui em casa...por exemplo...**chuchu também** ela refoga...faz ((confuso)) e aí a gente come com a carne as/ por exemplo faz o que a gente chama aqui em casa de trouxinha... (DID/RJ/328:418)*
- (188) Doc *na sua opinião o que é mais aceito pelo público? o cinema ou o teatro?e por quê?*
 Inf *aINda eu acho que é o cinema pelo público né?...porque::o teatro eu acho que está tão caro...o pessoal acha caro o teatro de fato né? de vez em quando que aparece aí teatro::éh::a prefeitura faz éh peças e::e quando passam eles fazem a preços populares mas eu acho que é caro o teatro..o público::assim::em geral eu acho que vai a cinema (++) **mesmo o cinema** eles acham caro né? eu acho que teatro está bem mais caro...então o público prefere...apesar do paulista não ter nada para para ver né? só o cinema não tem quase distração nenhuma ((risos))...então ele cai no cinema mesmo né? (DID/SP/234:470)*

Não só essas ocorrências como também aquelas apresentadas no capítulo 4 mostram que um constituinte, mesmo estando alocado em P1, pode ainda ser focalizado

por um outro mecanismo (no caso, os AdvFs). Em (187), por exemplo, tem-se um satélite de lugar “*na Austrália... na Índia e o Japão*” focalizado pelo advérbio *até*, constituindo, nas palavras de Dik (1989), um caso de Foco expansivo. No entanto, cabe notar que esse constituinte (satélite), típico da posição final da oração, já está alocado na posição (P1), que é, conforme já apontado, tipicamente reservada para aqueles constituintes com alguma função pragmática especial, tal como a de Foco. Em (111), encontramos um caso semelhante, uma vez que o constituinte “chuchu”, alocado na posição inicial da oração, serve à função pragmática Foco, cujo objetivo é ressaltar a informação relativamente mais importante no contexto. Entretanto, além da ordem especial, o falante ainda faz uso do AdvF para ressaltar esse constituinte. Já na ocorrência (188), ao ser perguntada sobre a preferência do público, a informante assinala que o cinema parece ser a opção mais viável, uma vez que o teatro, na sua opinião, é relativamente caro quando comparado ao preço do cinema. Mesmo alocado em P1, o constituinte “o cinema” ainda é focalizado pelo Adv *mesmo*.

A nosso ver, a explicação que mais se adequa a esses casos de co-ocorrência de estratégias de focalização é a que se verifica abaixo:

- Em (187), a tese que defendemos é a de que o falante utiliza o AdvF para dizer que o constituinte em destaque deve ser entendido como Foco e não como outro constituinte pragmático. Ou seja, para que o seu interlocutor não interprete o constituinte em destaque como um Organizador de Cenário (utilizado para situar o EsCo em relação às coordenadas de tempo e espaço), o falante faz uso do AdvF para deixar claro que aquilo é Foco (a informação mais relevante no discurso). É como se sua intenção fosse: “entenda isso como Foco e não como Organizador de Cenário”.

- Em (111), o fenômeno de co-ocorrência envolve um processo semelhante ao da ocorrência anterior, isto é, por pressupor que o ouvinte pudesse interpretar a sua informação de maneira equivocada, o falante utiliza o AdvF *também* para especificar que o constituinte “chuchu” alocado em P1 deve ser entendido como Foco e não como Tópico. Daí, a necessidade de utilizar um outro mecanismo juntamente com a ordem especial de constituintes para explicitar a sua intenção comunicativa.
- Em (188), o que ocorre é praticamente o mesmo que ocorre em (115). O que muda é que o constituinte “o cinema”, alocado em P1, é caracterizado como informação dada, portanto muito fácil de ser confundido com a função de Tópico-Dado. Assim, como a intenção do falante é salientar a informação mais importante, o uso do advérbio *mesmo* faz com que esse constituinte seja interpretado exatamente como Foco expansivo e não como Tópico. Inclusive o cinema, visto como a opção mais viável, é considerado caro para o público.

Quando um advérbio é utilizado para introduzir um Tópico, ele deixa de ser considerado um Focalizador para atuar como *introdutor* ou *cambiador* de Tópico:⁴⁹

(289) Loc *lá n/ em Belém por exemplo era uma farinha misturada com Agua...eles fazem assim uma espécie de uma::...um meLAdo...inclusive o tal pato no tucupi eu achei muito ruim ((rindo)) sabe...((risos)) eu não gostei realmente...achei ruim demais...num sei se é porque não é do/ que eles acham aquilo maravilhoso né?* (DID/RJ/328:140)

Na ocorrência acima, o termo “o tal pato no tucupi” constitui um caso de Tópico-
Novo introduzido pelo advérbio *inclusive*, sobretudo porque é retomado posteriormente pelo pronome *aquilo*, na oração “num sei se é porque eles acham aquilo maravilhoso, né?”.

⁴⁹ Ver também o capítulo IV de Bortolo (2002).

5.2.2. Foco marcado pela Construção clivada + Advérbio focalizador

- (190) L2 *se põe uma pimenta malagueta... por exemplo... eu não gosto que pode evidentemente ultrapassa(r) assim o gosto da média...esta(r) muito marcante... mas se usa(r) essa pimenta chamada pimenta da terra... então ela ao ponto... **essa pimenta frita com as cebolas...é exatamente que** quebra o tom de excesso de cebola e ao mesmo tempo da pimenta... e dá um aroma... então... a pimenta... aquela coisa forte da pimenta passa a ser aromático na comida... (D2/POA/291:130)*
- (191) L1 *quando ele viu que os irmãos aprendiam francês...e ele só que não falava...então ele...quis aprender francês também esse daí aprende francês...versinhos e...vocabulário só...mas::ele que pediu também.. ele é::bem esperto sabe? ...bem dotado sem ser...precoce nem... geniozinho...enfim ah::numa família grande...a gente observa assim cada um TEM...o seu gosto sabe?...cada um tem as suas características embora...mesma educação::totalmente diferentes*
 [
 L1 *vivendo no mesmo ambien::te exatamente*
 L2 *personalidades não é?*
 L1 *mas são **os fatores mesmo**...que os compõem é que definem essa...diversidade né? (D2/SP/360:1509)*

Na ocorrência (190), o uso da construção *é...que* tem por objetivo salientar o sujeito “essa pimenta frita com as cebolas” da oração, que, por sua vez, também é o escopo do advérbio *exatamente*, presente no mesmo contexto. Em outros termos, o que se observa é que a construção clivada co-ocorre com o AdvF *exatamente* para marcar o Foco restritivo, sem provocar nenhuma mudança na ordem dos constituintes da oração. O mesmo acontece em (191), em que tanto o AdvF *mesmo* quanto a construção clivada *é que* atuam sobre um mesmo constituinte “os fatores”, marcando o Foco restritivo. Um fato interessante observado no *corpus* é que o processo de co-ocorrência atualizado por essas duas estratégias só se manifesta naqueles casos em que o Adv marca o Foco restritivo.

De posse desses dados, a explicação que se pode dar é a seguinte:

- Em (190), o uso do AdvF é explicado pela possibilidade de o falante pressupor que a construção *é...que* não seria suficiente para marcar o Foco restritivo, no sentido de que é exatamente “aquela pimenta frita com cebolas” que consegue quebrar o tom de excesso de cebola e ao mesmo tempo da pimenta, e ainda dar um tom de aroma para a comida. Ou seja, não dá para se fazer essa comida com outro tipo de pimenta; apenas com a pimenta da terra.
- Na ocorrência (191), o processo de co-ocorrência “AdvF *mesmo* + Construção *é que*” é novamente explicado pela possibilidade de o falante pressupor que o ouvinte pudesse interpretar a sua mensagem de forma inadequada, isto é, que as diferenças existentes entre os seus filhos pudessem ser resultado de uma educação diferenciada por parte dela. Daí, para deixar claro que são as características de cada um dos filhos que explicam a diversidade, a informante lança mão de um outro artifício para reforçar essa informação.

5.3.3. Foco marcado pela Proeminência prosódica + Advérbio focalizador

- (192) Inf *em casa é:: os aniversários da gente né? mas aí é só os amigos da família não não faço questão de fazer nada né?... só:: a mm! a minha filha quando fez quinze au! quinze anos no ano passado sim... aí a gente convidou mais... mas só **guriZAda** né?..* (DID/POA/45:73)
- (193) Inf *além disso temos...um departamento jurídico...temos um setor contábil ...que é um setor também **de: relevante importÂNCIA** ou de magnânime...importância...dentro da vida sindical..porque a este setor é confiado todo o levantamento...um tesoureiro que são por assim dizer...as peças chaves...as vigas mestras...dos sindicatos...* (DID/RE/131:89)

Em (192), verifica-se que a presença de proeminência prosódica não é tão essencial para garantir a marcação do Foco restritivo. Nessa ocorrência, o que se pode perceber é que a proeminência prosódica serve apenas para reforçar a informação salientada pelo AdvF *só*. Essa afirmação ganha ainda mais força quando se olha para a ocorrência (193), em que a proeminência prosódica é utilizada apenas para dar mais ênfase ao Foco expansivo, que já é marcado pelo AdvF *também*.

Diferentemente dos outros casos de co-ocorrência, o que se observa com relação ao uso da proeminência prosódica no PB pode ser resumido do seguinte modo:

- Os dados referentes à co-ocorrência de AdvF com a proeminência prosódica apenas confirmam o que Dik (1989) relata sobre essa estratégia no capítulo de Funções Pragmáticas. Segundo o autor, o Foco que é marcado por algum mecanismo sintático pode vir, porém não necessariamente, acompanhado de uma ênfase prosódica. Nessa perspectiva, a declaração de Dik reafirma a idéia de que, nos casos de co-ocorrência, a proeminência prosódica se resume a reforçar o Foco que é marcado pelos AdvFs.

Embora considerada extremamente importante entre as línguas do mundo como estratégia de focalização, Guimarães (1978) e Gonçalves (1999) assinalam que a proeminência prosódica não constitui condição *sine qua non* para a manifestação do Foco de contraste, assim como imaginaram, entre outros, Chomsky (1971), Jackendoff (1972), Horvath (1986) e Freitas (1995). Nos casos em que a proeminência aparece atrelada a algum outro mecanismo sintático de focalização, sua função certamente é sobremarcar a informação saliente, atribuindo proeminência ao constituinte Foco.

Para finalizar, trazemos abaixo um quarto tipo de co-ocorrência de estratégias de focalização, em que o AdvF co-ocorre com a ordem especial e com a construção clivada:

- (194) Inf. *e podendo inclusive...eleger...representantes....para que esses mesmos representantes...sejam... seus porta vozes...possam com isso propor...legislar fazer ver inclusive ao poder executivo...ver que determinadas classes...são carentes de determinadas...questões...e que só através desses representantes é que evidentemente se pode chegar...a um denominador comum...ou a uma solução... (DID/RE/131:311)*
- (195) Inf *no Fantástico...então através do do do da televisão eu acho que seria um um bom...um bom jeito de de de se fazer chegar ao público as peças teatrais que estão...em cartaz...você vê o pessoal não está quase acostumado a ler jornais e **através de jornais só que** o o o o teatro é divulgado...eu não acho que::éh haja muita divulgação do teatro eu tenho impressão que o teatro PERde público por falta de divulgação... eu tenho impressão eu acho que...que se fosse mais comentado através da televisão que que em todos os::os lares é é é assistido eu tenho a impressão que seria mais...aceito o teatro.. (DID/SP/234:519)*
- (196) Inf *isso na realidade...é que ensaio para futuramente...atendermos às normas jurídicas ao direito...nós estamos diariamente ensaiando...através da socialização como obedecer a ordenamentos não jurídicos...e **SÓ futuramente** como diz Carbonier...é que nós: entramos num é? Para compreender e obedecer...um fenômeno do direito... (EF/RE/337:376)*

Em (194), verifica-se que, apesar de o satélite de instrumento ser focalizado por meio do AdvF *só* e da clivada *é que*, ele não poderia estar em P1, visto que ela já está ocupada pelo constituinte-P1,⁵⁰ representado pelo relator subordinativo *que*. Assim, o fato de ser Foco e não estar em P1 é uma das justificativas para a incidência de outras estratégias de marcação de Foco, tais como o *advérbio* e a *clivagem*. Em (195), verifica-se que o satélite “através de jornais”, alocado em P1, é também focalizado por meio do Adv *só* e da pseudoclivada *que*, combinação que contribui para a marcação do Foco restritivo. No trecho acima, a informante procura destacar que o teatro é pouco divulgado porque é

⁵⁰ Para maiores informações, conferir a nota 34.

noticiado apenas por meio de jornais escritos; se fosse divulgado pela televisão, o teatro provavelmente seria bem mais barato e bem mais conhecido entre o público. No trecho dado em (196), observa-se que o falante procede da mesma maneira que em outras situações, utilizando simultaneamente três estratégias para focalizar o satélite de tempo “futuramente”. Com base nesses dados, o que se pode dizer é que a explicação dada para os casos de co-ocorrência de AdvFs com a ordem especial e com a construção clivada pode também ser aplicada a esses casos, em que se nota a presença de três estratégias de focalização. Ou seja, por achar que o satélite alocado em P1 seria interpretado como Organizador de Cenário, o falante lança mão de outros mecanismos para deixar claro que o constituinte em destaque deve ser entendido apenas como Foco restritivo. Em seu trabalho sobre as motivações competidoras no domínio funcional da negação, Cunha (1999) destaca que a negativa dupla (não + SV + não),⁵¹ por exemplo, funciona como uma ‘dica’ dada pelo falante para que o ouvinte interprete corretamente o enunciado negativo, assegurando a processabilidade. Segundo a autora, para reforçar a informação negativa, ou seja, a quebra da expectativa do ouvinte, o falante acrescenta uma segunda partícula negativa *não* no fim da oração. “Esse marcador pós-verbal pode ser visto como uma estratégia para restaurar o desgaste fonológico do *não* pré-verbal e seu conseqüente enfraquecimento semântico, restabelecendo, assim, a iconicidade” (*op. cit.*, p. 13). Trata-se de um fenômeno diferente

⁵¹ Os fragmentos abaixo ilustram alguns usos dessa negativa dupla. Em (i), tem-se um uso da negativa dupla como uma recusa a um convite explícito. O falante está contando como foi convidado, e recusou, a ser presidente de uma associação protestante de jovens. Já em (ii), a negativa rejeita uma asserção presente no contexto imediato, exemplificando, assim, uma negação explícita. O falante está narrando o filme *Uma linda mulher*:

- (i) ... e teve uma pessoa que chegou para mim e perguntou ... “Gerson ... você aceita ficar no cargo e tudo?” num sei quê ... eu disse ... “não ... num **aceito** não porque ... (Língua falada, 2º grau, p. 178)
- (ii) ... e um motorista dele ... nesse tempo ele ... num era ... num **era um motorista dele** não ... era do hotel ... porque ele ficou sem motorista ... (Língua falada, 2º grau, p. 244)

Segundo Cunha (1999), em (ii), a negativa dupla é usada para negar a informação dada pelo próprio falante de que o carro que seguia o personagem principal estava sendo dirigido por seu próprio motorista. Assim, essa negativa funciona como um recurso de auto-reparo.

do que estamos investigando, no entanto, as motivações funcionais que o cercam são muito semelhantes às que estão atreladas à co-ocorrência de estratégias de focalização [utilizar duas ou mais estratégias para que o ouvinte interprete corretamente o enunciado].

Ainda que não tenhamos analisado mais aprofundadamente a relação entre a co-ocorrência de estratégias de focalização e o grau de formalidade dos textos, foi possível notar que esse fenômeno lingüístico é muito mais freqüente em interações do tipo DID e D2, que se aproximam mais do pólo informal da língua. Talvez a manifestação desse fenômeno seja decorrente das próprias situações criadas nesses tipos de interações, que, por sua vez, são diferentes das elocuções formais, que, em geral, são representadas por situações que requerem um maior apreço à língua, por exemplo, aulas.

Como visto, várias são as questões envolvendo o uso dos AdvFs e as suas relações com outras estratégias de focalização. Assim, sem perder de vista as questões levantadas ao longo do texto, sugerimos aqui que esse processo de co-ocorrência seja estudado em outras línguas naturais, já que o fato de uma língua apresentar uma estrutura sintática mais rígida ou mais flexível (nos termos de Van Valin & Lapolla, 1997) pode ser visto como uma restrição no tocante à manifestação desse fenômeno lingüístico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pressuposição básica para o tipo de investigação efetuada neste trabalho foi o entendimento de que, em virtude do vasto universo das propriedades funcionais da linguagem, o falante, movido por intenções comunicativas, organiza suas expressões lingüísticas de acordo com a avaliação que elabora da informação pragmática do destinatário, numa dada situação de interação verbal (cf. Chafe, 1976; Hopper & Thompson, 1980; Dik, 1989).

O Foco, como uma das funções pragmáticas, refere-se a porções de informação mais salientes ou importantes que o Falante deseja efetuar no conhecimento pragmático do ouvinte. O objetivo do falante ao focalizar, por exemplo, um satélite ou um constituinte qualquer, no interior da oração, por meio de AdvFs, é fornecer informações que ele considera essenciais para o seu interlocutor. Nesse contexto, foi possível verificar que os AdvFs constituem a principal estratégia de focalização utilizada pelo falante para focalizar algum constituinte da oração, sem que para isso seja necessário alterar a sua ordem para acomodar a *Função Pragmática Foco*. Isso confirma que o uso expressivo de AdvFs no português brasileiro é perfeitamente comparável ao da proeminência prosódica no Inglês, cuja função é marcar o Foco sem alterar a ordem canônica da oração para a mesma finalidade, tal como apontado por Martinez-Caro (1998) e Van Valin & Lapolla (1997). No entanto, esse resultado aponta que o PB, diferentemente da classificação dada por Van Valin (2003), não apresenta uma estrutura sintática totalmente flexível.

No caso da co-ocorrência de estratégias de focalização, quando algum constituinte é alocado em uma posição especial, mesmo com a presença de AdvFs na oração, observou-

se que a ordem não-marcada é alterada em favor de algum interesse comunicativo do falante. O total de 25 ocorrências de ordem marcada encontrado no *corpus* refere-se única e exclusivamente aos casos em que os AdvFs co-ocorrem com a ordem especial de constituintes para marcar o Foco. Nesse sentido, consideramos que o fato de o falante utilizar duas ou mais estratégias para focalizar um mesmo constituinte da oração é um reflexo da sua busca por clareza ao elaborar a expressão lingüística, uma vez que, por pressupor que a sua mensagem poderá ser interpretada de forma inadequada pelo interlocutor, o falante procura lançar mão de outros mecanismos para reforçar que determinada informação deve ser entendida como Foco, e não como Tópico ou Organizador de Cenário, por exemplo.

Quanto aos outros aspectos sintático-semânticos, constatamos que os AdvFs tendem a aparecer à esquerda do elemento focalizado, confirmando as colocações de Ilari *et alii* (1990) sobre a preferência desses mecanismos de focalização na estrutura oracional. Entretanto, pudemos notar também que os casos de maior complexidade costumam ocorrer naqueles usos em que o advérbio se posiciona à *direita* do elemento focalizado. Nesses casos, que somam 74 ocorrências, a marcação de Foco virá sempre acompanhada de alguma informação prosódica, seja ela uma pausa ou o acento tonal nuclear. Esse resultado reforça a necessidade de se distinguir, nos termos mais atuais da lingüística, prosódia de proeminência prosódica, ou seja, a prosódia é um termo utilizado para englobar uma série de elementos prosódicos, entre eles a própria *proeminência prosódica*, a *pausa*, a *velocidade de fala*, o *alongamento de voz*, etc. Assim, no que diz respeito ao Foco marcado pelos AdvFs, não é correto dizer que a prosódia serve apenas para reforçar o Foco, já que se pôde constatar, por exemplo, que a pausa é bastante utilizada para evitar ambigüidades na identificação do escopo dos AdvFs, quando estes se colocam à direita do elemento que eles focalizam.

Verificamos também que vários são os tipos de constituintes que podem ser focalizados pelos elementos adverbiais. Um dado importante obtido com esse resultado é o de que o Foco no PB, em geral, recai sobre um único constituinte da oração (complemento verbal, predicator, adjunto adverbial, sujeito, complemento nominal, etc.), mostrando, por exemplo, que os AdvFs não marcam o chamado Foco amplo proposto por Van Valin & Lapolla (1997) e Van Valin (1999; 2003). A preferência é pelo Foco estreito, que, por sua vez, engloba todos os outros tipos de Foco citados por Dik (1989). Sobre esse fato, constatou-se que os casos de Foco sentencial elencados por autores como Brentan (2001), na verdade, são exemplares de Foco estreito, já que podem ser perfeitamente explicados pelos parâmetros informacionais de *dado/novo*, principalmente naquelas ocorrências em que o AdvF *só* se coloca antes do verbo predicator.

Quanto aos aspectos pragmáticos, verificamos que a hipótese formulada na introdução do trabalho acerca da especialização de certas estratégias na marcação de alguns tipos de Foco, de fato, se confirma, uma vez que nem todos os tipos de Foco são produtivamente expressos pelos AdvFs, sendo os Focos *restritivo*, *expansivo* e *seletivo* os tipos mais freqüentemente expressos pelos AdvFs. Pode-se dizer aqui que o fato de os AdvFs *só* e *também* serem os dois tipos mais produtivos no PB é o que, em grande parte, explica a predominância dos Focos restritivo e expansivo e também as demais evidências que foram se mostrando ao longo do texto, tais como a presença de AdvFs à direita do elemento focalizado e a grande incidência de Foco sobre o complemento verbal.

Observando a relação entre o estatuto sintático do elemento focalizado e o estatuto informacional novo, verificou-se que o *complemento verbal* é o elemento mais freqüentemente focalizado. Como dito anteriormente, essa tendência se explica pelo fato de a informação nova estar quase sempre relacionada ao comentário da oração; e, assim sendo, é natural que haja alguma estratégia sintática ou prosódica para ressaltar a

informação veiculada pelo complemento além do esperado. No entanto, isso não quer dizer que o Foco esteja sempre relacionado à informação nova.

No tocante aos aspectos prosódicos, notamos que dificilmente ocorre pausa entre o AdvF e o seu escopo quando este se coloca à esquerda do elemento focalizado. Em outros termos, o que se quer dizer é que, quando a função desempenhada pelo Adv é a de focalizador, dificilmente haverá pausa antes do seu escopo, mas quando a função desempenhada pelo advérbio é a de modalizador epistêmico, a presença de pausa entre o advérbio e o restante da proposição é inevitável. Essa pausa, no entanto, é diferente da pausa que ocorre quando o AdvF se coloca à direita do elemento focalizado. Nesse caso, ela serve sempre para evitar problemas na identificação do escopo do AdvF, de modo a deixar claro qual é o Foco.

Sobre o processo de co-ocorrência de AdvFs com outras estratégias de focalização, já mencionadas ao longo do texto, observou-se que:

- Em relação à co-ocorrência do AdvF com a ordem especial de constituintes, a explicação encontrada é a de que o falante utiliza esse marcador para dizer que o constituinte alocado em P1 deve ser entendido como Foco e não como outro constituinte pragmático.
- O processo de co-ocorrência de AdvF com a construção clivada é também explicado pelo fato de o falante pressupor que o ouvinte, em algum momento, pudesse interpretar a sua mensagem de forma inadequada, isto é, como essa estratégia pode marcar Foco expansivo, o falante lança mão de um outro recurso, o AdvF, para deixar claro que o constituinte em destaque deve ser entendido unicamente como Foco restritivo.
- Os dados referentes à co-ocorrência de AdvF com a proeminência prosódica confirmam, nos termos de Dik (1989), que sua função é reforçar o Foco que é marcado pelos AdvFs.

Feitas essas considerações, acreditamos ter cumprido o objetivo deste trabalho. Restam, no entanto, muitos outros aspectos a serem estudados. Um deles é analisar, por

exemplo, se o grau de formalidade do texto influencia a manifestação da co-ocorrência de estratégias de focalização, questão ainda pouco investigada com relação ao português do Brasil. Outro aspecto que também merece ser explorado é a verificação da natureza gramatical ou lexical dos AdvFs, que parecem se comportar ora como operadores, ora como satélites. Esses aspectos ainda não estudados apenas comprovam a complexidade da classe dos advérbios, espaço profícuo para o desenvolvimento de muitas outras pesquisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSALI, E. B. Topicalidad y foco en las expresiones estativas en Árabe y el cambio diacrónico. **Atas do IX Congresso Internacional da ALFAL**. Campinas: UNICAMP, v II, 1993, p. 287-299.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2001, p. 286-295.

BERLINCK, R. A ordem de constituintes em uma perspectiva funcionalista. **SériEncontros**. Araraquara, Ano XVI, n. 1, 1999, p. 319-332.

BOLKESTEIN, A. M. What to do with Topic and Focus? Evaluating pragmatic information. In: HANNAY, M., BOLKESTEIN, A. M. (Eds.). **Functional Grammar and verbal interaction**. Amsterdam: John Benjamins, 1998, p. 193-214.

BOMFIM, E. **Advérbios**. São Paulo: Ática, 1988.

BORTOLO, S. E. Um estudo sobre a definitude do Tópico Novo. **Dissertação de Mestrado**. São José do Rio Preto: IBILCE, 2002.

BRAGA, M. L. Fala, escrita e estratégias de focalização. **SériEncontros**. Araraquara, Ano XVI, n. 1, 1999, p. 281-298.

BRETAN, P. F. C. Estratégias marcadas de focalização no inglês e no português falado: análise contrastiva. **Dissertação de Mestrado**. São José do Rio Preto: IBILCE, 2001.

BROWN, G. & YULE, G. **Discourse analysis**. Cambridge:University Press, 1983.

BUENO, F. S. **Gramática normativa da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1956, p. 170- 175.

CAGLIARI, L. C. Elementos de Fonética do português brasileiro. **Tese de Livre Docência**, 1981, p. 155-182.

CAGLIARI, L. C. Da importância da prosódia na descrição de fatos gramaticais. In: ILARI, R. (org.) **Gramática do Português Falado**. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1992, p. 40-64.

CASTILHO, A. T. O modalizador realmente no português falado. **ALFA**. SP: Ed. Unesp, v. 44, 2000, p. 147-169.

CASTILHO, A. T. *et alii* Advérbios modalizadores. In: ILARI, R. **Gramática do português falado**. Vol. II: Níveis da análise lingüística. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1992, p. 211-260.

_____. **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo**. V.II: Diálogo entre dois informantes. São Paulo: T. A. Queiroz/FAPESP, 1986.

_____. **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo**. V.II: Diálogo entre informante e documentador. São Paulo: T. A. Queiroz/FAPESP, 1986.

CASTILHO, A. T., PRETI, D. **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo**. V.I: Elocuções formais. São Paulo: T. A. Queiroz/FAPESP, 1986.

CEREJA,W. R. & MAGALHÃES, T. C. **Português: linguagens**. São Paulo: Editora Atual, 1998.

CONNOLLY, J. H. Information, situation semantics and Functional Grammar. In: HANNAY, M., BOLKESTEIN, A. M. (eds.). **Functional Grammar and verbal interaction** (Studies in Language Companion Series, 44.). Amsterdam: John Benjamins, 1998, p. 167- 190.

CUCOLO, G. R. Os constituintes adverbiais de nível 1 e 2 em posição inicial da oração. São José do Rio Preto, 70 p. **Tese de Mestrado em Lingüística**, Unesp, 2002.

CUESTA, V. P., MENDES DA LUZ, M. A. **Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1971, p. 452-549.

CUNHA, C. & CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

CUNHA, M. A. F. **O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 1999.

CHAFE, W. Givenness, contrastiveness, definiteness, subject, topics and point of view. In: LI, C. (ed). **Subject and topic**. New York: Academic Press, 1976.

CHOMSKY, N. Deep structure, surface structure and semantic interpretation. In: STEINBERG, D. & JACOBOWITZ, L. (orgs.) **Semantics: an interdisciplinary reader in Philosophy; Linguistics and Psychology**. Cambridge: University Press, 1971, p. 183- 216.

DIK, S. C. *et alii*. The hierarchical structure of the clause and the typology of adverbial satellites. In: NUYTS, J., BOLKESTEIN, M. A., VET, C. (Eds.). **Layers and levels of representation in language theory: a functional view**. Amsterdam: John Benjamins, 1990, p. 25-70.

DIK, S. C. **Studies in Functional Grammar**. Londres/New York: Academic Press, 1980.

DIK, S. C. **Functional Grammar**. Dordrecht/Cinnaminson: Foris Publications, 1981.

_____. **The theory of Functional Grammar I**. Dordrecht: Foris, 1989.

_____. **The theory of Functional Grammar II**. New York: Mouton, 1997.

DU BOIS, J.; THOMPSON, S. **Dimensions of a theory of information flow**. Ms, UC Santa Barbara (1992 – In Progress).

FABER, P. B., USÓN, R. M. Simon Dik's Functional Grammar. In: _____. **Constructing a Lexicon of English Verbs**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1999, p. 37-65.

FREITAS, M. A. Prosódia & sintaxe: delimitação e contraste de estruturas. **Tese de Doutorado em Lingüística**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, 1995.

GASPARINI-BASTOS, S. D. Algumas considerações sobre os advérbios modalizadores epistêmicos que indicam certeza. **Estudos lingüísticos (GEL)**. São Paulo, v. 29, 2000, p. 561-566.

GIVÓN, T. Topic, pronoun and grammatical agreement. In: LI & THOMPSON (Eds.). **Subject and Topic**. NY: Academic Press, 1976.

GONÇALVES, C. A. O fenômeno da focalização e a interface fonologia-sintaxe. **D.E.L.T.A**. São Paulo, v. 15, n. 2, 1999, p. 319-342.

GUIMARÃES, E. Foco e pressuposição. In: **Foco e pressuposição**. Uberaba: Faculdades Integradas de Santo Tomás de Aquino, 1978, p. 11-29.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to Functional Grammar**. London: Arnold, 1985.

HALLIDAY, M. A. K., HASAN, R. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.

HANNAY, M. Pragmatic function assignment and word order variation in a Functional Grammar of English. **Journal of Pragmatics**, v. 16 (2), 1991, p. 131-155.

HENGVELD, K. Adverbs in Functional Grammar. In: WOTJAK, G. **Toward a Functional Lexicology**. Tübingen: Niemeyer, 1997, p. 121- 136.

_____. Layers and operators in Functional Grammar. **Journal of Linguistics**. 25 (1), 1989, 127-157.

HEUSINGER, K. V. Focus Particles, Sentence Meaning, and Discourse Structure. In: W. Abraham & A. ter Meulen (eds.). **Making Sense: From Lexeme to Discourse**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

HOPPER, P., THOMPSON, S. Transitivity in grammar and discourse. **Language**, v. 56, 1980, p. 251-99.

HORVATH, J. **Focus in the theory of grammar and the syntax of hungarian**. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

ILARI, R. *et al.* Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, A. T. **Gramática do português falado**. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, v. I, 1990, p. 63-141.

ILARI, R. Sobre os advérbios focalizadores. In: _____. **Gramática do português falado**. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, v. II, 1992, p. 193- 212.

JACKENDOFF, R. *Semantic interpretation in Generative Grammar*. Cambridge/Mass: The MIT Press, 1972.

König, E. **The meaning of Focus Particles: a comparative perspective**. London: Routledge, 1991.

LAMBRECHT, K. **Information structure and sentence form**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

LEE, B. H. Mutual knowledge, background knowledge and shared beliefs: their roles in establishing common ground. **Journal of Pragmatics**, v. 33, 2001, p. 21-44.

LIMA, F. F. O elemento *mas* na conversação: um artifício textual-interativo no estabelecimento de contrastes e permutas. In: **III Seminário de Estudos Lingüísticos**. São José do Rio Preto, 2003 (Texto para debate).

LONGHIN, S. R. O constituinte pragmático intra-oracional: Foco. In: **Estudos Lingüísticos**, v. 27, São José do Rio Preto, 1998, p. 218-225.

LOPES-ROSSI, M. A G. O surgimento das interrogativas com “e que” e das construções clivadas no português. **Estudos Lingüísticos**, v. 27, São José do Rio Preto, 1998, p. 705-709.

MACKENZIE, J. L. Adverbs and Adpositions: the Cinderella categories of Functional Grammar. **Revista Canária de Estudos Ingleses**. Tenerife, v. 42, 2001, p. 119-135.

_____. What is functional grammar? **Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes**, 20. Comunicação. Zürich, Suisse, 1992.

MARTÍN ARISTA, J. Funciones pragmaticas marcadas y no marcadas. In: HERRERO GRANADO, M. D. (Ed.). **Miscelánea: A Journal of English and American Studies**. Zaragoza: Universidad de Zaragoza, v. 15, 1994, p. 391-404.

MARTÍNEZ-CARO, E. Parallel Focus in English and Spanish: evidence from conversation. In: HANNAY, M., BOLKESTEIN, A. M. (Eds.). **Functional Grammar and verbal interaction**. Amsterdam: Benjamins, 1998.

MATEUS, M. H. M. *et alii*. **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Almedina, 1983, p. 110-114.

MATOS, S. Algumas considerações sobre Adverbiais de Localização e Quantificação Temporal. **Línguas e Literaturas**. Porto: Universidade do Porto, 2000, p. 175-201.

MIGUEL, E., FERNANDEZ LAGUNILLA, M. Relaciones entre el léxico y la sintaxis: advérbios de foco y delimitadores aspectuales. **VERBA**, v. 26, 1999, p. 97-128.

NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

_____. A gramática de usos é uma gramática funcional. **ALFA**. São Paulo: Editora Unesp, v. 41, 1997, p. 15-24.

_____. Uma visão geral da gramática funcional. **ALFA**. São Paulo: Editora Unesp, v. 38, 1994, p. 109-128.

NICHOLS, J. 1984. Functional theories of grammar. **Annual Review of Anthropology**, v. 13, 1984, p. 97-117.

PALA, K. Semantic classes of verbs and FSP. In: DANES, F. (Ed.). **Papers on Functional Sentence Perspective Prague**. Publishing House of the Czechoslovak Academy of Sciences, 1974, p. 196-207.

PEREGRIN, J. **Topic, Focus and the Logic of Language**. In: www.Cuni.cz/peregrin/html. Acesso em 20 de junho de 2003.

PEZATTI, E. G. A ordem de palavras em português: aspectos tipológicos e funcionais. Araraquara, 1992. **Tese de Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa**. FCL, Unesp, 1992.

_____. A função pragmática Foco em expressões adverbiais, sob o enfoque funcionalista de DIK. In: **III Congresso Internacional da ABRALIN**. Faculdade de Letras/UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

_____. Constituintes pragmáticos em posição inicial: distinção entre Tema, Tópico e Foco. **ALFA**. São Paulo: Editora Unesp, v. 42, 1998, p. 133-150.

_____. O constituinte pragmático foco como meio de subjetividade. **Boletim da ABRALIN**, v. 21, 1997.

PEZATTI, E. G., CAMACHO, R. G. Aspectos funcionais da ordem de constituintes. **D.E.L.T.A.** São Paulo, v. 13, n. 2, 1997, p. 191-214.

PEZATTI, E. G., CINTRA, M. R. Os adverbais posicionados à margem esquerda na oração: uma interpretação funcionalista. **Estudos Lingüísticos**, v. 32, Taubaté, 2003.

POBLETE, M. T. El rol de los marcadores discursivos en el intercambio conversacional. **RLA – Revista de Lingüística Teórica y Aplicada**. Concepción (Chile), v. 34, 1996, p. 167-181.

POSSENTI, S. Ordem e interpretação de alguns advérbios do português. In: ILARI, R. **Gramática do português falado**. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, v. II, 1992, p. 305-313.

PRINCE, E. F. Toward a taxonomy of given-new information. In: COLE, P. (Ed.). **Radical Pragmatics**. New York: Academic Press, 1981.

RIOS DE OLIVEIRA, M. Ordenação de constituintes sob a perspectiva do Funcionalismo Norte-americano. **Estudos Lingüísticos**, v. 27, São José do Rio Preto, 1998, p. 449-452.

SIEWIERSKA, A. **Functional Grammar**. Londres/New York, Routledge, 1991.

SIEWIERSKA, A. Layers in Functional Grammar and Government Binding Theory. In: FORTESCUE, M., HARDER, P., KRISTOFFERSERN, L (Eds.). **Layered Structure and Reference in a Functional Perspective**. Amsterdam: John Benjamins, 1992, p. 409- 430.

SILVA-CORVALÁN, C. On the intonation of word order and intonation: some OV construction in Spanish. In: **Discourse Perspectives on Syntax**. New York: Academic Press, 1983.

SOUZA, E. R. F. A focalização dos constituintes adverbiais no interior da oração. In: **III Congresso Internacional da ABRALIN**. Faculdade de Letras/UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

_____. The behavior of focus adverbs in Brazilian Spoken Portuguese: a functional approach. In: **The 2003 International Course and Conference on Role and Reference Grammar**. São José do Rio Preto, 2003.

STECHOW, A. V. Focusing and Backgrounding Operators. In: Abraham, W. (ed.). **Discourse Particles: Descriptive and Theoretical Investigations on the Logical, Syntactic and Pragmatic Properties of Discourse Particles in German**. Amsterdam: Benjamins, 1991, p. 37-84.

SWAN, M. **Practical English usage**. Oxford: Oxford University Press, 1997.

TENANI, L. E. Os domínios prosódicos no português. **Tese de Doutorado em Lingüística**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2002.

TRAVAGLIA, L. C. O relevo discursivo no português falado. In: NEVES, M. H. M. **Gramática do Português Falado**. Editora da UNICAMP/FAPESP, 1999, p. 77-130.

VAN VALIN, R. D. Information structure, syntax and linking. In: **The 2003 International Course and Conference on Role and Reference Grammar**. São José do Rio Preto, p. 1-19, 2003.

VAN VALIN, R. D. Typology of the interaction of Focus Structure and Syntax. In: RAXILINA, E. & TESTELEC. **Typology and the Theory of Language**. Moscow, 1999.

VAN VALIN, R. D., LaPOLLA, R. Information structure. In: _____. **Syntax: structure, meaning and function**. Cambridge: University Press, 1997, p. 199-237.

VAN VALIN, R. D., WILKINS, D. **Predicting syntactic structure from semantic representations: *remember* in English and its equivalents in Mparntwe Arrernte**. In: VAN VALIN, R. JR. (ed.), 1993, p. 499-534.

VET, C. A pragmatic approach to tense in Functional Grammar. **Working Papers in Functional Grammar**, v. 16, 1986.

VIGÁRIO, M. C. **Aspectos da prosódia do português europeu: estruturas com advérbios de exclusão e negação frásica**. Braga: Universidade do Minho, 1998.

VISMANS, R. M. Pragmatic functions, special positions and accent in Dutch. In: CONNOLLY, J. H. *et alii*. **Discourse and Pragmatics in Functional Grammar**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997, p. 109-119.

YANG, B. S. Clause structure and NP accessibility of Korean internally headed relative clause in Role and Reference Grammar. In: KUNO, S. **Harvard Studies in Korean**. Seoul: Hanshin Publishing Co, 1993, p. 230-38.